

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE  
*CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS  
NÍVEL: MESTRADO

DANIELE BROCARDO

**MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO DE MADEIREIRAS: O PROCESSO DE  
EXTRAÇÃO DA FLORESTA NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE  
*CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS  
NÍVEL: MESTRADO

DANIELE BROCARDO

**MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO DE MADEIREIRAS: O PROCESSO DE  
EXTRAÇÃO DA FLORESTA NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História–PPGH, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades, sob a orientação do prof. Dr. Marcos Nestor Stein.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR

2015

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)**

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| B863m | <p>Brocardo, Daniele</p> <p>Memórias sobre a ação de madeireiras: o processo de extração da floresta no município de Cascavel/PR / Daniele Brocardo. - Marechal Cândido Rondon, 2015.</p> <p>134 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein</p> <p>Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2015.</p> <p>1. Cascavel (PR) - História. 2. Indústria madeireira - Oeste Paranaense (Mesorregião : PR) - História. 3. Oeste Paranaense (PR : Mesorregião) - Historiografia.. I. Stein, Marcos Nestor. II. Título.</p> <p>CDD 22.ed. 981.62</p> <p>CIP-NBR 12899</p> |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.

Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado

Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.



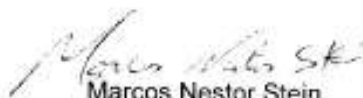
**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

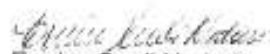
### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos quinze dias do mês de maio de 2015, às 9h, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr. Marcos Nestor Stein (orientador) (UNIOESTE), Drª Eunice Sueli Nodari (UFSC) e Dr. Nilceu Jacob Deitos (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho *"Memórias sobre a ação de madeiras: o processo de extração da floresta no município de Cascavel/PR"*, apresentado pela pós-graduanda **Daniele Brocardo** para a obtenção do título de "Mestra em História" no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Marcos Nestor Stein, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 15 de maio de 2015.



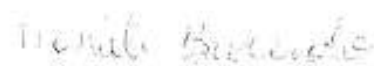
Marcos Nestor Stein  
Orientador



Eunice Sueli Nodari  
Membro



Nilceu Jacob Deitos  
Membro



Daniele Brocardo  
pós-graduanda



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
UNIOESTE**

**PARECER DESCRITIVO**

Título da Dissertação: *"Memórias sobre a ação de madeireiras: o processo de extração da floresta no município de Cascavel / PR".*

Nome do concluinte: Daniele Brocardo

Integrantes da Banca:

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein (orientador) (UNIOESTE);

Profª Drª Eunice Sueli Nodari (UFSC);

Prof. Dr. Nilceu Jacob Deitos (UNIOESTE).

Parecer:

|                                                                                                                                                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O trabalho contempla as exigências de uma dissertação de Mestrado em História. A banca resulta a pertinência da proposta para a historiografia da região sul do Brasil, contribuindo para a análise da história ambiental. |
| Marcos Nestor Stein                                                                                                                                                                                                        |
| Eunice Sueli Nodari                                                                                                                                                                                                        |
| Nilceu Jacob Deitos                                                                                                                                                                                                        |
|                                                                                                                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                            |

Marechal Cândido Rondon, 15 de maio de 2015.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer em primeiro lugar todos os entrevistados por terem cedido seu tempo e memórias para este estudo, sem suas contribuições o trabalho não teria ocorrido, obrigada!

Agradecer à CAPES pela bolsa de estudos.

Ao professor Dr. Marcos Nestor Stein pela orientação durante toda a graduação e mestrado.

A todos os professores da linha de Práticas Culturais e Identidades. De maneira especial à professora Méri Frotscher Kramer pela sua leitura e sugestões.

Ao incondicional apoio dado pelo professor Dr. Nilceu Jacob Deitos, na ajuda com as entrevistas, no estágio de docência e também pela participação e contribuições na banca de qualificação.

À secretária do Programa de Pós-Graduação, Iraci, pela atenção e disponibilidade.

Ao professor Douglas William Machado pela leitura e correções deste trabalho.

Aos membros da banca: Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari e o Prof. Dr. Nilceu Jacob Deitos, por suas leituras e sugestões enriquecedoras.

Aos meus colegas e amigos do curso de mestrado, em especial à Danielle, Mayara, Neli e Rosana.

Aos meus familiares, em especial meus pais, Amarildo e Diana, por todo apoio e amor. Aos meus irmãos, David e Carlos. À minha cunhada Daiane.

Ao meu amigo, Marceu, e às amigas Cintia, Kathelyn, Kellin, Shaieny e Thamara.

E ao meu grande amor Tiago A. Orben, pela companhia, leituras e incentivos.

## EPIGRAFE

*La Storia*  
Francesco de Gregori

*La storia siamo noi, nessuno si senta offeso,  
siamo noi questo prato di aghi sotto il cielo.  
La storia siamo noi, attenzione, nessuno si senta escluso.  
La storia siamo noi, siamo noi queste onde nel mare,  
questo rumore che rompe il silenzio,  
questo silenzio così duro da masticare.  
E poi ti dicono "Tutti sono uguali,  
tutti rubano alla stessa maniera".  
Ma è solo un modo per convincerti  
a restare chiuso dentro casa quando viene la sera.  
Però la storia non si ferma davvero davanti a un portone,  
la storia entra dentro le stanze, le brucia,  
la storia dà torto e dà ragione.  
La storia siamo noi, siamo noi che scriviamo le lettere,  
siamo noi che abbiamo tutto da vincere, tutto da perdere.  
E poi la gente, (perchè è la gente che fa la storia)  
quando si tratta di scegliere e di andare,  
te la ritrovi tutta con gli occhi aperti,  
che sanno benissimo cosa fare.  
Quelli che hanno letto milioni di libri  
e quelli che non sanno nemmeno parlare,  
ed è per questo che la storia dà i brividi,  
perchè nessuno la può fermare.  
La storia siamo noi, siamo noi padri e figli,  
siamo noi, bella ciao, che partiamo.  
La storia non ha nascondigli,  
la storia non passa la mano.  
La storia siamo noi, siamo noi questo piatto di grano*

*Fábrica*  
Legião Urbana

O céu já foi azul, mas agora é cinza  
O que era verde aqui já não existe mais.

## RESUMO

### Memórias Sobre a Ação de Madeireiras: O Processo de Extração da Floresta no Município de Cascavel/PR

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre as narrativas a respeito da ação das indústrias madeireiras entre as décadas de 1950 a 1970 (período de maior atividade destas) no município de Cascavel, localizado no oeste do Estado do Paraná. A dissertação se organiza em três capítulos: o primeiro é dedicado à análise de parte da historiografia sobre o município. Para tanto foram selecionados o livro de Alceu Sperança *Cascavel: a história*, reeditado em 2011, e o livro *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*, publicado em 2013, de Vander Piaia. Busca-se problematizar, nestas obras, os elementos que estão sendo afirmados na construção de uma história para o município junto à ação das madeireiras; no segundo capítulo a análise se concentra nas narrativas orais de alguns sujeitos que atuaram no setor madeireiro no período de 1950 a 1970. A metodologia utilizada consiste na História Oral. Foram analisadas quatro entrevistas produzidas no período de 2011 a 2013 com ex-proprietários e empregados do setor madeireiro. Procura-se, a partir das entrevistas, problematizar as diferentes relações travadas pelas madeireiras, seja com seus empregados, seja na extração da floresta, investigando ainda as distintas percepções deste processo, uma vez que, por mais que todos os entrevistados tenham trabalhado junto às madeireiras, a percepção sobre este processo tende a ter variações conforme suas ocupações: se desempenhavam a atividade de gerente, serrador, contador ou outras. Neste sentido, as entrevistas foram realizadas com diferentes sujeitos, escolhidos em função das diversas ocupações no trabalho de exploração da madeira; no último e terceiro capítulo a análise também se concentra nas narrativas dos sujeitos que atuaram no setor madeireiro, enfocando suas percepções sobre o meio natural e suas relações com os seres humanos. A partir das memórias destes sujeitos é possível investigar quais são suas percepções sobre a paisagem, como descrevem a fauna e a flora que os cercavam, os termos usados nesta descrição e como a concepção sobre o meio natural se modifica conforme o tempo, o espaço e o lugar social do entrevistado.

**PALAVRAS CHAVES:** Oeste do Paraná; Desmatamento; Setor madeireiro; História Oral; Historiografia sobre o oeste paranaense.

## ABSTRACT

### Memories on Wood Industry work: Forest extraction process in Cascavel/PR

This paper aims to discuss narratives regarding wood industry work between 1950 and 1970 (time of major activity), in Cascavel, located in Western Paraná. This dissertation is organized in three chapters: the first one analyzes the city historiography. For this purpose we selected works concerning this subject, such as Alceu Sperança's *Cascavel: a história*, reissued in 2011 and *Terra, Sangue e Ambição: a gênese de Cascavel*, published in 2013, by Vander Piaia. We look for a discussion concerning, according to these works, the city history being build over the wood industry action; on the second chapter the analysis is focused on oral narratives, regarding people who worked in the wood industry between 1950 and 1970. We use Oral History methodology. Interviews were conducted and analyzed from 2011 to 2013 with former owners and employees aiming to discuss the different relations between this industry and its employees, as well as its relation with deforestation itself, analyzing perceptions towards the process, since even if they worked together, their perceptions tend to vary according to their work positions, thus it is necessary to verify if the interviewed person was a manager, or a sawyer, accountant or something else inside his/her workplace. In this regard we interviewed several subjects, who were chosen according to their work positions; on the third chapter the analysis is also focused on these people's perception regarding their environment and its relations with human beings. From these memories it is possible to investigate which are their perceptions on the landscape, how they describe flora and fauna surrounding them, as well as the expressions used for these descriptions and how their ideas concerning environment are changed according to the interviewee's time, space and social position.

**KEYWORDS:** Western Paraná; Deforestation; Wood industry; Oral History; Western Paraná Regional Historiography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1. Fotografia do acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel-MIS. ....                                                                | 12  |
| FIGURA 2. Mapa da abrangência do estudo.....                                                                                                    | 13  |
| FIGURA 3. Dados da indústria de Cascavel dos anos 1966 e 1973. ....                                                                             | 25  |
| FIGURA 4. Recorte da tabela 1,2 – Indicadores da estrutura populacional, estrutura econômica e estrutura urbana, dos municípios do Paraná. .... | 26  |
| FIGURA 5. Capas dos livros de Alceu A. Sperança. ....                                                                                           | 31  |
| FIGURA 6. Fotografia do livro de Alceu A. Sperança de 1992. ....                                                                                | 32  |
| FIGURA 7. Fotografia do livro de Alceu A. Sperança de 2011. ....                                                                                | 33  |
| FIGURA 8. Reportagem sobre desmatamento. ....                                                                                                   | 41  |
| FIGURA 9. Fotografia do livro de Vander Piaia. ....                                                                                             | 53  |
| FIGURA 10. Município de Aripuanã do Estado do Mato Grosso. ....                                                                                 | 72  |
| FIGURA 11. Fotografia do acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel - MIS. ....                                                             | 80  |
| FIGURA 12. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1950.....                                                                           | 97  |
| FIGURA 13. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1965.....                                                                           | 98  |
| FIGURA 14. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1980.....                                                                           | 98  |
| FIGURA 15. Cópia da fotografia da família de Denardi e um cabrito. ....                                                                         | 105 |
| FIGURA 16. Fotografias tiradas na propriedade de Denardi. ....                                                                                  | 110 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                                             | 11  |
| CAPÍTULO 1- A HISTORIOGRAFIA RECENTE SOBRE CASCAVEL/PR:<br>NARRATIVAS SOBRE A AÇÃO DAS MADEIREIRAS.....                     | 24  |
| 1.1 A HISTORIOGRAFIA LOCAL E O PAPEL ATRIBUÍDO AO SETOR<br>MADEIREIRO .....                                                 | 24  |
| 1.2 “CASCAVEL A HISTÓRIA”: O QUE ESTÁ SENDO ESCRITO E PARA QUEM? ..                                                         | 29  |
| 1.3 “SERTÃO DO OESTE” E A FRONTEIRA: O DOMÍNIO DA NATUREZA .....                                                            | 43  |
| CAPÍTULO 2- EXPERIÊNCIAS DO DESMATAMENTO: MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO<br>DE MADEIREIRAS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR .....         | 57  |
| 2.1 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DE MADEIREIRAS NO PARANÁ .....                                                                    | 57  |
| 2.2 AS ENTREVISTAS, OS ENTREVISTADOS E SUA RELAÇÃO COM AS<br>MADEIREIRAS .....                                              | 59  |
| 2.3 RELAÇÕES DAS MADEIREIRAS CONTIDAS NAS MEMÓRIAS DOS AGENTES<br>DESTE PROCESSO .....                                      | 62  |
| CAPÍTULO 3 - PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO DE MADEIREIRAS:<br>NARRATIVAS SOBRE AS INTERAÇÕES HUMANOS/MEIO NATURAL..... | 93  |
| 3.1 CONCEPÇÕES SOBRE A RELAÇÃO HUMANOS/MEIO NATURAL .....                                                                   | 93  |
| 3.2 UM CAMINHO PARA UMA ANÁLISE DE MEMÓRIAS: A HISTÓRIA<br>AMBIENTAL.....                                                   | 95  |
| 3.3 “... ERA PINHO, PINHEIRO, DO QUAL HOJE NÃO EXISTE QUASE MAIS<br>NADA” .....                                             | 99  |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                                  | 123 |
| FONTES .....                                                                                                                | 126 |
| a) Impressas: .....                                                                                                         | 126 |
| b) Orais: .....                                                                                                             | 126 |
| c) Sites consultados:.....                                                                                                  | 127 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                                                                            | 130 |

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda aspectos da história do município de Cascavel<sup>1</sup>, localizado no Oeste do Estado do Paraná, que se encontram ligados à ação das indústrias madeireiras entre as décadas de 1950 a 1970 (período de maior atividade destas empresas no município), a partir de fontes orais e de textos produzidos sobre a história do município.

Compreende-se aqui por indústria madeireira o setor da atividade industrial que trabalha com o processamento da madeira<sup>2</sup>. No período estudado as madeireiras de Cascavel faziam uso majoritariamente dos seguintes processos: extração das árvores na floresta (nos primeiros anos da extração o pinheiro [*Araucaria angustifolia*], ou como era nomeado no período: pinho), transporte até os barracões das madeireiras, corte em tábuas de diferentes centímetros, tratamento químico e transporte até o Porto Fluvial de Foz do Iguaçu/PR, onde eram exportadas para a Argentina<sup>3</sup>.

Uns dos motivos<sup>4</sup> que levou à realização desta pesquisa foi o fato que durante o período da graduação em História atuei no projeto de extensão da UNIOESTE denominado *Ações para a higienização, catalogação e digitalização do acervo do Museu da Imagem e Som (MIS) do município de Cascavel*<sup>5</sup>. Neste projeto tive oportunidade de entrar em contato com diversas fotografias que retratavam a ação das madeireiras no município (ver a Figura 1). No entanto, por faltar muitas informações sobre as fotografias, como quem as produziu, com qual intenção, a data e o local, optei por não utilizá-las como objeto principal de análise, deixando isso para uma futura pesquisa.

---

<sup>1</sup> O município de Cascavel possui atualmente 305.615 habitantes. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/indicadores.php>>. Acesso em: 05/03/2015.

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria\\_madeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria_madeira)>. Acesso em: 20/05/2015.

<sup>3</sup> Além destes processos, nos relatos são apresentados a venda de madeira para caixaria para a construção da cidade de Brasília e o beneficiamento da madeira para a construção de casas, entre outras destinações. A classificação da madeira obedecia os seguintes parâmetros: primeira, segunda e terceira qualidade. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de pensar a ação das madeireiras de uma forma geral, sendo assim não é centralizada em apenas uma empresa.

<sup>4</sup> Talvez outro motivo que tenha me levado a realizar esta pesquisa foram as minhas próprias relações com as madeireiras. Quando já havia iniciado a pesquisa soube que meu pai, ainda na sua infância, havia trabalhado em uma serraria. Além disso, outro fator de influência foi o fato de residir muito próximo de algumas madeireiras, como a *Brasplac-Industrial Madeireira Ltda.*, que é situada no mesmo bairro em que moro, podendo ouvir todos os dias o apito do locomóvel utilizado para avisar a entrada e saída de seus trabalhadores.

<sup>5</sup> O município de Cascavel, através da Secretaria de Cultura em parceria com a UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná através do CEPEDAL (Núcleo de Pesquisa e Documentação Sobre o Oeste do Paraná) vem digitalizando as fotografias do Museu de Imagem e do Som de Cascavel e disponibilizando seu acesso por meio do site: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>>.



FIGURA 1. Fotografia do acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel-MIS.

Fonte: Acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>>. Acesso em: 30/06/2015.

Em relação ao espaço geográfico desta pesquisa, o município de Cascavel, sua emancipação política ocorreu no ano 1951, com seu desmembramento do município de Foz do Iguaçu. Mas a reocupação<sup>6</sup> da área que hoje forma o município foi iniciada já na década de 1930, aliada a um projeto de ocupação de fronteiras em âmbito nacional, denominado “Marcha para Oeste”<sup>7</sup>.

Inicialmente, seu território foi demarcado ao norte pelo Rio Piquiri e ao sul pelo Rio Iguaçu, mas com o passar dos anos seu tamanho foi reduzido pela emancipação de novos municípios<sup>8</sup>. As áreas atuais dos municípios que compunham o território de Cascavel abrangiam os municípios de Corbélia e Formosa do Oeste até o ano de 1961, Capitão Leônidas Marques até 1964, Cafelândia até 1979, Lindoeste até 1989, assim como parte do

<sup>6</sup> Empregamos o termo reocupação pelo fato da área onde se constitui o município de Cascavel ter sido ocupada anteriormente por indígenas e caboclos.

<sup>7</sup> “Marcha para o Oeste” se constitui em um projeto implantado pelo governo de Getúlio Vargas no final dos anos 1930, que propunha uma colonização dirigida, visando ocupar denominados “espaços vazios” (lugares ainda não ocupados por uma população desejada). Teve como consequência uma série de conflitos, sobretudo pela posse da terra. MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro* (1955-1957). Porto Alegre, 2007. 257 p. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 144-149.

<sup>8</sup> SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba: Iagarto, 1992. p. 132. SPERANÇA, Alceu A.; SPERANÇA, C. *Pequena história de Cascavel e do oeste*. Cascavel: J.S. Impressora LTDA., 1980. p. 89.

território dos municípios de Assis Chateaubriand até 1966, Nova Aurora até 1967 e Santa Tereza do Oeste até 1989<sup>9</sup> (ver a Figura 2).

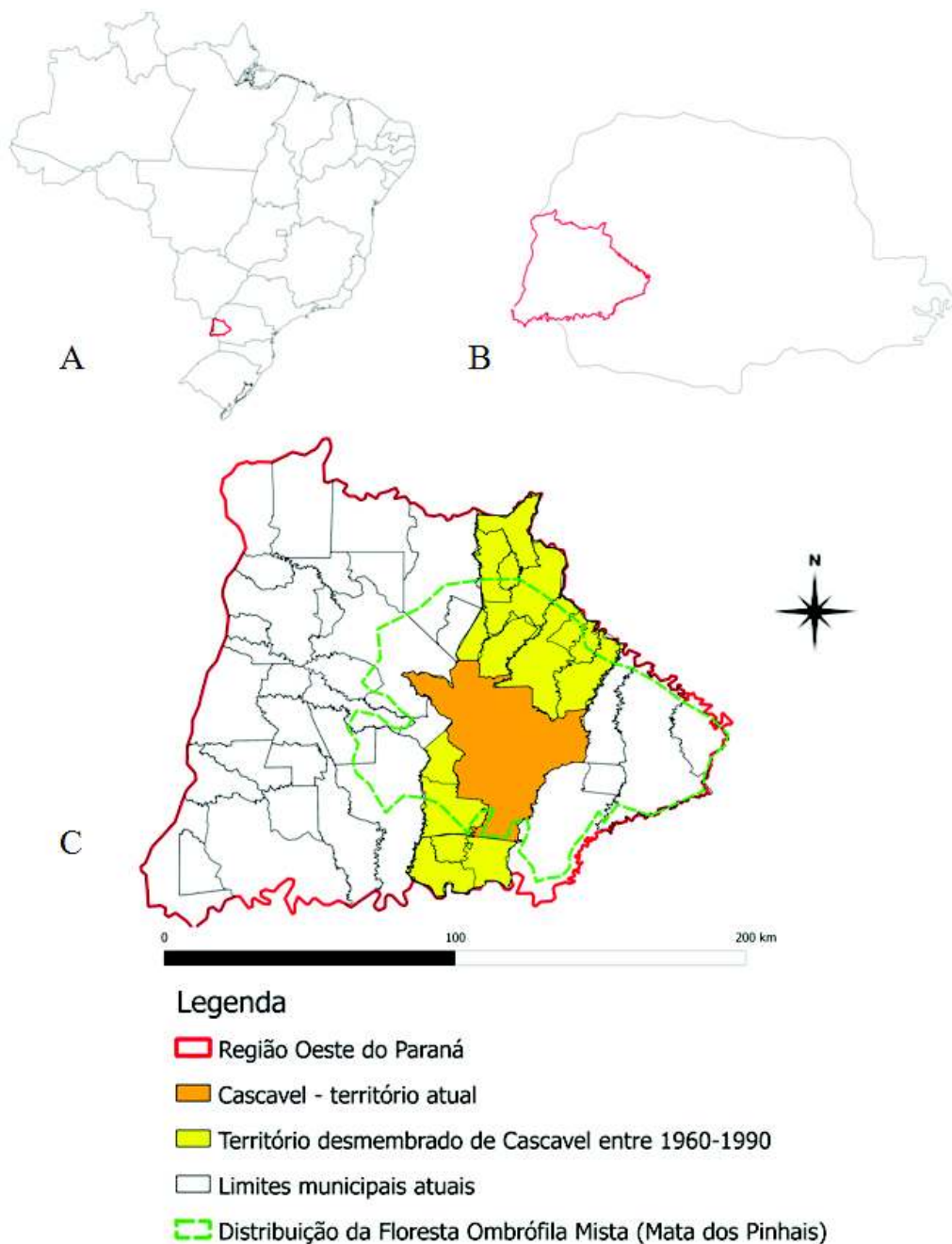


FIGURA 2. Mapa da abrangência do estudo: A) Localização da região geográfica do Oeste do Paraná no Brasil, e B) No Estado do Paraná. C) Localização da área de abrangência deste estudo (município de Cascavel entre as décadas de 1950 e 1970) na região Oeste do Paraná, com destaque para a distribuição da Floresta Ombrófila Mista, onde se concentrava a maior parte das madeireiras.

Fonte: Produzido pelo biólogo Carlos Rodrigo Brocardo, tendo como finalidade esta pesquisa.

<sup>9</sup> PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O. da C. P.; IWAKE, S. *Criação dos Municípios e Processos Emancipatórios*. Disponível: <[http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo\\_03.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo_03.pdf)>. Acesso em: 20/05/2013.

A vegetação da área que formava o município de Cascavel até o final da década de 1970 era composta basicamente pela Floresta Ombrófila Mista (FOM - formação que faz parte do bioma da Mata Atlântica), que é denominada muitas vezes como Mata dos Pinheiros<sup>10</sup> (ver Figura 2). A Araucária, ou pinheiro-do-paraná<sup>11</sup> (*Araucaria angustifolia*), era a árvore mais explorada nos primeiros anos pelas madeireiras, e atualmente é considerada uma espécie criticamente ameaçada de extinção<sup>12</sup>. Além do pinheiro esta vegetação é composta por espécies como a erva-mate, canela, guabiroba, angico, grábia, canafistula<sup>13</sup>.

A região também é constituída pela Floresta Estacional Semidecidual (FES - formação também pertencente ao bioma da Mata Atlântica), que se caracteriza por um clima subtropical úmido ou transição para temperado<sup>14</sup>. Este tipo de vegetação é composto de espécies como peroba-rosa, pau-marfim, cedro e palmeiras, como palmito e o jerivá.

A devastação destas vegetações perpassa a problemática da dissertação, pela compreensão de que está diretamente conectada à ação das madeireiras e à relação que existiu entre esta devastação e narrativas presentes em algumas publicações sobre a história de Cascavel. Tais publicações auxiliaram na produção de uma percepção: da necessidade de se “desbravar e civilizar os sertões selvagens” por meio da derrubada da floresta<sup>15</sup>.

Esta pesquisa vincula-se às discussões sobre questões ambientais, que ganham espaço nas discussões acadêmicas, políticas e sociais em âmbitos regionais e globais. Tais discussões estão atreladas à necessidade de pensar as mudanças ambientais como um problema a ser enfrentado, o que se deve às consequências relacionadas à biodiversidade e mesmo à qualidade de vida humana. A causa desta modificação de ecossistemas está na ação antrópica, na qual está inclusa a ação das empresas madeireiras, devido ao seu impacto no meio natural<sup>16</sup>.

<sup>10</sup> CASTELLA, P. R.; BRITZ, Ricardo, Mirando de. *A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

<sup>11</sup> Optei, ao referir-me à *Araucaria angustifolia*, por usar a denominação pinheiro-do-paraná ou pinheiro, não usando assim o seu nome científico *Araucaria* ou pinheiro-brasileiro, como também pode ser nomeada.

<sup>12</sup> Disponível em: <[www.iucnredlist.org](http://www.iucnredlist.org)>. Acesso em: 10/01/2013.

<sup>13</sup> CASTELLA, P. R.; BRITZ, Ricardo, Mirando de. op. cit., p. 78.

<sup>14</sup> BRITZ, Ricardo Mirando de. Aspectos ambientais a serem considerados na restauração da floresta com Araucária no Estado do Paraná. *Pesq. Flor. Bras*, Colombo, n. 55, jul/dez, 2007, p. 39.

<sup>15</sup> Narrativas semelhantes foram analisadas por Susana Cesco. Para mais informações, ver: CESCO, Susana. *Desmatamento e migração no Alto Vale do Rio do Peixe: discussões sobre “progresso” e transformação ambiental*. Florianópolis/SC, 2005, 135 p. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>16</sup> FUNDO das Nações Unidas: *Convention on biological diversity*. Nações Unidas: Nova Iorque, 1992, p. 28; MMA 2006. Pesquisa mostra crescimento da consciência ambiental no Brasil. IN: <http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm>. Acesso em: 15/11/2011.

Existem outros estudos que abordam temáticas semelhantes, tendo como recorte principal o Paraná. Destaco aqui os trabalhos realizados por Cezar Karpinski, professor da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), que realizou pesquisas com temas voltados para as relações históricas entre seres humanos e a natureza a partir de hidrelétricas, memórias, paisagens e rios; a dissertação de Marcelo Hansen Schlachta, denominada: *O MST e a questão ambiental: uma cultura política em movimento*<sup>17</sup>; e o trabalho realizado por Nicheli Rodrigues Santos, intitulado “*Meio Ambiente, use mas não abuse*”: concepções e práticas em educação ambiental da/na revista *Amigos da Natureza* (2001/2012)<sup>18</sup>.

Entre os diversos trabalhos realizados por Cezar Karpinski que têm como temática de análise as relações humanos/meio natural, destaco o artigo publicado na revista *Tempos Históricos* (incluso no dossiê *História e Natureza*<sup>19</sup>), intitulado *Paisagem, meio ambiente e História: cataratas do Iguaçu e recursos florestais na história do Paraná (1905-1914)*<sup>20</sup>. A proposta do autor neste artigo é “discutir a obra *Do Guayra aos saltos do Iguassú*, de Manoel de Azevedo da Silveira Netto, e suas interconexões com a história da região oeste do Paraná”, refletindo como as:

[...] construções discursivas ligadas às paisagens naturais das Cataratas do Iguaçu se relacionam com os problemas sociais e econômicos vigentes na época em que o autor morou na Colônia Militar da Foz do Iguaçu (1905) e no tempo da escrita e publicação do livro (1914). Ao descrever e constituir a paisagem das Cataratas do Iguaçu com a finalidade de divulga-la para o restante do Brasil, Silveira Netto acaba produzindo um documento histórico que possibilita historiar o início de um processo reflexivo sobre belezas/recursos naturais, conservação florestal e conflitos legais sobre domínios pela paisagem<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> SCHLACHTA, Marcelo Hansen. *O MST e a questão ambiental: uma cultura política em movimento*. Marechal Cândido Rondon, 2008, 179 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

<sup>18</sup> SANTOS, Nicheli Rodrigues. “*Meio Ambiente, use mas não abuse*”: concepções e práticas em educação ambiental da/na revista *Amigos da Natureza* (2001/2012). Marechal Cândido Rondon/PR. 2013. 192 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Gostaria de registrar também a publicação do dossiê *Meio Ambiente*, pela revista *Espaço Plural* durante o 2º semestre de 2011.

<sup>19</sup> Este dossiê publicado pela revista *Tempos Históricos*, do Programa de Pós-graduação em História e do Curso de Graduação em História da UNIOESTE, conta com 17 artigos.

<sup>20</sup> Este artigo é uma parte da tese de doutorado em História defendida por Karpinski na Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2011.

<sup>21</sup> KARPINSKI, Cezar. *Paisagem, meio ambiente e História: cataratas do Iguaçu e recursos florestais na história do Paraná (1905-1914)*. *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon. V. 15, p. 45-81. 2º semestre de 2011. p. 45.

Netto não era contra a exploração da natureza, mas defendia uma maior “preocupação com o futuro desta riqueza”<sup>22</sup>. Deste modo, a análise de Karpinski sobre a obra de Netto torna possível observar um processo anterior ao estudado neste trabalho, como demonstra a exploração do meio natural ocorrida no oeste do Paraná preliminarmente à ação das madeiras.

Marcelo Hansen Schlachta trabalha com “o processo de formação do MST, analisando como a agroecologia passa a ser pensada enquanto uma prática política de enfrentamento coletivo, oferecendo uma contraposição aos transgênicos, bem como ao agronegócio”<sup>23</sup>. Tais elementos são estudados a partir do caso “do Assentamento Antônio Companheiro Tavares, no município de São Miguel do Iguaçu [Paraná], que possui 79 famílias assentadas na área e é tido pelo MST como referência em Agroecologia”<sup>24</sup>. O assentamento foi fundado no ano de 1998 a partir da ocupação de uma fazenda pertencente ao *Grupo Bamerindus*<sup>25</sup>.

O autor trabalha a agroecologia como uma noção que se estabelece em oposição ao agronegócio, que se dá em função da:

[...] condenação da concentração de terras, no uso extensivo das mesmas no monocultivo, além da dependência em produtos químicos, que degradam o solo e tendem a oferecer riscos ao meio ambiente e a saúde humana. Outro aspecto que é combatido pela agroecologia contempla aspectos sociais, uma vez que a mesma se coloca contra a exploração do trabalhador rural e a produção voltada prioritariamente para o mercado, e não para o consumo próprio<sup>26</sup>.

A defesa agroecológica se coloca em contraposição a elementos que moldam o atual e dominante meio de produção rural, o agronegócio, observado no país como um todo. Isso se tornou visível no oeste do Paraná a partir, principalmente, da atuação das indústrias madeiras. Assim, o trabalho realizado por Marcelo Hansen Schlachta nos possibilita pensar o processo posterior ao estudado aqui.

Já o trabalho de Nicheli Rodrigues Santos tem como problemática central as práticas e concepções sobre Educação Ambiental, contidas na revista *Amigos da Natureza*, produzida em Marechal Cândido Rondon/PR, de propriedade do empresário Arno Kunzler. Ela começa

---

<sup>22</sup> Id. Ibid., p. 63-64.

<sup>23</sup> SCHLACHTA, Marcelo Hansen. *O MST e a questão ambiental: uma cultura política em movimento*. Marechal Cândido Rondon, 2008, 179 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), p. 07.

<sup>24</sup> Id. Ibid. p. 07.

<sup>25</sup> Id. Ibid. p. 13.

<sup>26</sup> Id. Ibid. p. 23.

a ser distribuída para quase todos os estados do país a partir do ano de 2002. Segundo a autora a revista surgiu em um “momento em que poderes públicos locais buscavam desconstruir a imagem do Oeste do Paraná como espaço de destruição e visavam consolidar a de uma região que saberia desenvolver e cuidar da natureza ao mesmo tempo”<sup>27</sup>.

Nicheli R. Santos escreveu que uma das motivações que a levou a optar por tal pesquisa foi a seguinte questão: “O que tem significado falar de meio ambiente e EA [Educação Ambiental] no Oeste do Paraná?”<sup>28</sup>. Tal questionamento se deve ao seu trabalho anterior, sobre o museu Willy Barth do município de Toledo/PR, vizinho de Cascavel, no qual percebeu que mesmo que o museu participasse de projetos que buscavam trabalhar com as questões atuais, voltadas para a “preocupação em relação ao meio ambiente”<sup>29</sup>, estas eram ignoradas na apresentação aos visitantes e era preferido exaltar o discurso dos “pioneiros desbravadores”<sup>30</sup>. Tais questões se assemelham a alguns aspectos da historiografia sobre a história do município de Cascavel, bem como a dos municípios vizinhos.

Sobre as empresas madeireiras no Estado do Paraná, o texto de Aida Mansani Lavallo, *A madeira na economia paranaense*<sup>31</sup>, constitui-se como importante trabalho sobre o assunto. A autora analisa a economia gerada pela exploração da madeira no Estado do Paraná a partir do século XIX. Entretanto, segundo Lavallo, a importância da madeira paranaense voltada para o mercado externo cresceu só após a Primeira Guerra Mundial, na década de 1920, não suprimindo ainda as necessidades de todo o mercado interno brasileiro, que continuava importando madeira europeia<sup>32</sup>.

A maior expansão da indústria madeireira paranaense ocorreu em sequência à Segunda Guerra Mundial, em parte para a reconstrução da Europa e em parte pela mudança do Brasil e da Argentina de importadores de madeira para exportadores para aquele continente. A Argentina passou a ser exportadora de madeira para a Europa após instalar várias unidades de industrialização da madeira que importava do Brasil, configurando-se na época como maior comprador externo de madeira do Paraná. Porém, segundo Lavallo, foi o mercado interno brasileiro que teve importância maior no consumo da madeira paranaense<sup>33</sup>.

---

<sup>27</sup> SANTOS, Nicheli Rodrigues. “Meio Ambiente, use mas não abuse”: concepções e práticas em educação ambiental da/na revista *Amigos da Natureza* (2001/2012). Marechal Cândido Rondon/PR. 2013. 192 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), p. 09.

<sup>28</sup> Id. Ibid., p. 15.

<sup>29</sup> Id. Ibid., p. 15.

<sup>30</sup> Id. Ibid., p. 15.

<sup>31</sup> LAVALLO, A. M. *A madeira na economia paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1981.

<sup>32</sup> Id. Ibid., p. 13-14.

<sup>33</sup> Id. Ibid., p. 49-70.

Sobre a exportação da madeira através do porto de Foz de Iguaçu, a autora afirma que isso dependeu da “exploração intensiva das matas do sudoeste e extremo oeste do Paraná”<sup>34</sup> e que cresceu após a década de 1950, pois neste período já era notável o esgotamento das reservas de pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) na região centro-sul. Assim, ocorreu o deslocamento da exploração da floresta para outras regiões do Estado<sup>35</sup>.

Dennison de Oliveira, em *Urbanização e Industrialização no Paraná*, destacou o fim do processo de exploração da floresta nativa já na década de 1970 no Estado do Paraná como um todo:

O resultado foi a virtual destruição dessas matas, das quais hoje só podemos observar umas poucas áreas remanescentes, geralmente em regiões de difícil acesso, como a Serra do Mar, protegida por lei como reserva natural desde 1986. Por volta do fim da década de 70, a exploração da madeira nativa se encontrava virtualmente esgotada. A partir daí, as serrarias passariam a trabalhar com proporções cada vez maiores de madeira, oriunda de fora do Estado ou de reservas florestais mantidas por elas mesmas<sup>36</sup>.

Oliveira afirmou que o fim do processo de exploração da madeira no Paraná ocorreu por conta do término das reservas de mata nativa e destacou, ainda, que poucas reservas existentes hoje se encontram em lugares protegidos por lei. É possível observar isso próximo ao município de Cascavel, no Parque Nacional do Iguaçu, criado em 1939, que abriga o maior remanescente da floresta Mata Atlântica (estacional semidecidual) da região sul do Brasil<sup>37</sup>.

As informações apresentadas pelos autores supracitados são importantes, pois possibilitaram delimitar um dos recortes temporais desta pesquisa. Do início da exploração das florestas de forma mais intensa durante a década de 1950, na região oeste do Estado do Paraná, até a diminuição desta exploração durante a década de 1970.

Sobre o processo da ação das madeireiras no oeste do Estado do Paraná, mais especificamente no município de Cascavel, existem algumas pesquisas como a monografia de Ediane Teresinha Dumke, da área de Ciências Econômicas, nomeada *A importância do ciclo madeireiro nos primórdios da colonização da região oeste do Paraná: 1930-1970*<sup>38</sup>, orientada por Vander Piaia.

<sup>34</sup> Id. Ibid., p. 18.

<sup>35</sup> Id. Ibid., p. 18.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Dennison de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001, p. 32.

<sup>37</sup> Informações em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/36-patrimonio-natural-da-humanidade.aspx>>. Acesso em: 10/06/2014.

<sup>38</sup> DUMKE, Ediane Teresinha. *A importância do ciclo madeireiro nos primórdios da colonização da região oeste do Paraná: 1930-1970*. Cascavel, 2004. Trabalho acadêmico (TCC) - Curso de Ciência Econômica, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

A autora busca justificar a importância econômica das madeireiras no que chama de os “primórdios da colonização” do oeste do Paraná, atribuindo a estas empresas papel fundamental para o “desenvolvimento populacional e econômico”<sup>39</sup> desta área do Estado. O texto de Dumke não se distingue significativamente dos outros textos existentes sobre a história regional.

Outro trabalho sobre o assunto foi elaborado por Maicon Mariano, mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, que escreveu o artigo intitulado *Sociedade e meio ambiente: discursos sobre a “era da madeira”*. O autor, a partir de várias fontes, aborda de forma sucinta como este processo se integra aos discursos que compõem a história local como: “Era da madeira”<sup>40</sup> de 1945 a 1970.

Entre as fontes que Mariano trabalhou estão os jornais locais: *Fronteira do Iguaçu* (1971-1981) e o jornal *O Paraná* (1976 até os dias de hoje), a partir de reportagens sobre a “crise que o setor madeireiro vivia em fins dos anos 1970”<sup>41</sup>. Os jornais relacionavam o fim da denominada “era da madeira”, com a exaltação da produção de soja que começava a ganhar espaço. Segundo o autor, tais reportagens “trataram de formalizar e difundir conceitos explicativos para a história do local”<sup>42</sup>.

O autor analisou também um trecho da obra *Cascavel: a história*, produzida em 1992 por Alceu Sperança e uma parte da tese de doutorado em História de Vander Piaia, de 2004. O autor caracteriza estes escritores como “memorialistas”, por escreverem de forma saudosista sobre o período caracterizado como “era da madeira” e por narrarem “de um ponto de vista positivo da história dividida em ciclos econômicos”<sup>43</sup>.

Além destas duas fontes, o autor utiliza algumas fotografias sobre o período, disponíveis no Museu de Imagem e do Som de Cascavel, para demonstrar as mudanças ocorridas nas casas e prédios do município. Se antes eram em sua maioria construções de madeira, a partir da década de 1970 são substituídas por edificações em alvenaria, uma mudança, segundo o autor, fruto do ideal da modernidade:

[...] o modelo da cidade foi rapidamente transformado, a edificação de equipamentos urbanos: Avenidas, iluminação pública, edifícios, guardados pela população como marcas da modernidade, empregaram novas formas para o tecido urbano, talvez mais próximas de símbolos como Brasília,

<sup>39</sup> Id. Ibid., p. 01.

<sup>40</sup> MARIANO, Maicon. *Sociedade e Meio Ambiente: discursos sobre a “Era da madeira”* In: 2º Simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2012, Florianópolis. *Anais*: Florianópolis, 2012, p. 161.

<sup>41</sup> Id. Ibid., p. 161.

<sup>42</sup> Id. Ibid., p. 167.

<sup>43</sup> Id. Ibid., p. 161.

capital federal, ou Curitiba capital paranaense. Sendo assim, esses movimentos contribuíram, juntamente com a escassez dos recursos naturais, a formação de latifúndios agrícolas mecanizados, ao que pode ser interpretado como espaço de transformação da “era da madeira”<sup>44</sup>.

Maicon Mariano ressaltou, por meio destas transformações estruturais pelas quais o município passou (nas construções, nas propriedades agrícolas, entre outras alterações) a variação nos elementos discursivos que moldam a cidade, deixando assim de ser a madeira o sinônimo de Cascavel.

Outra fonte trabalhada no texto por Mariano é uma entrevista produzida com Alcindo Carneiro e sua esposa Irene Rossi Carneiro, ambos trabalhadores neste processo de exploração madeireira. Segundo o autor, a análise da entrevista permitiu ir “além dos sentidos de nostalgias, desenvolvimentistas, bem como valores apreciando os feitos do ‘desbravador’, ou dos ‘destruidores’”<sup>45</sup>. Destarte, a entrevista permitiu uma análise do processo de forma diversa da constituída pelos jornais ou pela a historiografia local.

A importância de todos estes trabalhos sobre indústrias madeireiras no Estado do Paraná, ou, mais especificamente, no município de Cascavel, está nos dados levantados e na pequena quantidade de trabalhos existentes sobre o assunto. Assim, esta pesquisa visa contribuir para o debate sobre esse tema e, ao trabalhar com a história oral, procura discutir novas dimensões do processo, bem como busca questionar o entendimento da valorização da ação das madeireiras para o município de Cascavel.

No primeiro capítulo a análise se concentra nas narrativas produzidas pela historiografia local, por entender que é recorrente nas obras que tratam especificamente da história do município de Cascavel o enaltecimento das madeireiras como agentes majoritários para a constituição do território e do desenvolvimento econômico do novo município.

Foram selecionados o livro de Alceu Sperança *Cascavel: a história*, reeditado em 2011, e o livro *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*, publicado em 2013, de Vander Piaia. Tais obras são as mais recentes desta historiografia e seus autores são considerados referenciais básicos para os estudos que trabalham a história de Cascavel.

No entanto, cabe registrar que tais autores têm formações e atuação distintas. Sperança produziu suas obras com o apoio da prefeitura. Portanto, não se trata de uma pesquisa que parte da academia. Já a obra de Vander Piaia é adaptada da sua tese de doutorado em História,

---

<sup>44</sup> Id. Ibid., p. 171-172. Estes elementos sobre a transformação urbana que a cidade de Cascavel passou após a década de 1970 até 2010 são melhor abordados na sua dissertação de mestrado em História defendida em 2012 na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

<sup>45</sup> Id. Ibid., p. 176.

defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF). Cabe lembrar também que a ação das madeireiras não se constituiu no objeto principal da pesquisa de nenhum destes autores. Mas, em ambas são exaltados os discursos do pioneiro, do progresso, do sofrimento que os migrantes tiveram que passar e de como foram vitoriosos sobre o meio natural.

Na análise destas obras procuramos perceber como os autores apresentam uma história do município de Cascavel ligada à ação das madeireiras e como ocorre a construção de uma noção identitária do município e de seus moradores atrelada a tais indústrias, o que, como toda identidade, é marcado pela diferença<sup>46</sup>.

Segundo Kathryn Woodward, em *Identidade e diferença*, uma discussão central sobre a identidade está fundamentada no seu essencialismo, que pode ser construído tanto pelos elementos de uma história comum, como pela biologia<sup>47</sup>. Estes elementos estão ligados à necessidade de “afirmação política das identidades [que] exige alguma forma de autenticação. Muito frequentemente essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão”<sup>48</sup>. De tal modo, a busca por uma história comum para os moradores de Cascavel junto à ação das madeireiras parece estar dentro da lógica do essencialismo na formação da identidade.

No segundo capítulo investigamos, a partir de entrevistas orais produzidas entre 2011 e 2013, as distintas percepções de sujeitos que atuaram na indústria madeireira sobre as relações travadas nestas empresas e por estas. Assim, são problematizadas as diversas relações das indústrias madeireiras, seja com seus empregados, seja com os proprietários da terra de onde eram retiradas as árvores ou com seu modo de produção.

Boa parte das relações estudadas ocorria através do modo como eram organizadas as empresas madeireiras, compostas por serrarias, que tinham ao seu redor vilas construídas a partir das casas de seus trabalhadores. Essas vilas, de modo equivalente a outras regiões, “possuíam estrutura semelhante a um pequeno povoado, com igreja, escola, salão de festas e armazém para atender a população do entorno”<sup>49</sup>. Outras das relações estudadas ocorreram a partir da atividade madeireira com os proprietários das terras de onde eram retiradas as árvores.

---

<sup>46</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T.(org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 09.

<sup>47</sup> Id. Ibid., p. 15.

<sup>48</sup> Id. Ibid., p. 25.

<sup>49</sup> FERRI. Gil Karlos; NODARI. Eunice Sueli; MORETTO. Samira Peruchi. A indústria madeireira e os impactos socioambientais em Anita Garibaldi SC (Século XX). In: 3º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2014, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: 2014. p. 69.

As entrevistas foram realizadas com sujeitos escolhidos pelas diversas ocupações no trabalho de exploração da madeira. Pois, por mais que todos os entrevistados tenham trabalhado em um mesmo processo, a percepção sobre este tende a ter variações conforme suas ocupações: se desempenhavam a função de gerente, serradores, contadores ou outras atividades.

Os entrevistados foram os seguintes: Fernandes José Liberali e seu filho Gilmar Liberali, antigo proprietário de uma serraria; Paulino Denardi, que desempenhara várias funções dentro das serrarias em que trabalhou até atuar como gerente; Amador Franceis e sua esposa Oneide Frizzo Franceis que, após trabalhar para várias empresas, constituiu sua própria; e Jeronimo Rodrigues que atuou em diversos locais, exercendo diferentes funções. Destaca-se, assim, a expressividade da história oral, que possibilita entender as diferentes relações travadas pelas madeireiras sobre o ponto de vista de sujeitos que atuaram no processo.

Sobre as fontes empregadas, cabe dizer que a história oral se diferencia das outras metodologias, entre outros motivos, por possibilitar um novo olhar sobre os eventos, como escreveu Alessandro Portelli no texto *O que faz a história oral diferente*:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas [...]<sup>50</sup>.

Portanto, o uso da história oral possibilita estudar eventos não hegemônicos na historiografia. Além disto, permite também trabalhar com as memórias de sujeitos que efetivamente participaram deste processo. Entendemos a memória como descreve Pollak, a partir de Halbwachs, com algo individual, mas, também, coletivo:

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz história oral diferente. *Proj. História*, São Paulo, vol. 14, 1997, p. 31.

<sup>51</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, V. 5. N 10, 1992, p. 201.

A memória é um elemento constituído socialmente, que varia conforme o espaço e tempo nos quais o sujeito está inserido. É possível pensar como sujeitos que atuaram no setor madeireiro, entre as décadas de 1950 a 1970, elaboram suas memórias no período dos anos de 2011 a 2013, submetendo-as às transformações que ocorreram na sociedade.

No terceiro e último capítulo a proposta é investigar como estes sujeitos percebem a ação das madeiras em relação ao meio natural: quais são as percepções demonstradas a partir de suas memórias sobre as relações deste meio com os seres humanos?

Ao analisar estas memórias é necessário ter claro o que adverte José Augusto Pádua, em seu texto *As bases teóricas da história ambiental*: a ideia que propõe a ação humana como um agente de degradação do mundo natural é um pensamento moderno, “a modernidade da questão ambiental – dá ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical e inescapável para a continuidade da vida humana – deve ser entendida em sentido amplo”<sup>52</sup>. Assim, Pádua aponta que é só a partir de vários fatores que este pensamento começa a ter sentido, com a “expansão colonial europeia”, “a incorporação de vastas regiões do planeta”, entre outros fatores “macro-históricos”<sup>53</sup>.

Neste capítulo também procuramos observar qual é a compreensão demonstrada por estes sujeitos sobre a paisagem com a qual se defrontavam. Como escreveu Simon Schama em seu livro *Paisagem e Memória*:

E, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.<sup>54</sup>

Ao analisar as memórias destes sujeitos é possível compreender como descrevem a paisagem, quais os termos usados nesta descrição e se esta percepção se modifica conforme a interação que cada entrevistado teve com o meio natural, a partir da ação das madeiras.

---

<sup>52</sup> PÁDUA, José Augusto. *As bases teóricas da história ambiental*. *Estudos Avançados*, São Paulo, V. 24, nº 68, Fevereiro, 2010, p. 83.

<sup>53</sup> Id. Ibid., p. 83.

<sup>54</sup> SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 16-17.

## CAPÍTULO 1- A HISTORIOGRAFIA RECENTE SOBRE CASCAVEL/PR: NARRATIVAS SOBRE A AÇÃO DAS MADEIREIRAS

### 1.1 A HISTORIOGRAFIA LOCAL E O PAPEL ATRIBUÍDO AO SETOR MADEIREIRO

Neste capítulo são analisadas duas obras da historiografia local, com objetivo de entender como a ação das madeireiras no município de Cascavel, no período entre 1950 e 1970, vem sendo interpretada e associada a uma história do município.

A primeira obra é uma nova edição revisitada e, segundo o autor, atualizada, do livro *Cascavel: a história*, publicada em 2011, de Alceu A. Sperança<sup>55</sup>. A segunda é a obra, *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*, publicada em 2013, de Vander Piaia.

A seleção de tais textos para análise ocorreu, também, pela possibilidade de problematizar a visão de que este processo, de ação das madeireiras, foi fundamental para a transformação de Cascavel em município e para o seu desenvolvimento econômico.

É possível examinar o porquê destas atribuições às madeireiras, pois se analisarmos outras fontes podemos observar que a indústria madeireira era o empreendimento com o maior número de empresas, quando comparado com outros setores da indústria no período estudado. No *Indicador profissional e informativo de Cascavel*<sup>56</sup>, produzido no final da década de 1950, observa-se que naquele ano havia 14 serrarias no município. Em 1973, Willy Fauth, no texto intitulado *Tudo sobre Cascavel*, apresenta um quadro de indústrias existentes no município nos anos de 1966 e de 1973, quando o número destas empresas também era superior às demais. Fauth escreveu que no ano de 1966 existiam no município 21 beneficiadoras de madeira, 09 laminadoras, 07 fábricas de móveis e 67 serrarias. Já em 1973 existiam 22 beneficiadoras de madeira, 08 laminadoras, 22 fábricas de móveis e 56 serrarias<sup>57</sup>. Com exceção da fábrica de móveis e as beneficiadoras de madeira, o restante das atividades da indústria madeireira apresentou uma diminuição neste último ano (ver Figura 3).

Em 1975, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) apresentou em seu relatório sobre as áreas industriais no Paraná uma tabela correspondente ao ano de 1971, com dados sobre a participação relativa da agroindústria, na qual está incluída a

<sup>55</sup> A obra de Alceu A. Sperança foi publicada no ano de 2011, data que consta em sua capa. Entretanto, a data que consta em sua ficha catalográfica, ainda que riscada a lápis, é do ano de 2007. Optamos por utilizar aqui a primeira data, já que foi nesta que se tornou de conhecimento público.

<sup>56</sup> Trata-se de um material semelhante a um recorte de anúncios de jornal, supostamente produzido pela prefeitura para divulgar as empresas, os comércios e profissões existentes na cidade. A data mais provável para sua produção é o ano de 1957. Ele se encontra, de forma impressa e digital, no Museu de Imagem e do Som de Cascavel (MIS): <<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>>.

<sup>57</sup> FAUTH, Willy. *Tudo Sobre Cascavel: história, comércio, indústria, poder público, entidades, informações, estatísticas*. Toledo: Grafo - set, V. 1, nº 2, 1973, p. 54.

indústria madeireira na economia dos municípios do Estado. Nesta tabela pode-se verificar a porcentagem atribuída às indústrias que trabalhavam com madeira no município de Cascavel, o valor é 86. Podemos verificar também o número da população total existente durante a década 1970 no município: 90.855 moradores (ver Figura 4)<sup>58</sup>. Estes dados são importantes por possibilitarem a verificação do número significativo de indústrias madeireiras no período estudado, bem como sua participação na economia do município.

54

## INDUSTRIA

O Município de Cascavel mostra o seguinte quadro de indústrias:

| <u>T I P O S</u>              | <u>EXISTENTES EM</u><br><u>1.966</u> | <u>1.973</u> |
|-------------------------------|--------------------------------------|--------------|
| Artefatos de cimento.....     | 2                                    | 6            |
| Indústrias de Bebidas.....    | 3                                    | 6            |
| Beneficiamento de Madeiras... | 21                                   | 22           |
| Beneficiamento de Cereais.... | 21                                   | 30           |
| Confeitarias e Padarias.....  | 9                                    | 13           |
| Construtoras.....             | 7                                    | 11           |
| Gráficas.....                 | 3                                    | 7            |
| Implementos Agrícolas.....    | -                                    | 6            |
| Laminadoras.....              | 9                                    | 8            |
| Metalúrgicas.....             | 3                                    | 15           |
| Fábrica de Móveis.....        | 7                                    | 22           |
| Olarias.....                  | 8                                    | 5            |
| Pedreiras.....                | 2                                    | 5            |
| Serrarias.....                | 67                                   | 56           |
| Diversas.....                 | 20                                   | 41           |
| <b>T O T A I S .....</b>      | <b>182</b>                           | <b>262</b>   |

FIGURA 3. Dados da indústria de Cascavel dos anos 1966 e 1973.

Fonte: FAUTH, Willy. *Tudo sobre Cascavel: história, comércio, indústria, poder público, entidades, informações, estatísticas*. Toledo: grafo - set, vol. 1, nº 2, 1973, p. 54.

<sup>58</sup> Censo Demográfico-1970-IBGE. In: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social-IPARDES. *Áreas de indústrias no Paraná: situação atual e algumas orientações a municípios*. Curitiba, 1975, p. 1-5.

| CÍRCULOS INDUSTRIAIS | POPULAÇÃO (1970) |        |               | PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA AGRO-INDÚSTRIA SOBRE O VALOR ADICIONADO - (1971) |             |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          |                          | INDICADOR DA ANÁLISE FATORIAL |                          |                          |                          |         |
|----------------------|------------------|--------|---------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|---------|
|                      |                  |        |               | VALOR ADICIONADO (C\$1.000,00)                                            | 1           | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        | 6                        | 7                        | 8                        | 9                        | 10                       | 11                       | 12                       | 13                       | 14                            | FATOR I                  | FATOR II                 | FATOR IV                 | FATOR V |
|                      | TOTAL            | URBANA | URB./TOT. (%) | SEMIEL. DE CEREJAS                                                        | PARAFRASEIA | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS      | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS | PARAFRASEIA DE ALIMENTOS |         |
| CASCADEL - GUATIRA   | 237.484          | 69.749 | 29            | 66.280                                                                    | 7           | 46                       | 42                       | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | 3                        | =                        | =                        | 1                        | 7,5                      | 5,0                           | = 0,3                    | 0,9                      |                          |         |
| CASCADEL             | 90.855           | 35.923 | 40            | 29.509                                                                    | 11          | 86                       | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | 3                        | 15,7                     | 8,4                           | = 2,1                    | 1,7                      |                          |         |
| TOLEDO               | 69.642           | 15.306 | 22            | 24.090                                                                    | =           | 13                       | 7                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | 10,3                     | 8,6                           | = 1,2                    | 2,4                      |                          |         |
| MAR. CÂNDIDO RONDON  | 44.037           | 7.281  | 17            | 9.480                                                                     | 15          | 6                        | 5                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | 4                        | 2,4                      | 3,0                           | = 0,1                    | 0,1                      |                          |         |
| GUATIRA              | 32.950           | 11.239 | 34            | 3.209                                                                     | =           | 59                       | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | =                        | 41                       | =                        | =                        | =                        | 1,3                      | 1,9                           | = 2,3                    | 0,4                      |                          |         |

FIGURA 4. Recorte da tabela 1,2 – Indicadores da estrutura populacional, estrutura econômica e estrutura urbana, dos municípios do Paraná. Aqui são apresentados os dados de Cascavel (com destaque pela linha amarela), Toledo, Marechal Cândido Rondon e Guaíra.

Fonte: Censo Demográfico - 1970 - IBGE, In: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. *Áreas de indústrias no Paraná: situação atual e algumas orientações a municípios*, Tabela 1, 2 – Indicadores da estrutura populacional, estrutura econômica e estrutura urbana. Curitiba, 1975.

Mas, para os autores estudados, o papel do setor madeireiro ia além do grande número de empresas existentes. Para Alceu Sperança, em *Cascavel: a história de 1992*, o crescimento populacional de 79,77% ao ano no município durante a década 1950 estaria associado à presença das madeiras, o que teria, inclusive, influenciado a criação deste, por meio da Lei Estadual 790/51 e sua efetivação em 14 de dezembro de 1952. Em 1955 existiam 43 indústrias madeireiras no município, o que era um dos fatores de atração populacional<sup>59</sup>.

Para entender estas afirmações pode-se analisar como o período estudado foi visto na história nacional. Marlise Regina Meyrer, que estudou as representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* em tal período, escreve que:

<sup>59</sup> SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba: Lagarto, 1992, p. 131-168.

Os anos 50 foram o período, portanto, em que, no Brasil, o discurso em torno do desenvolvimento nacional foi posto na agenda, sobretudo, na segunda metade da década. Havia um consenso entre elites políticas e econômicas, intelectuais e opinião pública de que o país vivenciava profundas transformações e, mesmo passando por crises econômicas conjunturais, ele estava “em desenvolvimento”, fase intermediária que conduziria a uma estrutura capitalista plenamente desenvolvida.<sup>60</sup>

A década de 1950 se configurava no imaginário brasileiro como um período de desenvolvimento. Em 1956 tomava posse como presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira, o *slogan* empregado pelo seu governo representou este imaginário de desenvolvimento que dominava o país: “cinquenta anos em cinco”<sup>61</sup>. O período também ficou marcado pela a questão da modernização. Segundo Reinaldo Lindolfo Lohn, em seu artigo *Mitologias do desenvolvimento - extensão rural e modernização*:

O tema da modernidade ganhava corpo e se transformava, desde então, numa idéia-chave para a compreensão de aspectos da cultura política brasileira e, mesmo, do desenrolar das disputas sociais em torno da implementação de determinadas opções de desenvolvimento.<sup>62</sup>

Para Lohn, a ideia de modernidade em voga na década de 1950 e 1960 estava ligada ao campo e havia forte crença em “[...] que a modernização do país se daria através da superação das dicotomias entre campo e cidade ou atraso e modernidade, seja através do Estado ou pela ação empreendedora liberal”<sup>63</sup>.

No estado do Paraná discursos desta ordem, opondo “atraso” e o “novo”, também eram proferidos no governo de Ney Braga durante a década de 1960. Tais discursos propagandeavam “a necessidade de modernizar e industrializar o Paraná”<sup>64</sup>, a partir do que ocorreu no cenário nacional, um processo de industrialização “desencadeado na década de 1950”<sup>65</sup>.

Tais elementos de dicotomia também são visíveis na historiografia estudada aqui. Adjacente à ideia do papel fundamental do setor madeireiro para a transformação de Cascavel

<sup>60</sup> MEYRER, Marlise Regina. op. cit., p. 14. No Estado do Paraná assumia seu segundo mandato como governador Moysés Lupion.

<sup>61</sup> FELIPPI, Eduardo Ernesto. *Reforma agrária: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 79.

<sup>62</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Mitologias do desenvolvimento - extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960)*. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, nº 18, 1º semestre 2008. p. 09.

<sup>63</sup> Id. Ibid., p. 10.

<sup>64</sup> MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no oeste paranaense (1961/66)*. Niterói/RJ, 2002. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, p. 128.

<sup>65</sup> Id. Ibid., p. 124.

em município, a historiografia apresenta uma visão de oposição entre uma “área selvagem” ou “dos sertões”, em relação ao que se tornaria a “Cidade de Cascavel”<sup>66</sup>.

Liliane Freitag, em seu texto *Região editada*, no qual trabalha com as narrativas que descrevem a região paranaense, identificada como tríplice fronteira internacional, apresenta a seguinte reflexão sobre a noção de “sertões”:

Reconhecidos e alimentados - ora estigmatizado, ora positivado, - os sertões estão presentes em diversos contextos vivenciados pela sociedade brasileira, como nas esferas do pensamento social brasileiro, no universo do imaginário popular e também nas representações de progresso da ordem republicana no país. Contudo, os sertões sugerem lugares ermos, ilhas ou, ainda, pontos afastados da nação.<sup>67</sup>

Os “sertões” são constituídos e descritos como um lugar “atrasado e sem civilização”, que só a partir da “colonização” atingiriam o “progresso” desejado. “Afastar ‘fantasmas’ do atraso regional significava, portanto, construir uma nação pelo controle completo de suas fronteiras”<sup>68</sup>.

Nestes textos é comum a utilização também do termo *região*. Para Vander Piaia e Alceu A. Sperança, este termo se apresenta na definição da área que ocupava o município de Cascavel como “Oeste”, mas precisamente como “Oeste do Paraná”. Para problematizar o que estes autores descrevem quando se utilizam destes termos é necessário entender os vários sentidos atribuídos ao conceito de *região*.

A definição do termo é muito imprecisa. Segundo Roncayolo ela pode significar de uma maneira mais banal “<<certa extensão de espaço>>, com uma <<área>>”. Pode ser usado ainda para “uma fracção dum Estado ou duma nação, como a um agrupamento de Estados ou de nações, próximas pela sua situação geográfica”<sup>69</sup>.

Não obstante, as dificuldades aparecem quando há “necessidade de procurar noutro lado a legitimidade e a unidade da noção de região”<sup>70</sup>. Em um primeiro plano há dificuldade de se encontrar nos habitantes um sentimento comum de que pertençam ao mesmo espaço. Durval Muniz de Albuquerque Junior apresenta, em seu texto *A invenção do Nordeste e outras artes*, distintas possibilidades de se perceber este conceito. O autor procura

<sup>66</sup> PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

<sup>67</sup> FREITAG, Liliane. *Região Editada: história territorial em narrativas de Paraná*. In: SALES, J. R.; FREITAG, L.; FILHO, M. (orgs.) *Região: espaço, linguagem e poder*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 53.

<sup>68</sup> Id. Ibid., p. 62.

<sup>69</sup> RONCAYOLO, Marcel. “Região”. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, p. 161.

<sup>70</sup> Id. Ibid. p. 162.

“desnaturalizar a região, [...] problematizar a sua invenção, [...] buscar a sua historicidade, no campo das práticas e discursos”, isso a partir do que é identificado enquanto a “*região Nordeste*”<sup>71</sup>.

Presume-se que uma região tem um recorte de unidade, econômico, político ou geográfico, mas não são estes os elementos que a formam. Para Albuquerque, é “primordialmente, como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica”<sup>72</sup> que uma região é inventada. Portanto, definir a região é pensar nela não como um elemento natural, mas construído por diferentes discursos, em diferentes tempos, ligada mais com as relações de poder do que com os recortes geográficos. Pensar a região não é entender como ela se constitui em unidade, mas como ela se constitui em “produto de uma operação de homogeneização”, estando “aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder”<sup>73</sup>. É nessa perspectiva que se aborda a seguir dois autores que produziram narrativas sobre a história de Cascavel: Alceu Sperança e Vander Piaia.

## 1.2 “CASCATEL A HISTÓRIA”: O QUE ESTÁ SENDO ESCRITO E PARA QUEM?

Alceu A. Sperança<sup>74</sup> nasceu em Curitiba, Paraná. Seu pai, Celso Formighieri Sperança, era jornalista e se fixou em Cascavel em 1953, quando seu primo José Neves Formighieri, que na época era o prefeito, convidou-o para ocupar o cargo de secretário da educação. Em 1996, Alceu Sperança recebeu da prefeitura de Cascavel o título de cidadão honorário pelos serviços prestados ao município na área de jornalismo e história<sup>75</sup>.

É um dos autores com maior produção sobre a história do município, por isso pode ser considerado referência básica para as pesquisas sobre Cascavel. Suas obras, quando comparadas com outras da historiografia local, tratam de forma mais específica sobre a

<sup>71</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 26.

<sup>72</sup> Id. Ibid. p. 23.

<sup>73</sup> Id. Ibid. p. 24-26. Como escreve Durval M. de Albuquerque, mesmo quando “questionamos os conceitos”, como de *região*, “não abandonamos o seu uso, ao contrário, fizemos questão de utilizá-los para explicitar a que maquinaria discursiva pertencem, de que estratégias são peças”. (ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 33). No entanto como este texto está ligado à temática ambiental, o conceito de *região* também é utilizado para pensar a extensão que compreendia a Floresta Ombrófila Mista-FOM e Floresta Estacional Semidecidual -FES no município de Cascavel.

<sup>74</sup> Em minha monografia de conclusão de curso realizada no ano 2012, ao trabalhar também com a ação das madeiras em Cascavel, analisei três das obras produzidas por Alceu A. Sperança, *Pequena história de Cascavel*, de 1980, *Cascavel: a história*, de 1992, e *Cascavel – livro ouro: 50 anos de história*, publicado em 2002. Neste trabalho também foram analisadas duas entrevistas realizadas com Fernandes J. Liberali e Paulino Denardi.

<sup>75</sup> Informações disponíveis em: <[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia7\\_c.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia7_c.htm)> e <<http://www.camaracascavel.pr.gov.br/leis/Main.php?idlei=1964>>. Acesso em: 10/04/2013.

formação do referido município. Seus trabalhos também servem de base para o ensino da história local, sendo utilizados nas “Redes de Ensino estaduais e do município e outras instituições de poder, assim como pesquisas vinculadas à academia”<sup>76</sup>, o que contribui para transmitir e reproduzir a sua visão da história e da sociedade local<sup>77</sup>.

Entre estudos que utilizam as obras de Sperança para análise destacamos a dissertação de Irene Spies Adamy, *Formação e organização política da classe dominante agrária*, que discute a organização política da fração agrária dominante no município de Cascavel a partir da sociedade rural do oeste do Paraná<sup>78</sup>. A autora caracteriza as obras de Alceu Sperança como representantes da “história oficial” de Cascavel, informado que os seus três primeiros livros<sup>79</sup> foram produzidos com verbas da prefeitura. Adamy investiga ainda como Sperança constrói a história do município a partir de ciclos econômicos: primeiro o ciclo da erva-mate, substituído pelo ciclo da madeira, em seguida pelo ciclo da agricultura, pecuária e por fim pela agroindústria. Assim, o autor constrói uma história ordenada, em que do esgotamento de uma atividade econômica surge outra em substituição<sup>80</sup>. Outra característica das obras de Alceu Sperança é a sua visão desenvolvimentista, de progresso e evolução constante, contrapondo o antigo ao novo, o passado ao presente, o atrasado ao moderno, consolidando tais processos como visões etapistas e mecânicas da história<sup>81</sup>.

Como foi a firmado anteriormente, neste capítulo a análise se concentra na nova edição de sua obra *Cascavel: a história* de 2011, com algumas comparações com sua edição anterior de 1992. Esta nova edição é pouco diferente, em termos de organização, da anterior. É organizada, da mesma forma que a primeira, por uma introdução e dez partes, divididas em itens, constituídos por períodos sequenciais cronológicos e em temas. O primeiro período abordado vai de 1500 a 1870 e tem como título *De Tordesilhas a Guarapuava* e o último período vai de 2001 a 2006, denominado *Desenhando o Futuro*. No total a obra tem 352 páginas, com exceção da galeria de fotos no final do livro, em que estão organizadas em ordem cronológica algumas fotografias do município<sup>82</sup>.

---

<sup>76</sup> ADAMY, Irene Spies. *Formação e organização política da classe dominante agrária: A sociedade Rural do Oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon, 2010. 173 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), p. 21.

<sup>77</sup> Id. Ibid., p. 21.

<sup>78</sup> Id. Ibid., p. 08.

<sup>79</sup> *Pequena história de Cascavel*, de 1980, *Cascavel: a história*, de 1992, e *Cascavel – livro ouro: 50 anos de história*, publicado em 2002.

<sup>80</sup> ADAMY, Op. cit. p. 39.

<sup>81</sup> Id. Ibid., p. 39.

<sup>82</sup> SPERANÇA, Alceu. A. *Cascavel: a história*. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

A diferença entre as edições está em algumas adequações na linguagem, na ordem dos parágrafos, na formatação das citações, tamanho da fonte das letras usadas, número de páginas e na alteração de algumas fotografias (que foram substituídas por outras similares em significado ou que sofreram alterações no tamanho). Além destas mudanças, a obra ganhou novos assuntos, devido à ampliação do período, que antes era até 1992 e agora é de 2006.

Os novos assuntos estão ligados às transformações pelas quais o município passou ao longo dos anos e às mudanças de interesses econômicos. Se antes os temas eram a “mecanização” e o “cooperativismo”, agora estes assuntos foram substituídos por questões mais atuais, o que se pode observar por estes novos itens: *O ensino superior* e *O agronegócio se impõe*.

Para um estudo mais sucinto e objetivo da obra, a análise se concentra no propósito principal dessa dissertação: a ação das madeireiras no município. Investiga-se também o que há de novo em relação à edição anterior<sup>83</sup>. Iniciaremos pelo título da obra: *Cascavel: a história*. Ele promove a sensação que toda “história” do município estivesse sendo escrita em tal obra, como se nas 352 páginas da segunda edição fosse possível discutir todos os fatos existentes nos 63 anos de fundação do município e como se existisse uma história singular, que incluiria todos os moradores de Cascavel.

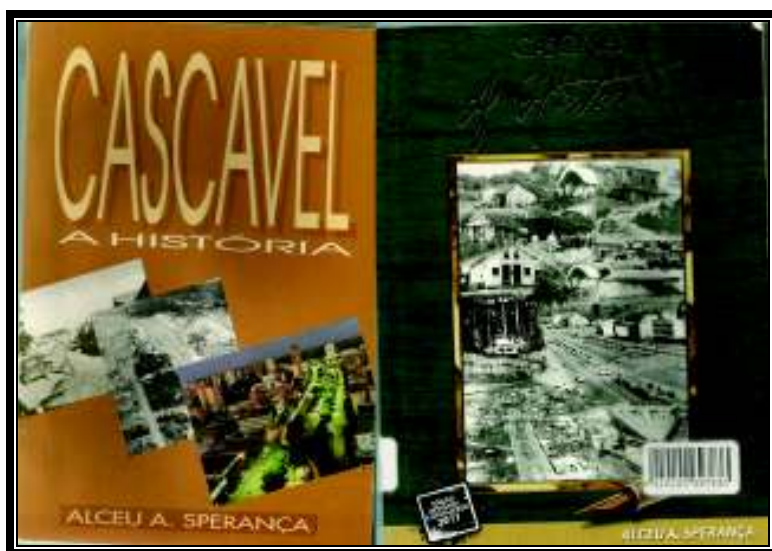


FIGURA 5. Capas dos livros de Alceu A. Sperança à direita 1992 e à esquerda 2011.

Fonte: Sperança, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba: Lagarto, 1992 e Sperança, Alceu A. *Cascavel: a história*. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

<sup>83</sup> Neste trabalho deixamos de lado trechos já analisados no meu TCC, que dizem respeito à ação das madeireiras. Para mais informações sobre a análise realizada das outras obras de Alceu Sperança ver: BROCARD, Daniele. *Memórias sobre o processo de desmatamento e da ação de madeireiras na região de Cascavel/PR (1950-1970)*. Marechal Cândido Rondon, 2012, 51 p. Trabalho Acadêmico (TCC) - História, - Universidade de Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Disponível em: <[http://www.historiaunioeste.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26&Itemid=45](http://www.historiaunioeste.net/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=45)>.

Outra comparação que é possível fazer entre as edições e que trata da ação das madeiras se encontra na terceira parte do livro, intitulada *Uma revolução na marcha dos pioneiros (1915-1929)*. Na segunda edição, na página 73, a imagem é diferente daquela apresentada na página 75 da primeira edição. Entretanto, a legenda usada é mesma para ambas, o que sugere o mesmo sentido para a cena de um homem e um carro em meio a uma floresta com pinheiros (*Araucaria angustifolia*) (ver Figuras 6 e 7).



FIGURA 6. Fotografia do livro de Alceu A. Sperança de 1992.

Fonte: SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba: Lagarto, 1992, p. 75.

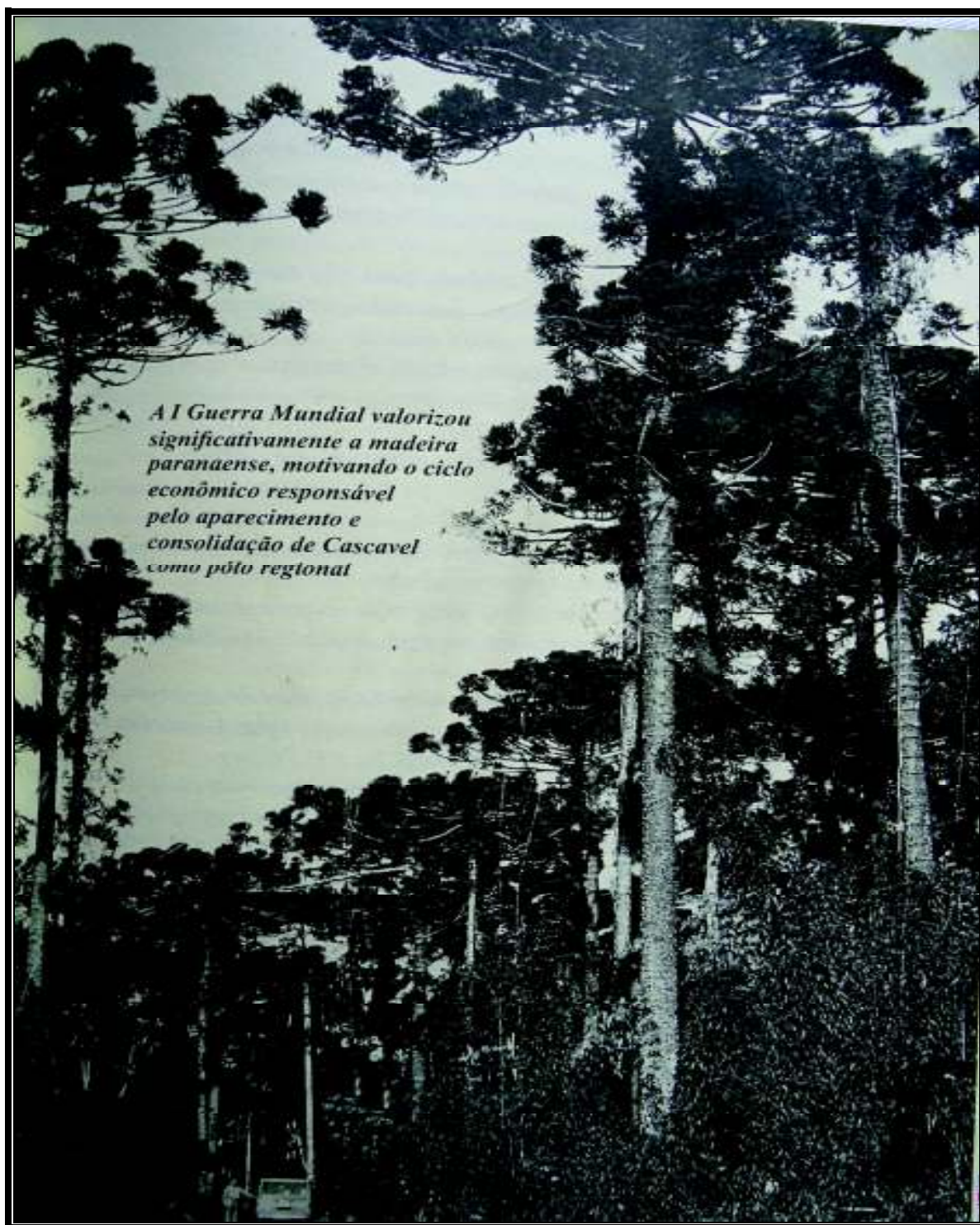


FIGURA 7. Fotografia do livro de Alceu A. Sperança de 2011.

Fonte: SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Cascavel: Positiva, 2011, p. 73.

Sperança continua a valorizar a ação da indústria madeireira ao afirmar que ela se constituiu no “[...] ciclo econômico responsável pelo aparecimento e consolidação de

Cascavel”<sup>84</sup>. O que atribui às madeireiras e ao desmatamento a formação do município e seu suposto destaque como pólo regional.

De fato, o autor não se propôs a fazer nada de novo no texto ao elaborar uma nova edição, porém, frisou que ela seria atualizada. Quando continua a usar a imagem das árvores (*Araucaria angustifolia*) junto com a legenda “a madeira [...] ciclo econômico”, sugere uma noção do meio natural como mero papel de objeto econômico, sem valor intrínseco. Porém, apesar das fotografias serem utilizadas pelo autor para provocar o mesmo sentido, no olhar do leitor elas são dotadas de sentidos diversos. Enquanto na fotografia do primeiro livro o homem e seu carro se apresentam à frente, com destaque sobre as árvores, na fotografia da nova edição são as árvores que se apresentam em primeiro plano, dando a impressão de imposição sobre o homem e seu carro.

Quando analisamos as primeiras obras de Sperança em minha monografia fui questionada sobre ele escrever em outro período, quando as questões ambientais ainda não se encontravam difundidas como atualmente. Porém, o objetivo não é fazer julgamento sobre o fato do autor não considerar o valor da floresta em si e não analisar quais as outras consequências da ação das madeireiras para o município para além do econômico. O objetivo é entender porque isso é feito, quais seus interesses e o que se busca legitimar.

Para entender estes elementos na obra, buscamos subsídios em outras pesquisas desenvolvidas sobre a atuação das empresas madeireiras em diferentes espaços. Miguel M. X. de Carvalho realizou várias pesquisas sobre a atuação destas empresas e seu papel para a alteração da paisagem, entre elas está a pesquisa de mestrado intitulada *O Desmatamento das florestas de araucária e o Médio vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Segundo o autor, muitas das indústrias de madeira, além de terem sido a base de “riqueza econômica de inúmeros municípios” e “uma força poderosa de atração de pessoas”, também promoveram “a riqueza econômica de muitas famílias de madeireiros”<sup>85</sup>.

Na quarta parte do livro de Sperança é apresentada uma narrativa sobre a consolidação do município de Cascavel (1930-1950)<sup>86</sup>. No item cinco, intitulado *Rumo ao município*, o autor escreve sua interpretação sobre o censo de 1950 da mesma forma que na edição anterior, porém, com um pequeno acréscimo ao final:

---

<sup>84</sup> SPERANÇA, Alceu A. op. cit., p. 73.

<sup>85</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. *O desmatamento das florestas de araucária e o Médio vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Florianópolis, 2006, 202 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, p. 13.

<sup>86</sup> SPERANÇA, Alceu A. op. cit., p. 97.

Mas o Censo de 1950 não teria ainda condições de captar a explosão madeireira que a partir daquele ano fez Cascavel saltar, na década ali iniciada, para um crescimento populacional de 79,77% ao ano.

O ano de 1951 se apresentou, de fato, como extremamente promissor para Cascavel, que já passava a se tornar sinônimo de madeira. *O sucesso das atividades da Industrial Madeireira Paraná estava na base dessa explosão de desenvolvimento.*<sup>87</sup> (grifo nosso).

A citação possibilita perceber, como o processo histórico de desmatamento ocorreu de forma rápida e desorganizada, atraindo inúmeras pessoas para o município e ocasionando o acelerado esgotamento da floresta com araucária.

É apresentada uma visão otimista acerca da extração da floresta. Isso é observado mais enfaticamente no trecho grifado, ao final do parágrafo. A empresa citada, *Industrial Madeireira Paraná (IMAPAR)*, foi a maior a se estabelecer no município, tendo três serrarias instaladas, entre elas a *Central Lupion e São Domingos* e uma beneficiadora. Seus proprietários eram Renato Festugato e Florêncio Galafassi. Antes de se estabelecer em Cascavel, onde adquiriu a *Serraria Moysés Lupion*<sup>88</sup>, sua sede situava-se em Caxias do Sul/RS.

A *IMAPAR* foi a primeira a promover exportação pelo porto de Foz do Iguaçu e possuía ainda depósitos de embarque nos portos de Antonina, Paranaguá e Porto Alegre<sup>89</sup>. Atualmente esta empresa é representada no município de Cascavel pela Brasplac (*Industrial Madeireira Ltda.*), comprada em 1984 pelo *Grupo da IMAPAR*, sendo que “hoje a Brasplac ainda é de alguns dos sócios do Grupo Industrial Madeireira do Paraná, os quais fazem parte da Diretoria da empresa”<sup>90</sup>. Estes elementos ajudam a entender o papel econômico, social e político da *IMAPAR* para o município na continuidade do texto.

Na quinta parte do livro (1952-1963), encontra-se uma fotografia do hospital Nossa Senhora Aparecida, com a seguinte legenda: “O primeiro hospital de Cascavel (Nossa Senhora Aparecida), construção iniciada em 1951 através de uma sociedade de pioneiros idealizada pelo médico Wilson Joffre e pelo madeireiro Florêncio Galafassi”<sup>91</sup>. Aqui é atribuída ao diretor da *IMAPAR* (Florêncio Galafassi) a criação do primeiro hospital do município, além do título de “pioneiro”. Na primeira versão da obra, além de ter usado outra fotografia do hospital, o autor não menciona a atuação de Galafassi, exaltando somente o

<sup>87</sup> Id. Ibid., p. 132-133.

<sup>88</sup> Governador do Paraná no período de 1947/1951 e 1956/1961.

<sup>89</sup> SPERANÇA, Alceu A. op. cit., p. 223.

<sup>90</sup> Dados consultados no site da empresa: <<http://www.brasplac.com.br/>>. Acesso em: 08/09/2014.

<sup>91</sup> SPERANÇA, Alceu A. op. cit., p. 163.

médico Wilson Joffre<sup>92</sup>. Em Cascavel, assim como na região estudada por Miguel M. X. de Carvalho, “a destruição irresponsável de todo um patrimônio natural sustentou a riqueza e o poder político de gerações de madeireiros e influenciou nas atuais feições econômicas e políticas de muitos municípios”<sup>93</sup>.

No item *A era da madeira*, há a descrição de dados referentes às 43 indústrias madeireiras que existiam em Cascavel no ano de 1955 e à atração de pessoas para o município devido ao aumento da área agrícola, gerada pela ação das madeireiras<sup>94</sup>. No parágrafo seguinte o autor apresentou um novo argumento sobre a importância das madeireiras, que não aparecia na edição anterior: “[...] cada monumento, cada encantamento da arquitetura de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, cada obra imponente de Brasília teve como suporte e componente a madeira do Oeste paranaense”<sup>95</sup>. Uma valorização da ação das madeireiras que perpassa o município de Cascavel, sendo relacionada ao âmbito nacional, já que se trata da capital federal, que a “madeira do Oeste paranaense”, segundo Sperança, ajudou a construir.

Em seguida o autor escreve que: “Não havia ainda sinais de que a preocupação de Saint-Hilaire (1779-1853) com a extinção dos pinheiros viesse a se concretizar. Somente pinheiros escolhidos a dedo eram derrubados”<sup>96</sup>. É pertinente perceber a desvalorização do pensamento do naturalista Auguste Saint-Hilaire<sup>97</sup>. Segundo Sperança as indústrias madeireiras faziam criteriosa seleção, derrubavam só algumas árvores e o resto da vegetação permanecia intacta. Sobre este assunto, cabe citar o seguinte fragmento da tese de Miguel M. X. de Carvalho:

Comparando-se os extensos danos causados pela agropecuária e pela extração de lenha a atividade madeireira não provocava em si uma destruição total da cobertura florestal, embora empobrecesse bastante a diversidade, pois a derrubada das árvores maiores (geralmente as araucárias acima de 40 cm de diâmetro já eram aproveitadas) causava um dano significativo a vegetação arbórea da floresta, devido ao próprio processo de derrubada, que sempre acarreta na queda de árvores indesejadas. Além disso, a predileção inconfundível da indústria madeireira pela extração da araucária significava uma diminuição drástica da quantidade total de pinhões produzidos numa determinada área, o que devia ter um impacto considerável na população de animais selvagens. Outro problema era o empobrecimento genético da araucária, uma vez que ocorreu uma seleção negativa, ou seja, os melhores exemplares eram alvo dos madeireiros, enquanto muitos

<sup>92</sup> SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba: Lagarto, 1992, p. 159.

<sup>93</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. op. cit., p. 14.

<sup>94</sup> SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Cascavel: Editora Gráfica Positivo, 2011, p. 172.

<sup>95</sup> Id. Ibid., p. 172.

<sup>96</sup> Id. Ibid., p. 172.

<sup>97</sup> Auguste Saint-Hilaire (1779-1859) foi botânico, naturalista e viajante francês, e passou pelo Brasil. Entre suas principais obras se encontra *Viagem pela Comarca de Curitiba*, 1995.

“defeituosos” eram deixados para trás. Outra questão já mencionada anteriormente e que pode ser considerado uma consequência indireta da atividade madeireira era que os madeireiros construíam estradas de rodagem para poderem escoar a madeira, e assim facilitavam a colonização e a consequente penetração da agropecuária em áreas anteriormente tidas como de difícil acesso.<sup>98</sup>

Apesar das empresas madeireiras não derrubarem toda a vegetação, a seleção realizada por elas é negativa e prejudicial, por extraírem as árvores maiores e por diminuir a quantidade e a qualidade das espécies existentes<sup>99</sup>.

Na continuação, Sperança, ao escrever a respeito do transporte das toras de madeira, apresenta um trecho do jornal *Folha de Londrina* em uma tiragem especial, escrita por Hylo Francisco Bresolin, empresário cascavelense do ramo madeireiro:

*A extração e comercialização da madeira, especialmente a do pinho Araucaria brasiliensis, e uma agricultura incipiente, foram as atividades predominantes no Município durante décadas. Os primeiros passos para a criação de uma infra-estrutura de transporte mais adequada, que possibilitasse a integração de Cascavel às demais cidades do Oeste e de outras regiões do Estado, tiveram início nesta época.*<sup>100</sup> (grafia como no original)

O trecho acima foi usado como um complemento de sua escrita, ou seja, os argumentos de H. F. Bresolin são utilizados por Sperança para ratificar sua avaliação segundo o qual o “desenvolvimento” do município teria sido proporcionado pelas indústrias madeireiras, o que é percebido aqui como a criação de estradas que possibilitavam a ligação de Cascavel com outros municípios. Entre as passagens que buscam comprovar o papel central das empresas madeireiras no que o autor chama de “desenvolvimento de Cascavel”, encontra-se, no item *A reconstrução*, o depoimento de Adagirio Somavilla, funcionário do antigo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal<sup>101</sup>), publicado no jornal *O Paraná*<sup>102</sup>, 25 de maio de 1977:

<sup>98</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. *Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com Araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)*. Florianópolis, 2010. 313 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, p. 89-90.

<sup>99</sup> Id. Ibid., p. 89-90.

<sup>100</sup> BRESOLIN, H.F. Eixo Oeste, edição especial do jornal. *Folha de Londrina*, sem data. Apud: SPERANÇA, Alceu. *Cascavel: a história*. Cascavel: Positiva, 2011, p. 172.

<sup>101</sup> A partir do histórico do IBAMA é possível visualizar qual era a atuação competida ao IBDF, de “dar incentivos fiscais e fomentar o desenvolvimento econômico”. Assim, este órgão, apesar de ser parte da origem do *Instituto Brasileiro do Meio Ambiente*, não tinha em suas funções a preocupação com os impactos causados pela exploração florestal. Estava vinculado ao *Ministério da Agricultura*, o que, talvez, estimulava seus funcionários a se preocuparem mais com a abertura de novas áreas para exploração agrícola do que com os

*A madeira representou um papel importantíssimo para o desenvolvimento regional. Devido o grande mercado existente, a região expandiu-se industrial e economicamente. Na construção de Brasília, por exemplo, Cascavel exportou toneladas de madeiras para o futuro distrito federal.*<sup>103</sup>  
(grafia como no original)

O depoimento de Somavilla, também alocado no texto como complemento da escrita, indica que a exploração da madeira trouxe somente benefícios para o município de Cascavel e para todos os seus moradores. Não há menção a nenhum tipo de problema causado por conta da exploração. De tal modo, é através destes depoimentos que Sperança espera fundamentar a sua versão sobre os benefícios da ação das madeireiras para o município.

No sexto capítulo do livro, anteriormente denominado como *A consolidação (1964-1977)* e na edição atual como *A Metrópole e o Agronegócio (1964-1977)*, há a descrição de alguns problemas pelos quais o município passava na década de 1960, porém, as madeireiras aparecem como uma forma de atenuar essa questão:

Era um tempo de crise, mas havia sinais positivos. A Industrial Madeireira do Paraná, por exemplo, transferiu em 1966 a sua sede de Foz do Iguaçu para Cascavel, quando a família Festugato igualmente se deslocou para cá. Isto representou uma aposta no futuro do centro-pólo oeste. A IMAPAR controlava três serrarias, uma beneficiadora e depósitos de embarque nos portos de Foz do Iguaçu, Antonina, Paranaguá e Porto Alegre.<sup>104</sup>

A solução para tais problemas e para consolidação da “metrópole” e do “agronegócio” seria, então, a implantação de uma grande madeireira em Cascavel: a IMAPAR (Industrial Madeireira do Paraná). Assim, o caminho para o “progresso” está ligado à destruição do meio natural<sup>105</sup>. É interessante contrapor esta parte do texto com o que escreveu Ruy Christovam Wachowicz, em *História do Paraná*, ao fazer referência às serrarias no Paraná:

---

impactos causados pela extração da floresta. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/acesso-a-informacao/historico>>. Acesso em: 07/10/2014.

<sup>102</sup> Segundo Maicon Mariano em seu artigo *Sociedade e meio ambiente: discursos sobre a “era da Madeira”*, O Jornal *O Paraná* foi fundado em 1976, de então propriedade do empresário madeireiro e agropecuarista Jacy Scanagatta, “no mesmo ano, ele se elegeu prefeito de Cascavel pela Aliança Renovadora Nacional – ARENA. Mais tarde, a empresa de comunicação passou às mãos de outros empresários, permanecendo até os dias atuais entre os principais jornais impressos, e também com sua página na internet”. 2012. p. 166-167. Quem atua na direção geral do jornal na atualidade é Clarice Roman Kaefer e como editor-chefe Antonio Sbardelotto.

<sup>103</sup> SOMAVILLA, Adagiro, IBDF, jornal “O Paraná”, 25 de maio de 1977. Apud: SPERANÇA, Alceu. *Cascavel: A História*. Cascavel: Positiva, 2011, p. 203.

<sup>104</sup> SPERANÇA, op. cit., p. 223.

<sup>105</sup> FREITAG, op. cit., 2010, p. 63.

Sendo a serraria uma atividade nômade, não se integra na região em que está estabelecida. Esgotada a floresta, a serraria é transferida para outro lugar [...]. A serraria deixa, por onde passa, uma região devastada, sem ter contribuído para fixação duradoura da população.<sup>106</sup>

Para Wachowicz, diferente de Sperança, as serrarias, ao se instalarem em um espaço, não contribuíam para o “progresso” deste, pelo contrário, elas deixavam um rastro de devastação, já que eram uma atividade “nômade”. Terminada a madeira elas iam para outras áreas, levando consigo até mesmo parte da população, formada pelos seus trabalhadores<sup>107</sup>.

Na sequência da obra, no item *O império da Soja*, Sperança apresentou o esgotamento da exploração da madeira:

O ciclo da madeira, que exibiu grande vigor ao longo de toda a década de 60, passava a dar sinais de esgotamento. Esse declínio, entretanto, apresentava-se compatível com o célere impulso recebido pela agricultura, que em 1970 encontraria um necessário divisor de águas.<sup>108</sup>

Neste trecho é acentuada a ideia que a extração da floresta no município foi apenas mais um “ciclo econômico”, seguido pela agricultura, com o café e a soja. Não há considerações sobre a singularidade desta ação, que, diferente das demais atividades econômica, não é de fácil reposição, ocasionando consequências para o meio ambiente<sup>109</sup>.

Podemos comparar esta citação com o que foi escrito nos jornais *Fronteira do Iguaçu* e *O Paraná*, analisados por Maicon Mariano no artigo *Sociedade e meio ambiente*:

As convergências encontradas na década de 1970, em relação à modernização agrícola, em contraposição ao declínio madeireiro, foram significados de modo positivo. Na verdade, desde a década de 1970, interpretações explicativas da passagem da “era da madeira” para o “ciclo da soja” estavam em debate na imprensa escrita. [...].<sup>110</sup>

É interessante notar esta convergência do discurso de Sperança com o da imprensa escrita, sobre a positivação do fim da chamada “era da madeira” com o surgimento do denominado “ciclo da soja”. É complexo afirmar, porém, se o autor age de forma a confirmar os discursos produzidos pelos jornais e se neles fundamentou suas obras.

<sup>106</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010, p. 250-251.

<sup>107</sup> Id. Ibid., p. 250-251.

<sup>108</sup> SPERANÇA, op. cit., p. 234.

<sup>109</sup> Entendo aqui o conceito de meio ambiente, não excluído o ser humano, pensado este em interação com outros elementos que o compõem como a flora e a fauna.

<sup>110</sup> MARIANO, op. cit., p. 166-167.

Na página 246 é apresentado o ano de 1975 como o fim do “ciclo madeireiro”, o que, segundo o autor, afetou toda economia do município:

No entanto, a agricultura era ainda uma promessa para os setores de serviços que prosperaram na cidade para servir aos interesses madeireiros. Profundas transformações estavam para ocorrer, a começar pela incerteza daqueles que viam a madeira naufragar e com ela toda uma era da história regional. Uma sombra de incerteza e pessimismo não deixara, contudo de dominar a população urbana de Cascavel habituada a viver às custas da extração e da indústria madeireira.<sup>111</sup>

O fim do domínio da economia madeireira no município marcaria o fim de “uma parte da história regional”<sup>112</sup>. Sperança constrói desta forma um marco para a história local, representado pela a ação das madeireiras, e arquiteta ainda uma imagem acerca do sentimento da população com este término. Na página seguinte:

[...] o lamento dos diversos madeireiros de Cascavel sobre a falta de matéria-prima para o prosseguimento das atividades do setor. A situação se afunilava de tal forma que os serradores só tinham duas opções: fechar as portas ou se deslocar para outras regiões - o Estado do Mato Grosso foi a definição imediata. Era o fruto de muita imprevidência: em pouco mais de cinco anos, Cascavel consumira no início do ciclo quase 50% da área verde, o que se aprofundou com a expansão da agricultura. O ano de 1976 foi, desta forma, o que deu a pá de cal sobre as pretensões de uma retomada do ciclo forte da madeira.<sup>113</sup>

Para ele, as indústrias madeireiras causaram seu próprio fim por consumir “toda sua matéria prima”. O autor destacou a continuidade deste processo em outros locais do país e enfatizou a rapidez do desmatamento em Cascavel, afirmando que “quase 50% da área verde” do município foi “consumida” nos primeiros cinco anos da exploração por estas empresas, o que nos leva a questionar sua afirmação, citada anteriormente: “somente pinheiros escolhidos a dedo eram derrubados”<sup>114</sup>. Na sequência, ele destacou ainda o término deste processo no município da seguinte maneira:

As evidências maiores de extinção do ciclo madeireiro foram sentidas no final de agosto, quando a diretoria da Itaipu Binacional anunciou estar prestes a importar madeira do Paraguai e de outras regiões do país para iniciar as obras da usina hidrelétrica. A região que fornecera madeira à

---

<sup>111</sup> SPERANÇA, op. cit., p. 246.

<sup>112</sup> Id. Ibid., p. 246.

<sup>113</sup> Id. Ibid., p. 248.

<sup>114</sup> Id. Ibid., p. 172.

construção de Brasília não tinha mais essa matéria-prima disponível para construir a sua grande obra.<sup>115</sup>

Sperança registrou o fim da ação das madeireiras como um processo econômico que chegou ao seu esgotamento. Mas não mencionou quais seriam as outras consequências do fim desta exploração para o Paraná, além da necessidade de importar madeira do Paraguai para a construção da Itaipu Binacional, na década de 1970, já que o Estado não possuía as reservas florestais necessárias para o trabalho em questão. O fim da ação das madeireiras também foi apresentado na reportagem produzida pelo jornal *Fronteira do Iguaçu*<sup>116</sup>, 27 de maio de 1975, na seção de economia, com a seguinte reportagem:



FIGURA 8. Reportagem sobre desmatamento do Jornal Fronteira do Iguaçu.

Fonte: Jornal Fronteira do Iguaçu, Cascavel terça-feira 27 maio de 1975, ano V, nº 598.

A reportagem intitulada *Desmatamento pode levar o Paraná a importar madeira*, tratava, além da necessidade do Estado importar madeira, sobre o fim das reservas de floresta,

<sup>115</sup> Id. Ibid., p. 249.

<sup>116</sup> O jornal *Fronteira do Iguaçu* foi fundado 21 de setembro de 1971. Seus proprietários eram Nanci Siliprandi, Itacir Bastini, Jácomo Trento e Dirceu Vieira Fagundes, que também era o diretor responsável pela publicação. Segundo Claudia Jawsnicker, em seu artigo sobre produção jornalística em Cascavel durante a década de 1970, o jornal *Fronteira do Iguaçu* fora criado com objetivo de promover a proposta de “criação do Estado do Iguaçu, território de cerca de 68 mil km<sup>2</sup>, compreendendo o oeste e sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina”. JAWSNICKER, Claudia. Produção jornalística impressa em Cascavel na década de 70: dilema entre independência editorial e interesses político-econômicos. *Ciências Sociais em Perspectiva*, Toledo/PR, V. 7, nº12, 1º semestre de 2008, p. 172-173.

assim como de problemas ambientais causados pela sua exploração como: “desaparecimento da fauna, degradação do solo, inconstância no regime hídrico e poluição”<sup>117</sup>. A reportagem também alertava para problemas socioeconômicos gerados se ocorresse a paralisação das “mais de duas mil serrarias” que atuavam em todo Estado do Paraná, como grande número de desempregados.

Ao escrever sobre a notificação dos fiscais do governo do Estado, em 1976, em relação à redução “na quantidade de serragem despejadas nos rios da região”, Sperança trata a notícia, de forma nostálgica, como: “o epitáfio oficial para marcar o fim do mais importante ciclo da formação econômica de Cascavel”<sup>118</sup>.

O autor acrescenta nesta parte do texto da nova edição, um trecho de uma entrevista realizada por sua irmã Regina Sperança com Valdinei Francisco Bobato, um dos empresários madeireiros:

**Nós vimos de um ciclo madeireiro que infelizmente, assim como aconteceu no Mato Grosso, não foi feito com uma base sólida, ou seja, com uma base reflorestada, em que as empresas fizessem o reflorestamento para poder acompanhar a sua evolução. A madeira foi retirada e não houve uma reposição florestal. As poucas e pequenas reposições florestais na região vieram com incentivos fiscais na década 70. Muito pouco para que dessem sustentação econômica a esse período. Houve uma lacuna, um apagão florestal na cidade. Essa visão inicial dos industriais da época de não reflorestar se dava em função da oferta da matéria-prima em outras regiões. O pessoal saía daqui indo para o Mato Grosso do Sul, depois o Mato Grosso, depois Pará, Rondônia. Quer dizer, na verdade eles não fizeram o reflorestamento: foram buscar a matéria-prima natural.**<sup>119</sup> (grafia como no original)

A fala de Bobato é usada para confirmar as ideias apresentadas de que o fim do que designa como: “ciclo madeireiro” no município de Cascavel teria se tratado de um problema econômico, não calculado pelos empresários do ramo. Assim, o autor não caracteriza nenhum outro elemento que não seja o econômico desse processo. Contudo, mesmo outras questões econômicas não são consideradas, como o desemprego gerando pelo fim da ação das madeireiras.

A entrevista evidencia ainda como ação das madeireiras continuou a acontecer sem preocupação com um possível reflorestamento, já que existiam outros estados do país com florestas.

<sup>117</sup> FRONTEIRA DO IGUAÇU, Cascavel terça-feira 27 maio de 1975, ano V, nº 598.

<sup>118</sup> SPERANÇA, op. cit., p. 250.

<sup>119</sup> BOBATO, Valdinei Francisco. Depoimento a Regina Sperança, março de 2006. Apud: SPERANÇA, Alceu. *Cascavel: a história*. Cascavel: Positiva, 2011, p. 249.

A elaboração da nova edição do livro de Sperança é feita de forma a exaltar a ação das madeireiras para a formação e possível “desenvolvimento” do município de Cascavel, o que já ocorria em suas obras anteriores. A história de Cascavel, escrita por ele, está ligada diretamente à ação das empresas mencionadas e também de sua família. Já que seu próprio pai é citado várias vezes ao longo do texto e na lista final de “pioneiros” do município.

O que se observa também, nesta nova edição, é a sua semelhança com o discurso dos últimos anos da gestão da prefeitura do município, no qual anuncia: “Cascavel, uma Metrópole em Construção”<sup>120</sup>. De tal modo, o “progresso” e o objetivo de se tornar uma “metrópole” justificaria todas as ações. O meio natural deveria sucumbir em nome destes ideais.

Keith Thomas, em seu livro *O homem e o mundo natural*, no qual estuda as mudanças de atitude dos seres humanos em relação às plantas e aos animais no ocidente entre 1500 a 1800, escreveu que: “Há apenas poucos séculos atrás, a mera ideia de resistir à agricultura, ao invés de estimulá-la, pareceria ininteligível. Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem?”<sup>121</sup>. Tal ideia parece persistir na escrita de Sperança sobre a formação do município em questão. Ou seja, a substituição da floresta pela agricultura é vista como uma condição necessária para um “desenvolvimento da civilização”.

### 1.3 “SERTÃO DO OESTE” E A FRONTEIRA: O DOMÍNIO DA NATUREZA

Passamos agora para análise do livro de Vander Piaia, *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Piaia é graduado em economia e possui mestrado e doutorado em História. É professor universitário e já atuou como secretário municipal de educação, também como vice-prefeito de Cascavel eleito nas eleições municipais de 2005, foi chefe do Núcleo Regional de Educação de Cascavel e concorreu ao cargo de deputado Estadual do Paraná nas eleições 2014 pelo Partido Trabalhista Brasileiro-PTB.

A sua obra é organizada em 15 partes, por meio dos seguintes títulos: *Os segredos da fronteira*; *Os revolucionários descobrem os sertões do Oeste*; *Uma ferrovia no coração da*

<sup>120</sup> A gestão atual da prefeitura de Cascavel se apropria de uma reportagem produzida pela revista *Veja*, 1º de setembro de 2010, a qual anuncia: “Cascavel, a Metrópole do Futuro”. A prefeitura preferiu substituir isso por “Cascavel, uma Metrópole em Construção”. Neste discurso há uma série de mudanças urbanas pelas quais a cidade passara a partir dos investimentos do dinheiro emprestado do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/seplan/pagina.php?id=527>  
<<http://www.cascavel.pr.gov.br/plano-governo.php>>. Acesso em: 18/06/2014.

<sup>121</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 17.

*mata; A serpente batiza a cidade; As colonizadoras abrem caminho; Quem são os cascavelenses?; Madeira e agricultura - o caminho da riqueza; O comércio e a agricultura consolidam o progresso; Uma década com pressa; Modernizando a cidade; Posseiros, pistoleiros, grileiros e intrusos - os agentes da violência; Ganhadores e perdedores; A capital do crime; Enfim, a lei; O futuro.* Neste trabalho analisamos trechos desta obra que dizem respeito à ação das madeireiras e suas vinculações com a história do município de Cascavel.

Antes, porém, cabe mencionar a análise que o historiador Paulo José Koling realizou no artigo nomeado *Terra e Poder*, da tese de doutorado em história de Vander Piaia, intitulada *A ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel*: a singularidade de uma cidade comum, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Neste artigo, Koling analisou dois capítulos, *O tempo da violência* e *Violência e memória*<sup>122</sup>, com o objetivo entender como a historiografia sobre o oeste paranaense tem tratado as questões que dizem respeito à terra e à sociedade durante a ocupação da região.

Para o autor, esta historiografia tem minimizado a complexidade de algumas questões ao afirmar que se tratava de um passado sem *lei*, o que significa sem *Estado*<sup>123</sup>. Em suas palavras: “Este dualismo não se refere à origem do Estado nem aos motivos fundadores da violência, em si, todavia, subliminarmente sustenta uma polaridade entre Natureza e Civilização, e projeta uma linearidade evolutiva: da barbárie para a civilização”<sup>124</sup>. Esse enredo pode ser lido na contracapa do livro de Piaia, elaborada por Solange Irene Smolarek Dias:

Piaia discorre sobre a terra, os revoltosos e as primeiras tentativas, em 1930, de transformar o cruzamento de duas picadas numa cidade. A terra de colonização não planejada advém de litígios e, por essa condição, indeterminação e insegurança afloram em violências orquestradas por milícias de jagunços. Do ciclo da madeira para a lavoura, a ocupação se consolida: de 1940 a 1960, a mata e a barbárie são substituídas pelo cultivo da terra e pela sede do progresso. Cascavel transforma-se, assim, na principal cidade do Oeste paranaense.<sup>125</sup>

É explícita a ideia de que a violência estaria reduzida à presença dos jagunços e à falta do Estado. Além disso, a narrativa utiliza como chave explicativa a noção de ciclos

<sup>122</sup> KOLING, P. J. Terra e Poder: possibilidades e perspectivas. *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon, V. 13, 1º semestre, 2009.

<sup>123</sup> Id. Ibid., p. 03.

<sup>124</sup> Id. Ibid., p. 03.

<sup>125</sup> DIAS, Solange Irene Smolarek. In: PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

econômicos e de dualismo evolucionista, nos quais “a mata e a barbárie” estão situadas juntas e são substituídas pelo “cultivo da terra e pela sede do progresso,” constituindo, assim, “a civilização” na região.

No *website* da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), que anunciava o lançamento do livro de Piaia, é informado, segundo o próprio autor, que “a principal motivação para escrever o livro foi a pesquisa desenvolvida na tese de doutoramento” e a “falta de rigor científico e da objetividade dos poucos trabalhos então existentes sobre a história de Cascavel”<sup>126</sup>, elementos que também aparecem na introdução do livro. Estas afirmações de Piaia nos lembram das seguintes reflexões de Bourdieu:

Quando os pesquisadores pretendem se instaurar como juízes de todos os juízos e em críticos de todos os critérios, tendência a que se vêem inclinados por força tanto de sua formação como de seus interesses específicos, eles acabam impedidos de apreender a lógica própria de uma luta em que a força social das representações não é necessariamente proporcional ao seu valor de verdade [...].<sup>127</sup>

No primeiro capítulo da obra, intitulado *Os segredos da fronteira*, Piaia argumenta que a fronteira pode ser um lugar de encontro, ao reiterar que o oeste do Paraná é conhecido como região de fronteira<sup>128</sup>. Na continuação aborda esta “região” da seguinte forma:

Entretanto, o Oeste do Paraná caracterizou também uma outra fronteira, aquela que separava os sertões fechados e bravios do mundo já desbravado das cidades, da ordem social, dos ideais capitalistas baseados na compra e venda cujo objetivo final é a acumulação de riqueza e o lucro. Era também uma fronteira assinalada por mundos diferentes. No interior do incógnito sertão existiam pessoas, aglomerações humanas, comunidades, que, ao seu modo, se adaptavam à natureza e ao convívio com o outro. O outro, no caso oestino, eram os remanescentes das tribos indígenas, eram os bugres, eram os paraguaios, que atravessavam o Rio Paraná para trabalhar na colheita da erva-mate a serviço de empresas exploradoras dessa riqueza natural.<sup>129</sup>

Podemos comparar este trecho do livro com a análise realizada por Liliane Freitag, sobre as narrativas da década de 1950, que descreviam essa mesma região geográfica:

<sup>126</sup> O livro é financiado pela Fundação Araucária e publicado pela Edunioeste, a editora da UNIOESTE. Informações extraídas de: <<http://cac-php.unioeste.br/cnu/node/1570>>. Acesso em: 22/01/2014.

<sup>127</sup> BOURDIEU, Pierre. A força da representação. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 114.

<sup>128</sup> PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013, p. 17.

<sup>129</sup> Id. Ibid., p. 17.

Independente das transformações dos traços rodoviários durante a década de 1950, sobrevivem ainda os *Sertões do Iguassú* – entendido como extensão que compreende a margem oriental do rio Tibagi até as margens do rio Paraná e, seu alcance até as Cataratas do Iguaçu, - representação de um espaço “sem dono”.<sup>130</sup>

O texto de Vander Piaia parece partilhar da mesma visão destas narrativas da década de 1950, segundo as quais esta região era descrita como um lugar “sem dono” ou “sem brasilidade”. A fronteira seria o elemento separador entre o mundo do sertão (selvagem) e o mundo das cidades (civilizado) e as poucas “pessoas” que existiam ali eram obrigadas a conviver com o “outro” e a natureza, retratos do suposto atraso desta “região”. O “outro” se constituía no indígena e no estrangeiro e o atraso era eliminado pelo controle da fronteira, ou seja, pela presença do Estado brasileiro. É possível que tal semelhança ocorra porque Piaia, como estas narrativas, esteja preocupado com a construção de uma “identidade regional”.

Gilmar Arruda escreveu que muitas vezes “a natureza, entendida como floresta tropical, pampas ou caatingas” foi vista como os “sertões”. Assim, “falar de ‘sertão’ significa, entre outras coisas, dialogar com os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias”<sup>131</sup>. O processo de fim do Império e o início da República brasileira “desencadeou o desejo ou esforço de ‘atualizar’ o Brasil”, o que constituiu, segundo o autor, também uma mudança nos significados atribuídos aos “sertões” e novos objetivos, entres eles, “a necessidade de ocupar o espaço territorial da nação e sobre o que fazer com seus moradores, os povos indígenas e os chamados sertanejos”<sup>132</sup>. Piaia pareceu repercutir estes discursos nos quais “assentavam-se basicamente em idéias-forças, como civilização e barbárie, progresso e atraso, identificando nos grupos indígenas e moradores daquelas regiões, os inimigos do ‘avanço da moderna civilização’”<sup>133</sup>.

Nas páginas seguintes Piaia apresenta seu referencial sobre fronteira: Frederick Turner. Esse pensador norte americano escreveu sobre a expansão da fronteira norte-americana rumo ao oeste e a entende como “o ponto de encontro entre o mundo selvagem e a civilização”<sup>134</sup>. Segundo Piaia, a civilização seria trazida pelos denominados “pioneiros”, que vinham atrás das “terras livres”<sup>135</sup>:

<sup>130</sup> FREITAG, op. cit., p. 61.

<sup>131</sup> ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre e história e a memória*. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p. 18.

<sup>132</sup> Id. Ibid., p. 19-20.

<sup>133</sup> Id. Ibid., p. 21.

<sup>134</sup> PIAIA, op. cit., p. 18.

<sup>135</sup> Id. Ibid., p. 19.

[...] abandonavam as cidades em busca de novas terras precisavam se adaptar, deixavam para trás parte das convenções sociais e seu modo de vida, tornavam-se novos sujeitos, despertando muitas vezes seu lado agreste e selvagem, sofrendo as penúrias das regiões inóspitas, embevecidos pelo desejo de realização pessoal, e também de riqueza e liberdade.<sup>136</sup>

É pertinente notar que o autor, mesmo assinalando a presença de indígenas, caboclos e paraguaios na região, escreveu que estas pessoas denominadas “pioneiras” vinham em busca de “terras livres”. Outro elemento relevante que caracteriza o texto é que ao sair das “cidades”<sup>137</sup> e vir para “o sertão,” essas pessoas tinham seu lado “selvagem” incitado, por mais que fossem elas os agentes promovedores da “civilização no sertão”. De tal modo, o ambiente ainda moldado pela “natureza” despertaria nos chamados “pioneiros” seu lado “selvagem”, o que, para o autor, poderia justificar suas ações violentas<sup>138</sup>.

O texto, na sequência, discute o processo de “expansão das fronteiras”<sup>139</sup>, promovido pelo agente “pioneiro”<sup>140</sup>, que delimita novas marcas para a “civilização”, mas que não age dentro de nenhuma “utopia social”<sup>141</sup>, não hesitando “em adotar a violência como uma forma válida à obtenção de terras e outros benefícios”<sup>142</sup>. Na obra, este processo também é marcado “pela conquista, pela coragem, pelo enfrentamento da natureza e dos próprios homens entre si”<sup>143</sup>. Assim, podemos entender que, na visão de Piaia, qualquer ação violenta por parte dos chamados “pioneiros” tinha justificativa, por se tratar de um processo ligado à sua “adaptação ao sertão”, o que exigia essa postura.

Em *Os Revolucionários descobrem os sertões do oeste*, o autor escreve sobre a passagem e as batalhas daquela que ficaria conhecida como Coluna Prestes e enfatiza sua importância para a formação do município de Cascavel<sup>144</sup>. Entretanto, no capítulo seguinte, argumenta que para compreender o que chama de “colonização do município de Cascavel e como se tornou palco de disputa de terras, é preciso retroceder no tempo, ainda no início da época da fundação da República”<sup>145</sup>. Assim, Piaia situa a formação do município em um passado ainda mais longínquo.

---

<sup>136</sup> Id. Ibid., p. 19.

<sup>137</sup> Pode-se inferir que a maioria das pessoas que migraram para Cascavel não se deslocou de centros urbanos, mas de um ambiente rural.

<sup>138</sup> PIAIA, op. cit., p. 17-19.

<sup>139</sup> Id. Ibid., p. 20.

<sup>140</sup> Id. Ibid., p. 21.

<sup>141</sup> Id. Ibid., p. 21.

<sup>142</sup> Id. Ibid., p. 22.

<sup>143</sup> Id. Ibid., p. 20-22.

<sup>144</sup> Id. Ibid., p. 27-56.

<sup>145</sup> Id. Ibid., p. 57.

O capítulo *A serpente batiza a cidade* trata especificamente da constituição de Cascavel como uma “cidade”, a qual seria o contraponto e a superação dos “sertões”. Diante disso, cabe citar as seguintes palavras de Gilmar Arruda, presente no texto *Cidades e Sertões*:

A cidade é moderna, progressista, representante de valores novos na qual a atividade política se desenvolve segundo os padrões da moderna democracia, usa-se a razão para convencer, há livre expressão e liberdade de opção. É o lugar de vivência e atuação de cidadãos livres e conscientes. O sertão é arcaico, o lugar da ação do clientelismo político, dos coronéis, do populismo, da violência e onde não há possibilidade de ação política de cidadãos livres e conscientes.<sup>146</sup>

Estes elementos descrevem o “sertão” e desenvolvem seu contraponto em relação à “cidade” em termos de oposição como: “moderno/arcaico, civilizado/incivilizado, progresso/atraso”<sup>147</sup>. Elementos que reportam a uma questão identitária, de construção e reconstrução de um espaço. Por conta disso há uso do termo “cidade” por Piaia, ao fazer referência ao município de Cascavel, dessa forma o autor contrapõe o presente espaço ao que ele seria antes de sua ocupação pelos “pioneiros”.

Na sequência do texto Piaia adverte que “não há nenhuma precisão sobre a data de surgimento da cidade de Cascavel”<sup>148</sup>. Porém, afirma que: “registros das companhias obrageiras, e à memória escrita de passantes, sabe-se com certeza que o nome Cascavel já existia nos primeiros anos do século XX”<sup>149</sup>. Ainda sobre sua formação:

A gênese da cidade contém algumas singularidades intrigantes e cativantes. Pode-se afirmar que não existiu uma única Cascavel, nem espacial nem temporalmente, e que seu surgimento, crescimento e desenvolvimento podem ser conceituados por etapas distintas, embora não estanques.<sup>150</sup>

O que podemos notar nestes três capítulos<sup>151</sup> é que Piaia parece estar preocupado em exemplificar o “mito fundacional” de Cascavel. Segundo Stuart Hall, em seu texto *A identidade cultural na pós-modernidade*, a narrativa da cultura nacional é composta por cinco elementos, entre eles está o “mito fundacional”<sup>152</sup> entendido como:

<sup>146</sup> ARRUDA, op. cit., p. 13.

<sup>147</sup> Id. Ibid., p. 14.

<sup>148</sup> PIAIA, op. cit., p. 71.

<sup>149</sup> Id. Ibid., p. 73.

<sup>150</sup> Id. Ibid., p. 88.

<sup>151</sup> *Os Revolucionários descobrem os sertões do oeste; Uma ferrovia no coração da mata; A serpente batiza a cidade.*

<sup>152</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA, 2006, p. 51-55.

[...] uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade”.<sup>153</sup>

Ao buscar uma possível origem para o município de Cascavel e para seu nome em um passado cada vez mais distante, Piaia acaba por gerar mais confusões para estas origens, o que se assemelha com criação de um “mito fundacional”<sup>154</sup>.

No capítulo denominado *As colonizadoras abrem caminho* escreve sobre como o fim da Segunda Grande Guerra ampliou o “mercado da madeira” nas regiões que chama de “zona de ocupação fronteiriça”. A respeito das empresas madeireiras, registrou, também, a instalação de “serrarias na Central Barthe, nas proximidades de Cascavel”<sup>155</sup>, pelo grupo de empresários liderados por Moysés Lupion.

Lavalle também escreve sobre a expansão da indústria madeireira paranaense após o mesmo período:

O esgotamento das reservas florestais paranaenses parece ter sido acentuado na conjuntura da Segunda Guerra Mundial. Até que ponto essas quantidades extraídas responderam a uma necessidade real de mercados, como já foi referido, ou refletiram uma certa euforia dos produtores, será outro ponto a analisar.<sup>156</sup>

A autora interroga se existia mesmo a necessidade de se explorar de forma tão intensiva as reservas florestais do Paraná, o que pareceu responder da seguinte forma:

Além da madeira de pinho, que foi extraída das matas paranaenses em quantidades que, por vezes ultrapassaram as possibilidades de comercialização e transporte do produto, muitas essências foram abatidas até sua quase extinção, na medida em que os mercados exigiam. De 1947 a 1964, muitas dessas essências, compuseram a exportação paranaense de madeiras de lei, em quantidades decrescentes [...].<sup>157</sup>  
O rápido esgotamento das reservas florestais paranaenses foi motivado, em parte, pela falta de execução rigorosa da legislação existente, e também pela falta de previdência do próprio madeireiro, que trocou uma exploração florestal metódica, a longo prazo, por um lucro momentâneo e nem sempre compensador.<sup>158</sup>

---

<sup>153</sup> Id. Ibid., p. 54-55.

<sup>154</sup> Id. Ibid., p. 54-55.

<sup>155</sup> PIAIA, op. cit., p. 105-106.

<sup>156</sup> LAVALLE, op. cit., p. 14.

<sup>157</sup> Id. Ibid., p. 98.

<sup>158</sup> Id. Ibid., p. 109.

A autora alegou que por vezes a extração de madeira era maior que a possibilidade de venda da mesma e que a exploração de forma rápida das reservas de floresta no Estado levaria quase ao extermínio de algumas espécies de árvores nativas.

No capítulo seguinte, do livro de Piaia, intitulado *Quem são os cascavelenses?*, discute-se quais foram as origens dos sujeitos que migraram para o município, com isto tenta-se constituir uma identidade, ou várias, para os chamados cascavelenses. São considerados “pioneiros” nesta migração e formação cultural do município “os gaúchos”<sup>159</sup>. A presença de catarinenses teria reforçado tal identidade, pois estes “se consideravam herdeiros da cultura gaúcha, também os paranaenses compartilhavam desse referencial gaúcho”<sup>160</sup>.

Na construção destas identidades, o autor continua a afirmar os elementos de violência ligados à “fronteira”: “Em Cascavel, ao se propiciar a convergência de diferentes etnias e culturas convivendo num mesmo espaço, permitia uma ampliação dos horizonte[s]. A par disso, o aspecto violento da fronteira não era um empecilho à continuidade do fluxo migratório”<sup>161</sup>. Dessa forma, a violência aparece como mais um dos elementos constituintes da identidade dos cascavelenses.

Em *Madeira e agricultura - o caminho da riqueza* são apresentados os aspectos da história do município ligados mais diretamente às questões das madeireiras. No início do capítulo o autor escreve que os “pioneiros” no “reconhecimento do valor da madeira existente no Oeste paranaense”<sup>162</sup> foram as “obrages”<sup>163</sup>. Em seguida, como se constituía em uma “façanha”<sup>164</sup> a extração e o transporte da madeira na década de 30, devido às poucas máquinas existentes e como a existência das serrarias “era sinal de progresso, pois utilizavam determinadas maquinarias industriais, como serras e tornos, além de dependerem de motores, cuja energia provinha de usinas privadas ou de sistemas a combustão”<sup>165</sup>. Elabora desta forma uma visão otimista sobre a ação das madeireiras. Na sequência escreve sobre a ação destas empresas na formação de Cascavel e Toledo:

---

<sup>159</sup> PIAIA, op. cit., p. 113.

<sup>160</sup> Id. Ibid., p. 113.

<sup>161</sup> Id. Ibid., p. 127.

<sup>162</sup> Id. Ibid., p. 131.

<sup>163</sup> No livro *História do Paraná*, Ruy Christovam Wachowicz define *Obrage* como sendo “um tipo de exploração ou propriedade que se desenvolveu no Paraguai e na Argentina. *Obragero* era o proprietário desse tipo de latifúndio. No final do século passado [século XIX], ela era típica no Paraguai e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones. O obragero argentino explora a erva-mate e a madeira em toros. Esse tipo de exploração penetrou no Estado do Paraná no final do século passado [século XIX], como a frente extrativa da erva-mate procedente da Argentina”. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 2 ed., Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010, p. 276-277.

<sup>164</sup> PIAIA, op. cit., p. 132.

<sup>165</sup> Id. Ibid., p. 133.

Cidades recentes como Cascavel e Toledo passaram a ser expoentes de núcleos cuja madeira permitia um elevado grau de acumulação. Emer (1991) sustenta que o início dos anos de 1940 marcou a vinda de madeiras para o município de Cascavel, com a intenção da exploração do produto em escala industrial.<sup>166</sup>

Para Piaia atividade da indústria madeireira possibilitou o surgimento destes municípios durante a década de 1940. Na continuação do texto, observou que, no adentrar da década de 1970, “o panorama começou a mudar para o mercado da madeira oestina. Por parte da oferta, o fim dos estoques naturais, que foram simplesmente rapinados, indicava que as cidades do Oeste precisavam tomar outros rumos econômicos”<sup>167</sup>. Pode-se entender o uso do termo “rapinado” como o roubar de forma violenta, saquear, entre outras definições, o que desenvolve uma imagem específica sobre a ação das madeiras, para além de um simples processo econômico, que não ocorrera de forma calculada.

O autor atribui o fim deste processo à crise do petróleo em 1973, que afetaria a economia em todo mundo e argumenta ainda que<sup>168</sup>:

De certa forma, pode-se considerar que a crise veio em boa hora, pois os empresários ligados ao ramo madeireiro já estavam antevendo o fim de seus estoques, e, nessa época, aqueles que haviam ganhado somas consideráveis com a madeira estavam buscando diversificar suas aplicações. E a opção mais rentável era exatamente aquela que combinava de muitos modos com a experiência desses pioneiros que já estavam acostumados às lidas agrárias: a agricultura.<sup>169</sup>

Para Piaia, os madeireiros mudaram de uma “atividade econômica” para outra: a agricultura. Deste modo, segue-se a ideia de ciclos econômicos, considerando a exploração da floresta como mais uma atividade econômica que sede lugar para outra quase que espontaneamente. Porém, a partir deste trecho, passa a considerar outros aspectos da exploração da floresta em Cascavel:

O domínio e o controle da natureza ditado pelo avanço da sociedade fez o “planalto gótico”<sup>170</sup> perder em meras duas décadas seu principal elemento. Os pinheiros sobreviventes passariam a ser espécie rara, mesmo assim, quando do descuido da autoridade, os agricultores continuaram a derrubá-lo, vendendo-o para serrarias clandestinas, abrindo espaço para a agricultura. Aquela imensa árvore vicejando no meio da lavoura era vista como um

---

<sup>166</sup> Id. Ibid., p. 133.

<sup>167</sup> Id. Ibid., p. 137.

<sup>168</sup> Id. Ibid., p. 137.

<sup>169</sup> Id. Ibid., p. 137-138.

<sup>170</sup> Refere-se à denominação dada por Bento Munhoz da Rocha à floresta de pinheiro-do-paraná.

empecilho à atividade de mecanização. Continuou-se derrubando pinheiros e outras árvores “só para ver o tombo”.<sup>171</sup>

O autor ameniza a destruição do meio natural por meio do uso dos termos “domínio” e “controle” e avalia que é o Estado, que faltou na fiscalização, o responsável pela ação dos agricultores em continuar o processo de derrubada das árvores, mesmo após o término da ação das madeireiras. Como no caso da violência ocorrida na formação do município a devastação do meio natural também seria resolvida com a presença do Estado.

Piaia escreve ainda sobre mudanças na atividade do setor madeireiro com o uso de novas tecnologias:

[...] Mais uma vez o grau de acumulação anterior, aliado aos processos tecnológicos havidos no setor, foi fundamental. As serrarias passaram de simples fornecedoras de matérias-primas a indústrias madeireiras. Enquanto as primeiras se debatiam, disputando um mercado cada vez mais concorrido, já que, para elas, o tamanho das inversões de capital não era tão grande, as madeireiras passaram a dominar o mercado e a garantir sua taxa de acumulação. As indústrias de madeira passaram a fornecer lambris, forros, assoalhos, tábuas preparadas e padronizadas de acordo com as encomendas, voltando-se também para o mercado interno. Seus compradores agora se situavam nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo. A euforia da construção da nova capital - Brasília - contou com milhares de metros cúbicos de madeira extraída e preparada nos outrora temidos sertões do Oeste paranaense.<sup>172</sup>

As mudanças tecnológicas foram fundamentais para transformar as serrarias em indústrias madeireiras, o que significava que não produziam mais só as tábuas, mas outros materiais beneficiados, como os assoalhos. O destino do produto também mudou. Se antes a madeira era vendida para o exterior do país, agora era vendida para diferentes localidades por todo o Brasil.

Jefferson de Oliveira Salles, em seu artigo *A floresta como negócio: histórias de setor industrial madeireiro do Paraná*, tece as seguintes considerações sobre esta transformação:

A partir do início do século XX, com a maior integração do Paraná com o mercado nacional e internacional ocorreu a transformação da atividade madeireira de extrativa para uma atividade “industrial” através de uma cadeia que incluía fabricação de caixas, papel, papelão, móveis, fósforos. Este potencial econômico atraiu investimentos de outros Estados e de grupos

---

<sup>171</sup> PIAIA, op. cit., p. 138.

<sup>172</sup> Id. Ibid., p. 140-141.

internacionais, com a MANASA S/A (paulista) a Lumber (de capital norte americano) e a Cia. de Terras Norte do Paraná (CTNP, de capital inglês).<sup>173</sup>

Para Salles, foi graças a este capital estrangeiro, congregando as alianças que madeireiros criariam localmente, que foi possível a criação deste grupo empresarial e sua manutenção. Além disso, as pessoas que foram trabalhar com negócios voltados para a exploração da madeira, tanto para este autor como para Piaia, já possuíam alguma experiência mercantil<sup>174</sup>.

Piaia ressalta que a construção de Brasília contou com a “madeira extraída e preparada nos outrora temidos sertões do Oeste paranaense”<sup>175</sup>. Isso pode significar que, com a exploração da madeira, a “natureza” já foi dominada e os então “temidos sertões do Oeste paranaense” deixam de ser “selvagens” para se transformarem em áreas consideradas “civilizadas”. Na mesma página o autor apresenta uma imagem de seu arquivo pessoal:



FIGURA 9. Fotografia do livro de Vander Piaia.

Fonte: PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013, p. 141.

<sup>173</sup> SALLES, Jefferson de Oliveira; LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. A Floresta como negócio: histórias do setor industrial madeireiro do Paraná. In: Encontro da Rede de Estudos Rurais, 5,2012, Belém. *Anais Desenvolvimento ruralidades e ambientalização: paradigmas e atores em conflito*. Belém 2012, p. 02.

<sup>174</sup> PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013, p. 142.

<sup>175</sup> Id. Ibid., p. 141.

Observamos homens em cima de tábuas de madeira e atrás uma floresta densa com pinheiros. Estes detalhes não foram analisados pelo autor. No entanto, se a legenda for relacionada à imagem, pode-se concluir que Piaia, bem como Alceu A. Sperança, considera a ação das madeireiras fundamental para a formação da “cidade” de Cascavel. Assim, outras questões são desconsideradas, como os impactos ambientais, levando-se em conta unicamente os aspectos econômicos da exploração. Para Piaia, é através da exploração do meio natural que o “sertão” se transforma em “cidade”, ou seja, é a partir desta devastação que o “desenvolvimento” ocorreu.

O autor complementa esta ideia na página seguinte: “De fato, a fase embrionária da criação dos municípios oestinos contou, em grande parte, com a participação efetiva dos madeireiros. Seus interesses não estavam separados dos interesses políticos. [...]”<sup>176</sup>. De tal modo, Piaia indica que a ação das madeireiras estava ligada às ações dos governantes.

Jefferson de Oliveira Salles escreve sobre o caso do município de Guarapuava/PR no ano de 1949 como um “exemplo da ligação do poder público municipal com o capital madeireiro” para demonstrar “o papel do Estado como um coordenador subordinado dos interesses das serrarias”<sup>177</sup>. Pode-se pensar que não era a ausência da presença do Estado que poderia fazer do oeste do Paraná um “lugar violento”, como afirma Piaia, mas a aliança entre o Estado com os grupos dominantes.

Piaia segue seu texto questionando a existência de ideias preservacionistas naquele momento histórico: “Não se pode falar em consciência ecológica nos anos de 1940 e 1950, nos moldes que é invocada atualmente. A ecologia se tornou assunto das massas na esteira das grandes transformações sociais verificadas especialmente a partir dos anos de 1960”<sup>178</sup>. Em seguida escreve: “[...] Isso não quer dizer que o colonizador não possuísse alguma forma de consciência de preservação”<sup>179</sup>. Posteriormente, sobre Cascavel:

Nas zonas de fronteira, tais como Cascavel e Toledo, em seus primórdios, não havia uma rede de resistência. Se havia, por parte dos antigos moradores (no caso oestino, índios aculturados, paraguaios e caboclos), elas eram muito tênues. Os recém-chegados tinham se defrontado com o desafio de criar um novo ambiente baseado nas condições de vida que conheciam. Para que preservar o pinheiro, se sua derrubada facilitava a formação da lavoura e garantia um dinheiro na venda da madeira? A intensidade das relações mercantis na fronteira afastava o homem de sua relação original com a

<sup>176</sup> Id. Ibid., p. 142.

<sup>177</sup> SALLES; LOPES, op. cit., p. 06.

<sup>178</sup> PIAIA, op. cit., p. 143.

<sup>179</sup> Id. Ibid., p. 143.

natureza. A preservação não tinha lógica, salvo em reduzidos espaços dentro da propriedade, e de uma forma adaptada.<sup>180</sup>

Antes o ser humano tinha uma relação que podia ser considerada harmoniosa com o meio natural. Mas, ao mudar para uma região de fronteira, esta relação se modificou, “afastando o homem de sua relação original com a natureza”, o que o leva a devastá-la. Então, a fronteira age também de forma a mudar a relação entre o ser humano e o meio natural. O autor também pareceu justificar a ação dos “colonos”, afirmando: “As matas paranaenses já tinham sido devastadas em grande parte quando se iniciou efetivamente a ocupação dos rincões oestino”<sup>181</sup>. Na sequência lemos:

Os colonos que vieram para o Oeste não podiam e tampouco almejavam qualquer alternativa que contemplasse livrar-se dos tentáculos do mercado. A preservação estava fora das suas preocupações, as árvores eram, ao mesmo tempo, dinheiro e empecilho à ocupação permanente das terras. Foi desse modo que sobre as florestas ancestrais fora decretada uma sentença de morte. As árvores tinham de tombar!<sup>182</sup>

Para o autor, os colonos estavam presos às questões de seu tempo e suas condições de vida, por isso não seria possível esperar deles atos preservacionistas. Em seguida distingue vários elementos da ação das madeireiras e considera ainda a questão dos trabalhadores:

Outros benefícios indiretos contribuíram para o sucesso do empreendimento mercantil madeireiro: o incremento na procura dessa mercadoria, o crescimento dos preços relativos concomitantemente ao próprio acréscimo da procura, tudo isso aos baixos salários pagos aos trabalhadores, que, desorganizados e desqualificados, serviam mais uma vez ao capital com seus esforços.<sup>183</sup>

Entretanto, ao concluir o capítulo, há a construção de um sentido sobre a ação das madeireiras semelhante aos que Sperança produziu:

O ciclo da madeira estava cumprindo seus objetivos. As condições da colonização seriam doravante alicerçadas na premissa da formação e ampliação do capital. Para que as pequenas vilas adquirissem a independência como cidades, era preciso certo grau de complexidade das relações sociais, o que foi possível com o estabelecimento dos interesses do capital madeireiro. Canjarana, Carvalho, Cedro, Pinho, Angico, Canafístula, Peroba, Canela, Cabriúva, Pinho [sic], Pindaúba e tantas outras de diâmetros

<sup>180</sup> Id. Ibid., p. 145.

<sup>181</sup> Id. Ibid., p. 146.

<sup>182</sup> Id. Ibid., p. 148.

<sup>183</sup> Id. Ibid., p. 148-149.

imensos que só podiam ser abraçadas por dois ou mais homens, com alturas de 30, 40 metros, desafiando a gravidade, não puderam resistir ao ímpeto colonizador. As fotografias dos homens vitoriosos sobre imensas toras, lembrando imagens de feras subjugadas aos pés do caçador, as fotos de pessoas enlaçadas na árvore gigantesca dizem bem mais do que aparentam. A fera vegetal fora domada, a abraço não é o da saudação e da reverência, é o abraço do sufocamento, o abraço da morte!<sup>184</sup>

Podemos lembrar o que é escrito por Freitag: “O sertão é o espaço que deve ser desterritorializado para que se ergam os novos marcos simbólicos necessários para a nação moderna. Ou seja, a natureza deve sucumbir em nome do progresso”<sup>185</sup>. O que está sendo escrito sobre a história de Cascavel e a ação das madeireiras parece estar dentro desta lógica, segundo a qual teria sido necessária a devastação do meio natural para a formação e “progresso” do município.

Piaia constrói, ao descrever a ação das madeireiras no município de Cascavel, uma interpretação mais ampla do processo, considerando outros elementos que não dizem respeito unicamente aos benefícios econômicos trazidos pela implantação das madeireiras. Porém, ao afirmar o “sertão”, delimitado pela “fronteira”, como um elemento constituinte da identidade desta região, age de forma a justificar a ação de destruição do meio natural, ou uma ação violenta na posse da terra por parte dos chamados “pioneiros”.

Tendo em vista a análise desta historiografia, é possível perceber que estes autores produzem uma narrativa sobre a história de Cascavel de forma a indicar um sentido único, que seria válido para todos os munícipes. De tal modo, assentam-se como porta vozes desta sociedade, legitimados pelos lugares que ocupam. Pierre Bourdieu observou, em *A força da representação*, que “O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade”<sup>186</sup>.

Passamos para o próximo capítulo com a reflexão das entrevistas orais. As entrevistas permitem apresentar e analisar elementos - que a historiografia discutida neste capítulo não menciona - relacionados não só às questões que dizem respeito à relação humano/meio natural, como também às tecidas entre os diferentes sujeitos que atuaram neste processo junto às madeireiras.

---

<sup>184</sup> Id. Ibid., p. 150.

<sup>185</sup> FREITAG, op. cit., p. 63.

<sup>186</sup> BOURDIEU, Pierre. A força da representação. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 111.

## CAPÍTULO 2- EXPERIÊNCIAS DO DESMATAMENTO: MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO DE MADEIREIRAS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR

### 2.1 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DE MADEIREIRAS NO PARANÁ

Neste capítulo busca-se investigar as narrativas sobre a atuação de madeireiras no município de Cascavel/PR, a partir da metodologia de história oral. Assim, procura-se problematizar, a partir da fala dos entrevistados, os elementos que tratam da produção, transporte, exportação, beneficiamento, classificação e comercialização da madeira. Também são abordadas questões referentes à posse da terra de onde era extraída a floresta, as relações de trabalho, bem como outros elementos.

Inicialmente, faz-se pertinente a apresentação de informações sobre a organização das empresas madeireiras no Paraná. Conforme Artur BarthelMESS:

A indústria da madeira desenvolvia-se tendo como unidade de produção a serraria e, que “*foram uma concentração populacional própria, chegando a cercar-se de uma vila residencial com dezenas e mesmo centenas de casas para operários, em geral todas de um só tipo, que dão ao conjunto aspecto de padronização monótona. Tem a serraria seus próprios armazéns, clubes, farmácia etc., tudo pertencente à empresa que tudo abastece à completa revelia do comércio local, suprindo-se de mercadorias adquiridas diretamente na Capital do Estado, ou em Ponta Grossa, quando não na Capital de São Paulo. A serraria não se integra na vida regional, permanece como um corpo estranho, até o dia em que, pelo esgotamento das reservas locais da floresta, é transferida para novas paragens, levando consigo as realizações complementares e a população*”.<sup>187</sup> (grafia como no original)

Trata-se, portanto, do funcionamento e de algumas características da indústria madeireira no Paraná. Em relação ao município de Cascavel, é necessário considerar o que é escrito por Maicon Mariano no artigo *Sociedade e Meio Ambiente*:

Desta forma em Cascavel, e também em outras cidades da região, a economia girava em torno das serrarias. Conforme as licenças eram concedidas novas serrarias passaram a se instalar, a industrialização tomou impulso contribuindo para modificações no perfil dos assentamentos citadinos. Uma vez que a produção madeireira organizou-se em torno das grandes serrarias, reunia seus trabalhadores, procedendo à formação de pequenas vilas, e algumas dessas vilas alcançaram, mais tarde,

---

<sup>187</sup> BARTHELMESS, Artur. Estado do Paraná: Aspectos geo-econômicos. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, p. 39 e 40, vol. VII, fasc. 3-4, Curitiba, 1958, apud: BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda. 1969, p. 143.

características de bairros. A produção industrial dinamizou o movimento de trânsito de pessoas e mercadorias que era feito, sobretudo, pelo transporte automotivo. Dentre as madeireiras e serrarias que se destacaram estão: Ouro e Prata; Salvati, Galaffassi; Santa Fé, Salvadori; Maschi; Sarolli, entre outras.<sup>188</sup>

Para Maicon Mariano, estas empresas influenciaram na formação urbana da cidade, na criação de bairros<sup>189</sup> a partir das antigas vilas residenciais e da circulação de pessoas. Além disso, o autor cita nomes de empresas que se destacaram neste ramo, algumas existentes até os dias de hoje, como a *Sarolli Madeiras*<sup>190</sup>.

Irene Spies Adamy, em sua pesquisa sobre “a formação e organização política de uma fração agrária de classe dominante no município de Cascavel”, a partir de uma das suas entidades, a *Sociedade Rural do Oeste do Paraná*, escreve que<sup>191</sup>:

A formação de grandes propriedades rurais em Cascavel teve início com o processo de colonização e com a instalação de empresas de exploração de madeira a partir de 1940, atraídas pela abundância de araucárias. Seus proprietários vinham para o Oeste a fim de expandir os negócios que as famílias desenvolviam em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul ou mesmo em Curitiba. Na década de 1950 foram colocadas em atividade diversas serrarias. Estas extraíam a madeira de propriedades adquiridas pelas colonizadoras, do Governo do Estado, e também de terras ocupadas por particulares que desejavam vê-las “limpas” a fim de poder cultivá-las com a produção agrícola.<sup>192</sup>

A partir do texto de Adamy pode-se concluir que ação das empresas madeireiras não influenciou exclusivamente na formação urbana do município, mas também na organização do meio rural, composto por um grande número de extensas propriedades. A autora argumentou ainda que:

<sup>188</sup> MARIANO, Maicon. Sociedade e Meio Ambiente: discursos sobre a “Era da madeira” In: Simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2º, 2012, Florianópolis. *Anais*: Florianópolis, 2012, p. 165.

<sup>189</sup> Um exemplo de um bairro do município de Cascavel que teria sua origem a partir das madeireiras é o Brasmadeira, que segundo consta recebeu este nome devido à quantidade de madeireiras que existia na região que deu origem ao bairro. Fonte: <<http://www.psinacio.com.br/parquia/comunidades/brasmadeira/>>. Acesso em: 09/09/2014.

<sup>190</sup> Segundo livro de Anselmo Cordeiro *Os Pioneiros*: a epopéia dos heróis que constroem a metrópole do oeste, de 2009, Cascavel, durante a década 1970, tinha “mais de 60 madeireiras, das quais mais de 30 só em seu perímetro urbano”. O autor também cita alguns dos nomes das empresas existentes neste período, entre elas, não destacados por Maicon Mariano, estão: *AB Nogueira*; *São Cristovão*; *Bragagnollo*; *Carlos Sbaraini*; *Brasplac*; *Brasmadeiras*; *Selectas*; *Joroar*; *Madevani*; *Berneck*; *Milla*; *AB Pereira*; *IMAPAR*, *Zancanaro*, *Bilibio*; *Centenário*; *Boa Vontade*; *Cometa*; *Ogacial*; *Orso*; *Cachoeira*; *Rebelatto*; *Slaviero*; *Tesouro*. p. 14.

<sup>191</sup> ADAMY, Irene S. A formação e organização política de uma fração agrária de classe dominante na região Oeste. *Espaço Plural*. Ano XII, nº 25, 2º semestre 2011, p. 119.

<sup>192</sup> Id. *Ibid.*, p. 122.

As empresas madeireiras, na sua grande maioria, eram também colonizadoras, ou seja, as terras eram adquiridas, a madeira era extraída e depois as glebas ou colônias eram loteadas e vendidas aos interessados. Por vezes, os proprietários das colonizadoras mantinham a propriedade de grandes áreas nas quais passaram a desenvolver a agricultura e a pecuária.<sup>193</sup>

Os dados trazidos por Adamy sobre o relatório do INCRA do ano 1982 podem ser pensados como reflexo da mencionada ação. Conforme o relatório, Cascavel era o “município com a maior concentração fundiária da região Oeste do Paraná” e “das 184 propriedades com área entre 500 e 1.000 hectares, 36 estavam ali localizados. Da mesma forma, das 162 propriedades da região com mais de 1.000 hectares também 36 se localizavam em Cascavel”<sup>194</sup>.

Adamy entrevistou alguns dos proprietários de terra previamente vinculados às madeireiras, entre estes Euclydes José Formighieri, destacado como o primeiro grande proprietário rural da região, junto com seus irmãos Oreste e Francisco, que chegaram a Cascavel em 1950 “com o objetivo de adquirir terras e instalar uma serraria”<sup>195</sup>. A mão de obra, segundo o entrevistado, utilizada em sua serraria era em sua maioria oriunda do Estado de Minas Gerais. De acordo com ele, “[...] suas empresas enviavam madeira, principalmente, para São Paulo, Minas Gerais e a partir da década de 1970, para Brasília. Os caminhões que levavam madeira retornavam trazendo dezenas de famílias [...]”<sup>196</sup>. Portanto, a ação das madeireiras esteve intrinsecamente associada à vinda e ao estabelecimento em Cascavel de pessoas oriundas de diferentes regiões do Brasil.

## 2.2 AS ENTREVISTAS, OS ENTREVISTADOS E SUA RELAÇÃO COM AS MADEIREIRAS

Do ponto de vista metodológico, a escolha dos sujeitos para as entrevistas se deu em função de seus envolvimento com as empresas madeireiras no município de Cascavel durante o período de 1950 a 1970. Entende-se aqui que, embora estas falas expressem pontos de vistas pessoais sobre a ação das madeireiras, a construção da narrativa ocorre socialmente. Como afirma Pollak, em seu texto *Memória e identidade social*, “o que se recolhe são

---

<sup>193</sup> Id. Ibid., p. 124.

<sup>194</sup> Id. Ibid., p. 126.

<sup>195</sup> Id. Ibid., p. 122.

<sup>196</sup> Id. Ibid., p. 124.

memórias individuais”, que devem ser entendidas como um fenômeno coletivo e social, de uma determinada sociedade e tempo<sup>197</sup>.

Yara Aun Khoury escreve, em seu artigo *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*, que:

[...] Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao exploramos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida. No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como esta continua a interpelar o presente enquanto valores e referências.<sup>198</sup>

A especificidade da fonte oral possibilita pensar como os entrevistados reelaboram suas falas a partir do presente e da realidade particular de cada sujeito apresentada no momento de produção da entrevista.

No total foram realizadas e analisadas quatro entrevistas, entre os anos de 2011 a 2013, com antigos empregados e proprietários de madeireiras no município de Cascavel, que atuaram nestas atividades entre as décadas de 1950 e 1970. A primeira foi realizada com um antigo proprietário, Fernandes José Liberali, no dia 02 de abril de 2011. No decorrer da entrevista, Fernandes solicitou que seu filho mais velho Gilmar Liberali participasse, já que Fernandes apresenta dificuldade de audição. Gilmar Liberali é professor da rede estadual de ensino.

Fernandes Liberali nasceu no município de Canela no Estado do Rio Grande do Sul no dia 26 de janeiro de 1933, era um dos proprietários de uma serraria que se situava no distrito de Rio do Salto/Cascavel, nomeada de Industrial Madeireira Rio do Salto LTDA. A empresa também pertencia a seu pai, irmãos e tios. Sua família já havia sido proprietária de uma serraria no Estado de Santa Catarina, no município de Campos Novos, que funcionou durante sete anos. A serraria no município de Cascavel começou a funcionar em 1958, após a vinda de sua família a região. Sua família também era proprietária de uma casa de comércio e de uma fábrica de pasta vegetal<sup>199</sup>.

<sup>197</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10. 1992, p. 200-212.

<sup>198</sup> KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In FENELON, D. R. et al. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 118.

<sup>199</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência de Fernandes José Liberali em 02 de abril de 2011.

A segunda entrevista foi realizada com um antigo funcionário da serraria de Liberali, Paulino Denardi, no dia 04 de dezembro de 2011. Denardi nasceu no distrito de Irakitan/Tangará, no Estado de Santa Catarina, no dia 25 de março de 1945, e se mudou para município de Cascavel, no distrito de Rio do Salto, no dia 11 de abril de 1964. Denardi desempenhara primeiro a função de bitoleiro<sup>200</sup> e depois de serrador. Após a venda da empresa, em 1968, para a *Sarolli Madeiras*<sup>201</sup>, Paulino Denardi começou a trabalhar nesta, exercendo a função de serrador. Chegou a atuar como gerente até 2000, quando se aposentou. Atualmente trabalha na colheita de soja, transportando os grãos até os silos<sup>202</sup>.

A terceira entrevista foi realizada com Amador Franceis e sua esposa Oneide Frizzo Franceis no dia 07 de junho de 2013. Amador Franceis nasceu no dia 18 de março de 1937 no município de Veranópolis, Estado do Rio Grande do Sul, e, antes de se deslocar para Cascavel, já trabalhava como funcionário de uma beneficiadora de madeira. No ano de 1955 ele mudou para Cascavel onde passou desempenhar a funções de guarda livro (contador) na madeireira *Exportadora Carimã*. A exportadora desta empresa se localizava em Foz do Iguaçu e a serraria em que Amador trabalhava se localizava em Cascavel, na Comunidade de Centenário, a 40 km da cidade.

O entrevistado relatou que mudou de trabalho para uma empresa mais próxima da cidade e que transportava madeira primeiramente para São José do Rio Preto, em São Paulo, e depois para Brasília. A empresa pertencia ao mesmo grupo da antiga companhia aérea *VASP* (Viação Aérea São Paulo). Por volta do ano 1968, Amador iniciou sua própria empresa, comprando madeira por sua conta e vendendo para os caminhoneiros que levavam o produto para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília<sup>203</sup>.

Oneide Frizzo Franceis nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul e migrou para Cascavel em 1957. Seu envolvimento com o setor madeireiro ocorreu por conta de seus pais, pois o pai era construtor de serrarias e também trabalhava em algumas funções, como laminador. Sua mãe possuía uma pensão dentro da madeireira, onde alugava quartos para os empregados. Foi nesta pensão que Amador e Oneide se conheceram.

---

<sup>200</sup> O bitoleiro tem a função de puxar a madeira para o serrador serrar, sendo responsável pela definição da espessura. Esta função está classificada como operadores nível I, recebendo um salário maior que o dos auxiliares de produção, os quais tem o salário mais baixo dentro do setor madeireiro (informações consultadas no JORNAL DO SINTRACOM, Londrina, 2007 e no site: <www2.trt8.jus.br/std/Download.aspx?id=170803&nome>. Acesso em: 02/07/2014).

<sup>201</sup> *Sarolli Madeiras* ainda atua como madeireira no município e possui serraria também em outros Estados.

<sup>202</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi a Daniele Brocardo. Distrito do Rio do Salto - Cascavel/PR; residência de Paulino Denardi em 04 de dezembro de 2011.

<sup>203</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência dos entrevistados em 07 de junho de 2013.

A quarta entrevista foi realizada no dia 13 de setembro de 2013, na casa da filha do entrevistado. Jeronimo Rodrigues nasceu no ano de 1949 na cidade de Canoinhas, Santa Catarina e se mudou, no ano de 1968, junto com sua família a procura de emprego para a região de Mato Queimado, próximo a Guaraniaçu/Paraná. O primeiro emprego de Rodrigues na região foi na agricultura, através do arrendamento de terra, já que sua família não possuía propriedade. Em seguida trabalhou por sete anos em uma madeireira até se casar, quando voltou a trabalhar na agricultura. Após um tempo nesta função, Rodrigues retornou ao trabalho na indústria madeireira, trabalhando em diversas empresas como serrador. No momento da realização da entrevista Rodrigues encontrava-se com dificuldades para se aposentar<sup>204</sup>.

A realização destas entrevistas se deve a uma rede de relações pessoais que me levaram a conhecer estes sujeitos. A primeira foi realizada com ajuda de meu tio avô, que conhecia há muito tempo Fernandes Liberali. A segunda contou com a intermediação de meu pai, que conversou com Paulino Denardi, que é primo de minha avó paterna. A terceira entrevista realizada com Amador Franceis e sua esposa Oneide F. Franceis ocorreu graças à intermediação do professor Nilceu Jacob Deitos, da UNIOESTE. Já para a quarta entrevista realizada com Jeronimo Rodrigues também contei com a ajuda de meu pai, que conhece o genro de Rodrigues.

Na análise das entrevistas focalizamos os aspectos relacionados às formas como estas pessoas discorreram sobre seu passado ligado à ação das madeireiras, em especial acerca das questões informadas no início deste capítulo. As perguntas formuladas durante as entrevistas ocorrem no intuito de fazer com que os sujeitos falassem sobre suas trajetórias de vida, para além do contato com este setor. Cabe lembrar que não encaramos os entrevistados como indivíduos passivos, pois a entrevista oral ocorre sempre na forma de um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador.<sup>205</sup>

## 2.3 RELAÇÕES DAS MADEIREIRAS CONTIDAS NAS MEMÓRIAS DOS AGENTES DESTE PROCESSO

---

<sup>204</sup> Entrevista concedida por Jeronimo Rodrigues a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência da filha do entrevistado em 13 de setembro de 2013.

<sup>205</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, nº 15, 1997, p. 14.

A primeira entrevista ocorreu com Fernandes José Liberali e seu filho Gilmar Liberali no dia 02 de abril de 2011. O entrevistado iniciou seu relato contando um pouco sobre sua trajetória de vida:

**Fernandes José Liberali:** Eu de Canela, eu sai de Canela eu vim para Santa Catarina, no município de Campos Novos, daí ficamos 7 anos tocando serraria lá em Campos Novos, tudo esta turma que eu falei, era mesma firma que nós tínhamos lá. Ficamos 7 anos tocando serraria lá e depois de 7 anos, em [19]58 viemos aqui no Rio do Salto, montamos a serraria aqui no Rio do Salto.

...

**Fernandes José Liberali:** Começo em 1958.

**Entrevistadora:** Isso em Cascavel?

**Gilmar Liberali:** Até que ano funcionou?

**Fernandes José Liberali:** Funcionou, espera, até 69, 1969.

**Entrevistadora:** Então ela não esta mais funcionando?

**Fernandes José Liberali:** Depois ela continuou serraria, não nossa, ela era do Sarolli.<sup>206</sup>

Como podemos ler nos fragmentos acima, os deslocamentos – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e depois Paraná - de Liberali estão associados à sua atividade no ramo madeireiro. Eles ocorriam na medida em que as florestas eram esgotadas ou novas “fronteiras” de mata eram encontradas. Liberali foi questionado sobre as terras de onde a floresta era extraída, se havia alguém morando ali, como índios ou/e posseiros. O entrevistado respondeu da seguinte forma:

**Fernandes José Liberali:** Não, não tinha, era...Terra livre que a gente comprou do Estado, no tempo do Governador, era, como é que era? Era Lupion.

**Gilmar Liberali:** Lupion

**Fernandes José Liberali:** No tempo do Lupion, ele fez tudo aqueles lotes que foi por intermédio do governador, mas tinha os órgãos, hoje tem o INCRA, naquele tempo era [...]

**Gilmar Liberali:** ITCS, acho que era? Ito grafia e floresta, [...] se não me falhar a memória.

**Fernandes José Liberali:** Bom, mas era...

**Gilmar Liberali:** Mas uma parte vocês compraram posse, também né?

**Fernandes José Liberali:** Nós compramos. Os que foram lá foram morar em cima, depois veio a medição do Estado, então foi medido cada um, um dez alqueires, outro quarenta alqueires, outro trinta alqueires, foi tudo dividido em lote aquilo ali, daí nós então compramos as posses, por que quando nós chegamos lá já tinham os posseiros, já estavam morando em cima né, só que não tinham documento.

**Entrevistadora:** Então vocês compraram as terras?

---

<sup>206</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência de Fernandes José Liberali em 02 de abril de 2011.

**Fernandes José Liberali:** É eles tinham aquela posse, faziam casa derrubavam o mato, faziam roça, só que não tinha documento da terra, então depois que foram documentadas estas terras por intermédio do Estado, [...], então cada um, sei lá eu como eles vendia, mas cada um tinha um tanto de um pedaço aqui, tirava um tanto do pedaço aqui outro tanto ali, é que era um lote para cada um, daí nós compramos as posses, esta posse nós compramos de quem morava em cima.

**Entrevistadora:** De quem morava e não do Estado?

**Fernandes José Liberali:** É, e normalmente quase todo eles, quase que ninguém tinha pagado para o Estado, então nós pagávamos, nós aqui na, mas como é que é o nome da?

**Gilmar Liberali:** Coleitoria?!

**Fernandes José Liberali:** Não, não era Coleitoria, espera, era Coleitoria sim, Coleitoria do Estado daí nós pagávamos, vinham as guias de Curitiba em nome de quem tinha a terra, não vinha em nosso nome, vinha em nome de quem era posseiro de que nós compramos a posse é vinha em nome dele estas guias, daí nós comprávamos, compramos a posse deles e de outros que não queriam vender, nós compramos só os pinheiros, daí nós vínhamos na Coleitoria nós pagava, pagava para Coletoria Estadual, nós pagavam por governo do Estado, daí é.

**Entrevistadora:** Para retirada da Madeira?

**Fernandes José Liberali:** É!?

**Entrevistadora:** Lembra de quem que era lá...?

**Gilmar Liberali:** Terra o pai pagava, é?

**Fernandes José Liberali:** A terra, os pinheiros não, Estado, não nós comprávamos só a terra. E depois que a terra era nossa, nós fazíamos o que bem entedia, tirávamos os pinheiros, tirava....

**Gilmar Liberali:** Os que não queriam vender a terra, a posse por causa da terra então vendia só o pinheiro, daí eles compravam só o pinheiro para serrar.<sup>207</sup>

O entrevistado argumentou que a terra onde era explorada a floresta não havia ninguém, eram “terras livres” que foram compradas do Estado do Paraná na época em que era governado por Moyses Lupion<sup>208</sup>. Em seguida, questionado pelo seu filho sobre ter comprado

<sup>207</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>208</sup> Moyses Lupion foi governador do Estado do Paraná no período de 1947-1951 e 1956-1961. Antes de ser eleito em 1947 Lupion era possuidor de uma “fábrica de caixas em Ponta Grossa, além de vários terrenos junto à ferrovia; indústria de ferro em Castro e diversos terrenos; fábrica de fósforos em Piraí do Sul; fábrica de papel e celulose de Arapoti; serraria do Rio do Peixe, incluindo exploração de pastagens e área agrícola; entreposto de Morungava para fornecimento de madeira à indústria de papel e celulose de Cachoerinha; entreposto em Itararé, SP com desvio ferroviário particular e instalações para beneficiamento de madeira”. “Fazendas Andrada, São Domingos, Piquiri e La Paz, adquiridas da empresa argentina Barthe, além das fazendas Santa Helena e Barro Preto, todas no Extremo Oeste do Paraná com mais de um milhão e trezentos mil pinheiros, além de ervais e um porto particular em Foz do Iguaçu; pinhais em cinco fazendas, com um total de três mil alqueires; diversas embarcações no Paraná e duas no Atlântico, que faziam a rota Paranaguá-Rio de Janeiro; 70 caminhões, 20 caminhonetes e 11 vagões próprios operados pela então Rede Viação Paraná-Santa Catarina.” Depois de eleito ele se tornou proprietário de “18 grandes serrarias no Estado; novas áreas de terras e pinhais em diferentes regiões do Paraná, inclusive 4 mil alqueires no município de Sertãozinho; destilaria no Rio de Janeiro; depósito de madeiras em Jaguaré, SP, e fábrica de compensados em Curitiba; agências Chevrolet, em Piraí do Sul; Banco Meridional da Produção, depois um dos embriões do Grupo Bamerindus”. Além disso, “Banco Figueira Rocha, Banco Nacional Paulista, com 32 agências, Banco América do Sul; mineração e industrialização da grafite, no Rio de Janeiro; fábrica de papelão em Mogi das Cruzes (SP); indústria Vita-Mate (refrigerante) com filiais no Rio e São Paulo; destilaria de xisto-betuminoso; jornal *O Dia*, de Curitiba e ações da *Gazeta do Povo*,

uma área de posse, argumentou que as terras tinham posseiros morando, mas estes “não tinham documento”<sup>209</sup>. Sobre estes processos de reocupação das terras na região Oeste do Paraná, Adamy escreve que:

A colonização das terras que compreendem a região Oeste do Paraná foi efetivada, basicamente, por empresas privadas. Porém, o Governo do Estado do Paraná teve participação direta no processo, atuando principalmente na concessão de terras e títulos a estas empresas, aos novos posseiros, ou aos posseiros que ali já se encontravam desde as primeiras décadas do século XX. Este foi um processo conflituoso, marcado pelo favorecimento político e por disputas em torno do direito de posse e de propriedade da terra, a exemplo dos processos judiciais entre a União, o Estado e a empresa Braviaco.<sup>210</sup>

O governador Moysés Lupion, no seu primeiro mandato, entre os anos de 1947 e 1951, conforme dados do Instituto de Terras Cartografia e Geociências do Paraná, (ITCG) emitiu 9.564 títulos de propriedade no Estado. Em seu segundo mandato, de 1956 a 1961 o número foi ainda maior, com um total de 26.084 titulações. Este processo teve continuidade nos governos de Ney Braga que entre 1961 e 1965 titulou 8.880 propriedades. Entre 1979 e 1982, quando do seu segundo mandato como governador, foram expedidos 3.366 títulos.<sup>211</sup>

Este processo foi conflituoso e gerou várias disputas pela posse da terra, tendo a participação direta do Estado através do favorecimento político para titulação da propriedade. Antonio Marcos Myskiw, que pesquisou de forma mais específica os conflitos de terra na região Oeste do Paraná, no período de 1961 e 1966, tendo como destaque atuação do Governo Ney Braga<sup>212</sup>, escreve que o estado do Paraná, na tentativa de controlar a ocupação de terras, criou órgãos estaduais específicos, porém, estes “contribuíram também para o surgimento de mais e mais problemas relacionados à titulação de terras e de privilegiar alguns grupos econômicos interessados na apropriação de terras com fins lucrativos”<sup>213</sup>.

---

representando 49% do capital social; sete emissoras de rádio lideradas pela Guairacá; rede de farmácias em Curitiba com oito estabelecimentos, bem como casa de material elétrico; frota de automóveis e caminhões da ordem de 1.200 veículos”. Também “Organização Aérea BOA, com 12 aeronaves; postos de gasolina por todo o interior do Paraná, como representantes da *Gulf Oil Company*, exploração de petróleo em Rio Claro, SP, juntamente com a PAN, subsidiária da *Standard Oil*, que chegou a abrir diversos poços; exploração de urânio, em Figueira e, ainda, a propriedade da Fazenda Morungava, com 38 mil alqueires”. Disponível em: <<http://cascavel.dihitt.com/n/arte-cultura/2009/03/06/lupion-o-homem-estado>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.

<sup>209</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

<sup>210</sup> Segundo A. Sperança a empresa Braviaco - Brasileira de Viação e Comércio, foi sucessora do império da *Brazil Railway Company*, do milionário norte-americano Percival Farquhar (1864-1954). Quando o território do município de Cascavel se forma a posse dessa área pertencia esta empresa. SPERANÇA, Alceu A; SPERANÇA, R. *Cascavel: uma santa na encruzilhada*. Cascavel: ACL - Reprograf, 2012. p. 18.

<sup>211</sup> ADAMY, Irene Spies. A formação e organização política de uma fração agrária da classe dominante na região oeste. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, nº 25, p. 119-135, 2º semestre de 2011, p. 122.

<sup>212</sup> MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no oeste paranaense (1961/66)*. Niterói/RJ, 2002. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. p. 16.

<sup>213</sup> Id. Ibid., p. 66-67.

Na fala de Liberali podemos perceber que a legitimidade sobre o uso e a posse da terra só é reconhecida após a titulação desta pelo Estado. Ele argumenta que os posseiros usavam a terra: só que não “tinha documento” e quando ele comprava a terra do Estado tinha garantido todo o direito sobre ela: “depois que a terra era nossa, nós fazíamos o que bem entendia, tirávamos os pinheiros, tirava...”<sup>214</sup>.

Após narrar sobre a posse das terras, onde era extraída a floresta, Liberali fala sobre o processo de exportação da madeira, vejamos:

**Fernandes José Liberali:** É de menos qualidade, tinha nó. Tinha a primeira, segunda e terceira ia praticamente tudo, porque era madeira bem mais cara. Porque para fazer, para construção não precisava ter essa madeira sem nó, essa madeira limpa.

**Gilmar Liberali:** Para caixaria?

**Fernandes José Liberali:** É para caixaria, daí levavam as ruínas, e as outras as boas iam para Argentina, na Argentina não sei de certo eram ocupado não sei para construção não sei de móveis, sei lá iam. Iam em Foz do Iguaçu as firmas exportadoras que comprava, daí serraria, não só nós aqui como toda a região aqui de Cascavel, que Cascavel tinha um monte de serraria. E daí eles compravam de todas as serrarias que ia para Foz do Iguaçu. Eles eram exportadores, eles tinham os barracões grandes, colocavam aquela madeira dentro daqueles barracões depois sei lá, conforme iam vendendo para Argentina então vinha àqueles barcos, pelo rio Paraná. [...].

**Fernandes José Liberali:** [...] Quando nós íamos [...] para Foz do Iguaçu, mais de tudo era no Sarolli que nós eu ia. Tinha outras firmas, tinha o Sarolli que exportava, tinha a família Dotto também era exportador, Gregório Dotto ele. Eu lembro que o tio Ernesto ia lá pegar o dinheiro do Gregório Dotto, a gente mandava madeira pelos caminhões daí quando tinha um tanto lá, aí ia receber lá em Foz do Iguaçu. Primeiro era o Gregório Dotto, depois teve o Sarolli e antes teve o Zafino Bertoline.<sup>215</sup>

A madeira era selecionada entre primeira, segunda e terceira qualidade e para exportação só saía a considerada de melhor qualidade. Isso significava, no caso do pinheiro (*Araucaria angustifolia*), a árvore de maior exploração nos primeiros anos de extração pelas madeireiras, que só era selecionada a parte desta que não apresentava nó (parte da árvore onde crescem os galhos). Liberali indica que a madeira considerada de menor qualidade era usada para outros fins, por exemplo, em caixarias na construção. Sua empresa enviava a madeira através de caminhões até Foz do Iguaçu para lá ser exportada por outras empresas como a *Sarolli*, que possuía também serrarias e a empresa de Gregório Dotto, que durante anos de 1960 a 1968 foi um dos vereadores da prefeitura de Foz do Iguaçu<sup>216</sup>.

<sup>214</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

<sup>215</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>216</sup> Disponível em: <<http://www.cmfi.pr.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 13/05/2014.

Liberali e seu filho falaram ainda sobre o transporte até o porto, como era realizado e de quem era a responsabilidade de pagar por ele. Afirmaram que a sua serraria possuía caminhão para puxar as toras (árvores já cortadas) do meio da floresta, porém, não para fazer o transporte para a exportação. Este trabalho era realizado pelos “freteiros”, caminheiros que trabalhavam transportando a madeira e recebiam pelo trabalho realizado da exportadora<sup>217</sup>.

Os Liberali ainda falaram do transporte da madeira para a cidade de Brasília, na qual era vendida a de quarta qualidade, sendo responsáveis pela venda desta madeira os donos dos caminhões que realizavam o transporte. Por esta comercialização, possivelmente, os donos de serrarias recebiam menos, não apenas por ser uma madeira considerada de qualidade inferior, mas por não serem eles quem negocia direto com os compradores.

Na narrativa há uma comparação entre estes processos e o transporte atual dos grãos da soja e do milho: “[...] Hoje tem os freteiros que puxam soja e que puxam milho. Naquele tempo não tinha nada disso, eles só puxavam madeira, [...] porque o comércio naquele tempo só era madeira”<sup>218</sup>. Na visão de Liberali, o processo de ação das madeireiras se constitui como um processo econômico que posteriormente foi substituído por outro. Além disso, a ação das madeireiras é apresentada em sua narrativa de forma amena, não sendo relatados conflitos ou acidentes.

A segunda entrevista foi realizada com um antigo funcionário da madeireira de Liberali, Paulino Denardi que também trabalhou para a *Sarolli Madeiras*. No momento da realização da entrevista na casa de Paulino Denardi estavam presentes sua esposa e seu irmão, que também trabalhou no setor madeireiro. Durante a entrevista estes sujeitos interagiram com Denardi.

O entrevistado dialogou fazendo uso de algumas fotografias de seu acervo pessoal que apresentam o trabalho nas serrarias. Diante disso, cabe mencionar o texto de Olga Rodrigues de Moraes von Simson, intitulado *Imagem e Memória*, no qual analisa as “possibilidades e limitações da utilização de fotografias históricas conjugadas a relatos orais”. Simson percebeu que “o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal ‘texto’ orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais”<sup>219</sup>. O processo de rememorar com auxílio da fotografia possibilitou agregar à narrativa novas informações e interpretações.

<sup>217</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

<sup>218</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>219</sup> SIMSON, O.R.M. Imagem e Memória In: SAMAIN, E. *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 33.

Paulino Denardi inicia seu relato narrando sobre quando mudara para o município de Cascavel, mais precisamente para o distrito do Rio do Salto, onde vive até os dias de hoje:

**Paulino Denardi:** Nós viemos todos juntos, em 11 de abril de 1964, [...], chegamos em três horas da madrugada aqui no Rio do Salto [distrito de Cascavel/PR], isso aqui era tudo um mato, cheio de pinheiro, daí foi começado, tinha serraria do Liberali antiga aqui em cima e foi começado em [19]63 quando chegamos estavam fazer serraria em [19]64, daí continuamos fazendo serraria terminamos, era tudo coberto de tabuinha naquele tempo, vocês sabe o que é tabuinha? Feito do pinheiro né! E daí era uma *Tissot*, uma *Tissot* com uma *Peri*, a *Peri* até depois eu vou mostra para vocês ali e depois em [19]66 o Liberali comprou uma fita, comprou uma fita daí nos serrávamos, eu passei a ser bitoleiro, de bitoleiro eu o Fernandes Liberali era o serrador, daí o Fernandes como tinha outros serviços de fazer, foi fazer outros serviços e passei eu a ser o serrador é, daí em [19]68 foi em julho né mãe? [perguntando à sua esposa] O Sarolli comprou? É [19]68 em julho o Sarolli comprou e daí passemos a trabalhar com o Sarolli daí eu trabalhei até ... quase do 2000, [19]99, é [19]98, [19]99 daí aposentei, passemos para Sarolli daí tinha ... foi comprado a serraria do Liberali, dois caminhões, um [trator de] esteira, esse 13 alqueires de terra e quatro mil pinheiros do Liberali, [...] daí passamos a trabalhar com o Sarolli, daí trabalhei 29 anos com a Sarolli na serraria, daí eu tinha 54 funcionários dentro do barracão.

[...] Depois de um tempo eu passei a ser o gerente da *Sarolli*, daí eu só cuidava, contava madeira, saía madeira, eu tinha muitos funcionários [...]

[...] Não, eu vim de Santa Catarina, nós viemos sem nada, viemos ariscando a vida pra cá e começamos a vida aí é, [...] daí eu fiquei trabalhando para a Sarolli, graças a Deus eu sai loco de bem, hoje o que eu tenho é graças à *Sarolli*, né!<sup>220</sup>

Quando o entrevistado chegou ao município de Cascavel, imediatamente começou a trabalhar no processo de comercialização da madeira, primeiro ajudando a construir o barracão da serraria de Liberali, com a mesma árvore que ia para exportação, o pinheiro. Depois passou a ser bitoleiro e em seguida serrador, justifica ser promovido para este cargo pelo fato de seu empregador ter outras funções a cumprir. A história da vida de Denardi parece estar entrelaçada com a ação das madeiras, esta ação marca o passar do tempo, através das novas tecnologias usadas, que tornaram o trabalho mais rápido.

A quantidade de pinheiro e outras árvores que existiam neste local do município, caracterizado como “mato”<sup>221</sup>, parece ser a justificativa usada por ele para dizer o porquê deste empreendimento em tal local. Entretanto, o termo pode ser pensado de outras formas. Os historiadores Ely Bergo de Carvalho e Eunice Sueli Nodari, em seu texto sobre os

<sup>220</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi a Daniele Brocardo. Distrito do Rio do Salto - Cascavel/PR; residência de Paulino Denardi em 04 de dezembro de 2011.

<sup>221</sup> Id. Ibid., s/p.

agricultores do município de Engenheiro Beltrão/PR e suas percepções sobre a transformação da paisagem, analisam como o “mato” é visto por estas pessoas:

Há outros fatores que se deve levar em conta para entender o processo de devastação da floresta, um deles se expressa ao chamarem a floresta de “mato”, considerando que “mato” não é apenas a floresta primária, é também a capoeira, e mais, qualquer planta que nasça em lugar indesejado (“praga”), as quais o agricultor tem por ofício carpir, eliminar, para limpar o terreno.<sup>222</sup>

Portanto, “mato” é um elemento que deve ser eliminado, pois atrapalharia o seu trabalho. Sua presença na propriedade significaria “manter a ‘terra inculta’, é não trabalhar, portanto, um ato moralmente condenável para esse grupo social”<sup>223</sup>. Podemos considerar que Denardi, quando se utilizou deste termo, não se refere somente às árvores, como o pinheiro, mas a toda a vegetação ali existente como um sinônimo de um lugar que não foi transformado ainda pelo trabalho.

Sobre a venda da empresa de Liberali para a *Sarolli*, falou que também foram vendidos dois caminhões, um trator esteira, 13 alqueires de terra e quatro mil pinheiros<sup>224</sup>. A empresa do grupo *Sarolli* adquiriu de Liberali a terra, que posteriormente foi concedida a Denardi, e uma quantidade expressiva de pinheiro para o futuro uso nas serrarias. Esta quantidade de pinheiro existente ainda neste período, após a exploração da serraria de Liberali, também, ajuda a caracterizar a fala de Denardi, quando diz que “era tudo um mato”.

Denardi fala sobre seu trabalho na empresa *Sarolli*, onde atuou como serrador e posteriormente como gerente até ano 2000, quando se aposentou. Ele pareceu valorizar muito esta empresa, o que é observado na seguinte afirmação: “hoje o que eu tenho é graças a Sarolli, né!”<sup>225</sup>. Há vários trechos que possibilitam pensar as relações de trabalho vivenciadas nas madeireiras, abaixo consideramos um deles:

**Entrevistadora:** Era 3 cruzeiros por dia o senhor falou?

**Paulino Denardi:** Quando comecei era por dia na Liberali.

**Entrevistadora:** Quanto dava?

**Paulino Denardi:** [pensativo] Aqueles 3 cruzeiros por dia ia dar, por que aqui em [19]68, 117 aqui não diz se é cruzeiro ou o que é, 117 e 60 mensais, Luiz Sarolli Madeireira Irmãos e Cia Ltda, depois que passou a *Sarolli e Cia Ltda* [olhando em sua carteira de trabalho].

<sup>222</sup> CARVALHO, Ely Bergo de; NODARI, Eunice Sueli. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007, p. 280.

<sup>223</sup> Id. Ibid., p. 280.

<sup>224</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.

<sup>225</sup> Id. Ibid., s/p.

**Entrevistadora:** E que ano que a Sarolli parou de funcionar?

**Paulino Denardi:** Então, [pede para sua esposa outra carteira, contrato ou profissional de trabalho] porque essa aqui encheu, porque daí, não por contrato de trabalho que é só os dois, ela encheu porque não tinha mais lugar de anotação de férias, anotação de aumento de salário [lê por alguns segundos seus antigos contratos de trabalho em voz baixa]. Deixa eu ver se tem aqui quando parei de trabalhar, que dei baixa, mais ou menos por aqui que eu dei baixa, 1997, 97, 97, acho que foi em 97 que parou.

**Entrevistadora:** O ano que o senhor parou ou esse ano?

**Paulino Denardi:** Não que me aposentei, que daí eu não podia, por isso que daí eu parei em 99, que eu fiquei mais dois anos aposentado e trabalhava a mesma coisa só que não podia ser mais fichado.<sup>226</sup>

Denardi citou os valores de seus salários nas empresas em que trabalhou, fala orgulhosamente sobre o fato de ter trabalhado apenas em duas empresas em toda sua vida, dizendo que precisou trocar de carteira, mas não porque mudou muito de emprego. No final do trecho narrou que mesmo aposentado na serraria continuou a trabalhar, mas sem carteira de trabalho.

O trecho a seguir além de apresentar mais detalhes das relações de trabalho vivenciadas por Paulino Denardi, nos ajuda também a perceber os deslocamentos das empresas madeireiras:

**Paulino Denardi:** Não, eu morei sempre aqui, só que eu era gerente da mesma firma em Corbélia [PR], tocava uma outra serraria também, que daí terminou a madeira aqui e eu passei pra Corbélia. Que daí pra não ir embora da firma, eles não me mandaram embora tinha que ir onde eles me mandassem, daí foi pra Melissa [localização próximo ao município de Corbélia] derruba pinheiro pra eles serrar em Cascavel, cuidava tudo a mesma coisa, sempre a função de gerente, daí me fizeram uma proposta em Cascavel, se eu queria tocar uma serraria em Corbélia eles compravam uma serraria pra mim tocar lá. Eu passei na serraria também, mesma função serrando madeira mesma [pede para sua esposa um quadro no qual quer mostrar uma fotografia da antiga serraria].

**Entrevistadora:** E também era da *Sarolli* lá em Corbélia?

**Paulino Denardi:** Tudo da *Sarolli*, nunca, eu trabalhei 29 anos com a *Sarolli*, 29 anos só de, sempre com a *Sarolli*, aposentei na *Sarolli*.<sup>227</sup>

A empresa *Sarolli* foi obrigada a se deslocar para o município de Corbélia/PR, vizinho de Cascavel, pois, segundo ele, já não havia “madeira” na localidade onde trabalhava no distrito do Rio do Salto. Quando questionado sobre seu trabalho na empresa *Sarolli* em

<sup>226</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>227</sup> Id. Ibid., s/p.

Corbélia, respondeu novamente com orgulho, “29 anos só, sempre com Sarolli”<sup>228</sup>, demonstrando apreço pela empresa.

O entrevistado narra sobre a função de laminador, exemplificando que por esta ser uma função difícil, muitas pessoas eram exoneradas. Mais de 40 pessoas trabalharam nesta função, pois era necessária cautela com o material da empresa, para não estragar a serra fita e atenção também para não estragar a madeira<sup>229</sup>. Portanto, os trabalhadores que exerciam tal função provavelmente estavam sob constante pressão, pois o material da serraria era caro e qualquer descuido poderia estragá-lo, recaindo a culpa sobre este, podendo acarretar em sua demissão. Além disso, existia o risco de ocorrer acidentes com equipamento.

Na continuação da entrevista, ao descrever uma fotografia, Denardi informou o local onde foi produzida. Não se tratava mais de Cascavel, mas sim de Aripuanã município do Estado do Mato Grosso, o qual está localizado dentro da Floresta Amazônica<sup>230</sup>. Segundo ele, a serraria em que trabalhou comprou grande quantidade de madeira<sup>231</sup> de tal município, árvores de cerejeiras, provavelmente Cerejeira-da-Amazônia (*Amburana acreana*)<sup>232</sup>.

O entrevistado exaltou que esta imagem não possibilitava ter a noção da dimensão de uma “tora de madeira” extraída pela serraria naquele período, por isso solicitou que sua esposa trouxesse outra fotografia: “[...] vai achar umas mais grossa aí, que a gente tá de pé a par delas dá pra vê a grossura delas”<sup>233</sup>. Denardi esperava, através desta comparação, “Humanos/meio natural”, demonstrar o tamanho das árvores que eram exploradas pela indústria madeireira no período.

---

<sup>228</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>229</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>230</sup> Dados consultados em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aripuan%C3%A3>>. Acesso em: 09/07/2014.

<sup>231</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.

<sup>232</sup> Dados consultados em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/313872/1/Circular134.pdf>>. Acesso em: 02/04/2015.

<sup>233</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.



FIGURA 10. Município de Aripuanã do Estado do Mato Grosso, toras de cerejeira.  
Fonte: Cópia da fotografia do acervo pessoal de Paulino Denardi.

Na sequência, ele foi questionado sobre o envio das árvores de pinheiro para a Argentina:

**Paulino Denardi:** Só ia pinheiro, só pinheiro o resto, só ia madeira boa. Tinha madeira que antes da *Sarolli* começar a serrar aqui, eles compravam, a *Sarolli* comprava tinha um porto já, eles tinha o porto comprava do Liberali, comprava lá de Corbélia, do Bilibio, dos Tebaldi, eles compravam de firma tudo, tudo as firma que tinham em roda aí, que tinha muita serraria antigamente aí, aqui era cheio de serraria essas quebradas aí. Aqui no Rio do Salto nossa, eu tinha uma imensidão de gente aqui, que não era só aqui, estas 20 casas, aqui para baixo, trabalha aqui, aqui era em dias de fim de semana e aqui era gente por tudo o lado!<sup>234</sup>

O entrevistado afirma que eram exportados apenas os pinheiros que se caracterizaram como “madeira boa”. Existiam inúmeras serrarias, o que acarretava em grande número de moradores formados pelos trabalhadores destas empresas. O mesmo ocorria no distrito do Rio do Salto. Na sequência o entrevistado relata fim do processo madeireiro no distrito:

**Paulino Denardi:** A quando diminuiu. Bom daí foi mandado embora o pessoal, mandado embora um tanto, dá os direitos, foi mandado embora e daí a firma continuou serrando em Cascavel, daí comprou essa outra serraria em Corbélia ali em Santa Rosa, daí foi mudado pra lá um tanto do pessoal.

**Entrevistadora:** Mas, esses que foram mandados embora?

**Paulino Denardi:** Mandado embora, uns estão até hoje aqui no Rio do Salto, que até o Helio Liberali trabalhava comigo, o Sérgio Massucata que

<sup>234</sup> Id. Ibid., s/p.

tem bar trabalhava comigo, o Talcio Baraba que é presidente da igreja trabalhava comigo, o Jair Balanzele trabalhava comigo, o Angelim, “burro branco”, que é o Denardi trabalhava comigo, tem um monte de gente que mora aqui, que trabalhava comigo na serraria. Bom tanto, porque era colono a maior parte vinha da colônia trabalhar comigo aqui. [...]”<sup>235</sup>.

É pertinente a narrativa sobre os destinos dos trabalhadores da serraria após o fim do processo. Algumas das pessoas que trabalhavam foram demitidas e outra parte destes trabalhadores se deslocou junto com a serraria para os novos pontos de exploração, como para Campo Grande/MS. Uma parte dos sujeitos em questão mora ainda hoje no distrito. A maioria destes trabalhadores era também composta de “pequenos proprietários de terra” ou “trabalhadores agrícola”, os chamados “colonos”<sup>236</sup>, e trabalhavam na serraria porque o salário era satisfatório para a época. Denardi destacou a figura dos “colonos” por sua valorização atual como “produtores de soja”. É possível supor que no período estes não eram destacados por esta condição, já que eram submetidos a procura de outras formas de sustento, para além de suas propriedades agrícolas.

Na continuidade de sua narrativa Denardi fala sobre si e parece demonstrar uma concepção não tão positiva do período em que era gerente da madeireira: -“eu pesava 64 kg [...] era um palito de pé, nossa mãe do céu!”<sup>237</sup>. Mas, em seguida, recompôs sua argumentação, dizendo que tinha autoridade, possivelmente por ser gerente, sobre os outros trabalhadores, que podia jogar bola e que tinha autonomia para contratar e demitir quem ele desejasse. O futebol parece ter sido um elemento de elo entre os trabalhadores e os patrões, ajudando na “redução das tensões de classe”<sup>238</sup>.

Quando vê uma fotografia trazida pelo seu irmão, o entrevistado altera o sentido de sua fala, passando a falar sobre ela, a qual foi tirada no município de Campo Grande, localizado no Estado do Mato Grosso do Sul. Há referência especificamente à inauguração de uma filial da empresa *Sarolli* também neste Estado, onde seu irmão trabalhou por algum tempo. Este fato ajuda a compreender os deslocamentos realizados pelos empreendimentos do setor madeireiro para outros Estados, buscando manter seu modo de produção.

<sup>235</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>236</sup> GREGORY, Valdir. Colono. In: MOTTA, Márcia (Org.) *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 102-103.

<sup>237</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi a Daniele Brocardo. Distrito do Rio do Salto - Cascavel/PR; residência de Paulino Denardi em 04 de dezembro de 2011.

<sup>238</sup> TOMPOROSKI, Alexandre Assis. Um rancho, uma espelunca, um lar! O aparato institucional da *Lumber Company* e o caso de sua fábrica na vila operária, Três Barras de 1911-1940. In: SOCHODOLAK, H; KLANOVICZ, J; NETO, J. M. A. (Orgs.) *Regiões, imigrações, identidades*. Ponta Grossa, PR: ANPUH-PR, 2011, p. 73.

Denardi fala também sobre o fim de seu trabalho no setor madeireiro, quando se aposentou. Afirma que continua a trabalhar com caminhão no transporte de frete de grãos e que se sustenta a partir deste trabalho, do aluguel de uma casa e de sua aposentadoria. Cita com orgulho o fato ter recebido da empresa *Sarolli* um automóvel e lembra que seus filhos haviam falado para entrar na justiça contra o empregador, mas ele não quis, pois já havia passado por isso na condição de gerente quando outros trabalhadores moveram ações judiciais contra ele<sup>239</sup>. Ao ser questionado sobre “a importância” das empresas madeireiras para local onde ainda vive respondeu que:

**Paulino Denardi:** Ah! Mas, a importância da serraria era boa, porque manteve o comércio aí muito bom, porque tinha movimento, bastante emprego, que nem eu falei, tinha bastante emprego. Que até colono veio trabalhar comigo aí, os caras de comércio que tem comércio hoje trabalhava de funcionário meu, daí eles mantinham o Rio do Salto, o Rio do Salto era só o Liberali que tinha um mercado e um tanto ia pra Cascavel fazer rancho [compra] e um tanto gastava aqui. Veja bem! Para começar nós tinha aqui no Rio do Salto, tinha três times de futebol de tanta gente que tinha! Nós tínhamos um campo que hoje tem o aviário ali [aponta onde hoje tem um aviário e era o antigo campo de futebol], que era o campo oficial, daí pro lado perto do cemitério da igreja tinha outro campo, ali pro lado do rio do Salto tinha mais um, ali no Danilo Cavichio tem mais um, tudo pessoal, um tanto trabalhava comigo, jogava pra um time outro jogava pra outro, quem era bom eu segurava pra mim aqui no Guarani e o resto ia pra fora. Mas era tudo funcionário da serraria se mantinha o Rio do Salto, enquanto, pra estudar, eleitor também tinha muito mais eleitor do que hoje.

**Entrevistadora:** A população era maior?

**Paulino Denardi:** Ah, sim, a população era maior de que hoje! Hoje tem pouca, hoje tem acho que 1.100, 1.200 votos no Rio do Salto<sup>240</sup>. Naquele tempo tinha 2.200 eleitor aqui. Então veja bem! Já é uma grande diferença, porque, a gente fala: -“Tá cresceu, assim o Rio do Salto ali, fico melhor”, mas só pra morar, mas emprego não tem mais, emprego vão tudo pra Cascavel.<sup>241</sup>

Paulino Denardi parece ter uma opinião semelhante aos discursos produzidos pela historiografia local, analisados no primeiro capítulo, que representam a ação das madeireiras como um elemento importante e benéfico para formação e “desenvolvimento” do município de Cascavel. Assim, afirma que a quantidade de empregos, em sua maioria ofertada pelas madeireiras, era maior no distrito de Rio do Salto. Com pesar destacou: “a gente fala: ‘cresceu assim o Rio do Salto ali, fico melhor’, mas só pra morar, mas emprego não tem mais”. Portanto, para Denardi o fim do processo de ação das madeireiras acarretou consequências

<sup>239</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit.

<sup>240</sup> Distrito administrativo do município de Cascavel, onde se localizavam as primeiras serrarias em que Paulino Denardi trabalhou. É também o local onde mora até hoje.

<sup>241</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit.

ruins para toda população, pela falta de empregos. O entrevistado respondeu ainda sobre o que significou para sua vida o trabalho nas madeireiras:

**Paulino Denardi:** Ah, pra mim foi bom, porque eu cheguei, nós chegamos sem nada, né, mãe [afirmando para sua esposa]? Nós não estamos ricos, mas dá para viver bem tranquilo hoje, por causa do que, por causa que eu ajudei a firma crescer e a firma me ajudou também e assim é, que essa terra aqui eu ganhei da firma, 13 alqueires de terra, não ganhei totalmente que daí eles me fizeram eu pagar 5 mil naquele tempo e assinar os recibos pra [...], [pensando] porque senão eles tinham de dar pra todos os funcionários, que se descobrissem que deram pra mim os funcionários velhos também iam exigir alguma coisa. Então em si pra mim a serraria foi, não posso me queixar e até, portanto se eu vender aqui eu não quero ir embora do Rio do Salto, porque eu gosto do Rio do Salto.<sup>242</sup>

Denardi afirma que não teria nada se não fosse a “firma” (empresa madeireira). Até mesmo a terra que possui hoje ele deve a esta, mesmo lembrando que teve que pagar uma quantia por ela. Deste modo, é expressivo o valor que ele atribui à sua ação na empresa *Sarolli*.

A terceira entrevista foi realizada com Amador Franceis e sua esposa Oneide Frizzo Franceis. Eles iniciaram o relato contando suas trajetórias de vida ligadas ao setor madeireiro. Amador Franceis falou sobre suas funções no primeiro emprego em Cascavel, como guarda livro (contador), no setor de Recursos Humanos (RH) e como encarregado da emissão de notas fiscais. Também trabalhou como atendente no armazém da madeireira *Exportadora Carimã*, fornecendo os alimentos aos outros funcionários da madeireira. Amador Franceis justificou a existência de um armazém na madeireira pelas dificuldades que existiam de deslocamento ao centro urbano: “o dia que chovia não saia nem de lá, era estrada de terra. Não existia esse asfalto”<sup>243</sup>. Em seguida, o entrevistado falou sobre seu segundo emprego no município Cascavel, também no setor madeireiro:

**Amador Franceis:** Viemos pra Cascavel e aí comecei a conhecer um pouco mais, aí iniciou Brasília, já havia iniciado Brasília, que foi em 60 e aí passei a ser comprador de madeira exclusivamente para Brasília.

[...] Não, eu comprava e esses caras tinha os caminhões, ou então eu locava os caminhões, eu fretava caminhões pra levar madeira de Cascavel até Brasília. A madeira de inferior qualidade, a madeira boa, madeira de primeira, de segunda e de terceira boa ia tudo pra Foz do Iguaçu na exportação e a quarta e quinta, madeira assim, ia pra São Paulo, Rio e Brasília. No meu tempo, na minha época, o meu negócio era Brasília, já

<sup>242</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>243</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência dos entrevistados em 07 de junho de 2013.

havia anteriormente, nós não tínhamos quando nós estávamos na serraria, nós vendia pra tudo canto. Mas quando iniciou Brasília, que daí eu saí de lá do mato e vim pra cá, pra trabalhar numa serraria bem aqui perto, daí sim era Brasília, o cara me, eles ... Quando me contratou, aí eu trabalhava só pra Brasília até 1966, 67 [...].

[...]Eu fui registrado, minha carteira profissional dessa pessoa de Brasília. No início era São José do Rio Preto, que era meio caminho, depois foi pra Brasília, então eu já. Aí eu passei trabalhar pra outra firma, também sempre em madeira e quando foi em [19]68, [19]69 iniciei o comércio por conta, comprando. Eu vi o caminho, eu vi que vendia muito bem em São Paulo, interior de São Paulo e Brasília e eu tinha um conhecimento muito grande nas serrarias da região, eu quando comecei a comprar madeira por minha conta e vendia pros caminhoneiros que vinha de São Paulo, Rio [de Janeiro], Brasília em Cascavel eu vendia pra eles, intermediava a madeira. Sem firma, sem nada, eu pegava depois a nota dessas firmas que eu comprava e repassava pros comprador de São Paulo, Belo Horizonte, Rio, Brasília. Sempre com madeira de inferior qualidade, pouca era a madeira de exportação.<sup>244</sup>

Amador faz uso da expressão “saí de lá do mato”, para se referir à sua mudança para o centro urbano. É pertinente pensar o porquê deste uso: talvez esteja falando da vegetação ali existente, mas pode-se considerar que, como compara ir para “cidade” ao termo “mato”, possa estar pensando este como o “nada”, o que significa que seria a oposição ao que uma cidade poderia oferecer, como escolas, ruas, prédios e casas<sup>245</sup>. O entrevistado inicia seu próprio negócio por volta do ano 1969 comprando madeira, pois já havia adquirido experiência no seu antigo trabalho e existia um mercado grande que possibilitava sua entrada neste comércio. Assim, ele se apresenta enquanto alguém “empreendedor”, que teve ousadia e soube se aproveitar das oportunidades que o mercado oferecia.

Oneide Franceis contou a trajetória de seu pai que trabalhava como construtor de serraria e que se deslocou para o município de Cascavel para construir a serraria pertencente à Busquirolli, empresa que provavelmente se deslocou junto com seu pai do município de Passo Fundo/RS. Oneide relata que seu pai, após morar um ano em Cascavel, voltou para buscar sua família no Estado do Rio Grande do Sul para construir outra serraria. Afirma: “a gente continuou morando em serrarias”, assim, é provável que a família de Oneide já morasse em uma serraria no Rio Grande do Sul<sup>246</sup>.

Oneide foi convidada durante a entrevista a falar mais sobre como era o trabalho de seu pai, ao que respondeu que ele trabalhava construindo a edificação da serraria, depois montava os equipamentos e quando não mais neste trabalho passou a trabalhar como

<sup>244</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>245</sup> CARVALHO, Ely Bergo de; NODARI, Eunice Sueli. op. cit., p. 283.

<sup>246</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit.

funcionário dentro da madeireira, primeiro como laminador e em seguida como gerente<sup>247</sup>. A partir da trajetória de trabalho do pai de Oneide podemos perceber que os trabalhadores de madeireiras exerciam variadas funções, que exigiam algum conhecimento técnico. A entrevistada também falou sobre as atividades realizadas por sua mãe:

**Oneide Franceis:** [...] minha mãe fazia, era dona da pensão, tinha a pensão nós tinha 25, 30 pensionista que eram os que trabalhavam na serraria, que as famílias não moravam mais aí, moravam fora, ou eram do Rio Grande do Sul, ou eram de Cascavel, ou eram de Foz do Iguaçu. Aí como eles não tinham onde parar, tinham que ter uma pensão pra eles, então a minha mãe tocava a pensão, o meu pai trabalhava na função de laminador e a minha mãe fazia [inaudível].

**Amador Franceis:** Isso no início, mais tarde já alguns casavam nós fazia casa, outros vinham de fora, mas daí nós ia construindo a casa em etapas conforme a madeira ia sendo serrada. Mas enquanto nós não construíamos as casas pra eles, a mãe dela dava pensão pra nós.<sup>248</sup>

A pensão só funcionou no início, posteriormente eram construídas casas para os funcionários. As árvores eram derrubadas para o comércio também serviam para abrigar os sujeitos deste processo. Oneide argumentou que também ajudava sua mãe na pensão e não trabalhava dentro da serraria. Ambos foram questionados sobre a existência de outras mulheres no trabalho junto às madeireiras<sup>249</sup>:

**Amador Franceis:** Mulher? Não, mulher não trabalhava em serraria.

**Oneide:** Naquela época não existia muito trabalho pras mulheres.

**Amador Franceis:** Não, não, mulher não trabalhava em serraria.

**Entrevistadora:** Em nenhuma função?

**Oneide:** Não. E daí tinha os carregadores de madeira, os batedores de madeira, o serrador, o circuleiro.

**Amador Franceis:** Guardador de madeira.

**Oneide:** Também tinha, como é que é que chamava, o serrador.

**Amador Franceis:** Caminhão que puxava as toras.

**Oneide:** Os torradeiros, que iam pro mato com 5, 6 canga de bois pra puxar a madeira, que os caminhão não entrevam no mato. [...] <sup>250</sup>

<sup>247</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>248</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>249</sup> Maicon Mariano entrevistou, para elaborar seu artigo, outro casal que também se conheceu no trabalho nas madeireiras, Alcindo Carneiro e sua esposa Irene Rossi Carneiro. O autor apresenta um trecho da narrativa do casal, no qual descreve como se conheceram, bem como sobre o emprego de mão de obra feminina. Mariano observa que o trabalho no setor madeireiro era um espaço social onde as pessoas interagiam e “por vezes, se casavam”. Assim, na entrevista de Alcindo e Irene, é possível perceber que era comum o casamento de pessoas que se conheciam no trabalho no setor, uma vez que existia um número significativo de mulheres que trabalhavam neste espaço. Alcindo fala de 14 mulheres que trabalhavam na laminadora, ou seja, na produção de lâminas de madeira. MARIANO, Maicon. Sociedade e Meio Ambiente: discursos sobre a “Era da madeira” In: Simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2º, 2012, Florianópolis. *Anais*: Florianópolis, 2012, p. 173-174.

<sup>250</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit.

Como se pode ler acima, ambos responderam que não existiam mulheres que exerciam trabalho nas serrarias. Oneide complementa dizendo que era difícil existir serviço para as mulheres naquele período. Há menção sobre diversas funções requeridas nas madeiras, como carregador, batedor, serrador e circuleiro. Além das citadas acima aparecem outras, como de empregados que eram contratados só para realizar uma “empreitada”. Sobre isso, Amador detalha que:

**Amador Francis:** [...] uns era empreiteiro, tinha também, o “gato”, que se chamava “gato”, aquele que contratava esse pessoal com uma mão de obra mais rústica, derrubador de tora, derrubador de pinheiro no caso, esses tinham sempre um que pontava o negócio. Então ele arrumava 7, 8 [ou], 5, 6, 7, 8 funcionários, não existia motosserra, era só no traçador, serrote, traçador de 3 metros de comprimento, serrote chamado de serrote americano no final. A coisa, a motosserra veio no ano de [19]70, [19]71 por aí, que eu conheci a motosserra. Na ocasião podia ter nesses lugares, no Rio Grande do Sul, mas eu saí de lá moleção, não lembro, e assim foi indo até [...] <sup>251</sup>

Amador Francis fala da função de um agenciador de trabalhadores, conhecido como “gato”, que era responsável por contratar as pessoas que iriam até a mata derrubar as árvores para as madeiras. Provavelmente estes trabalhadores não tinham assegurados seus direitos trabalhistas, pois eram contratados por terceiros ao invés da própria madeira. Além disso, estes trabalhadores realizavam uma das funções mais difíceis e perigosas, considerada por Amador como a “mais rústica” <sup>252</sup>.

Na sequência, o entrevistado falou sobre a aplicação da madeira. A madeira de qualidade inferior era usada na construção civil. Já a madeira considerada de boa qualidade, além da exportação, era usada na indústria de construção de móveis. A que era exportada para a Argentina era beneficiada em seu destino, pois no Estado do Paraná não havia muitas beneficiadoras <sup>253</sup>. Isso pode ser percebido, na fala de Amador, como um sinal que o Estado não soube aproveitar o lucro total que esta madeira poderia gerar, através do aumento de valor a partir da industrialização.

O entrevistado argumenta ainda que quando montou seu próprio negócio, durante a década de 1960, comercializava madeira para o mercado interno e exalta seu trabalho, já que aproveitava a madeira que, segundo ele: “não tinha serventia porque ninguém queria, mas pra

---

<sup>251</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>252</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>253</sup> Id. Ibid., s/p.

fazer móveis dava...”<sup>254</sup>. Assim seu comércio teria sido mantido com madeira que não era usada, mas ele soube aproveitar para o mercado de móveis.

Amador Franceis e sua esposa foram indagados sobre como ocorreu o fim do seu trabalho no setor madeireiro:

**Amador Franceis:** Com madeira, né? Bom, quando eu parei já parei com firma minha.

**Oneide:** Lá por 2004, 2006 até que nós tínhamos o beneficiamento lá em cima? Até você se aposentar, até 2004, 2005.

**Amador Franceis:** É, por aí, 2003, 2004, mas de 70 de 1970.

**Oneide:** Foi indo, foi indo, diminuindo, diminuindo, até terminar, sempre foi baixando a quantidade que vinha, daí foi as pouquinhos, pouquinhos até acabar.

**Amador Franceis:** Daí colocou a terra a venda, aí começou em [19]90 por aí, já começou o ciclo da soja, [inaudível] terra tinha pra todo lado. Quando tirava os pinheiros e as madeiras branca, madeira de lei, como chamava, já aí começou. Não sabia o que fazer com a terra, os pinheiros era uma briga todo mundo queria, isso houve muitíssimas mortes nessas empresas grandes, daí de Cascavel... Eles tinham os jagunços, os matadores, pra cuidar os pinheiros, os pinheiros, as araucárias, a terra não, a terra ninguém queria! “não a terra fraca, não vai, não presta”, como é que eu vou tirar esses tocos depois ninguém sabia. Sorte, o governo que tomou a iniciativa de “destocar” arranca os troncos, troncos de pinheiro que levava meio dia pra arranca. Do pinheiro e da madeira de lei, da madeira branca com se chamava. Foi estimulando, o governo deu uma mão nessa parte e a turma roubavam, roubavam, barbaridade [...]. Faziam, e o governo dava o dinheiro pra você comprar o calcário, o calcário era uma coisa pra você corrigir a terra, sabe? Pra deixar a terra, colocar as coisas que faltam, potássio, carvão, mineral, tudo, o governo pagava pra eles. Aí começou desenvolver Cascavel, senão, a gente não sabia, não se sabia o que fazer com a terra. Ninguém queria pegar enxada e mesmo não rendia nada.<sup>255</sup>

Os entrevistados constroem a narrativa comparando várias temporalidades diferentes. Ambos pararam de trabalhar com madeira por volta do ano 2005, mas com o pinheiro (*Araucaria angustifolia*) já haviam parado desde a década de 1970, pela sua escassez. No período de 1990, o que dominava a economia do município já não era mais a madeira, mas a soja. A passagem do tempo é descrita pelos diferentes tipos de árvores que foram exploradas: primeiramente todos os pinheiros foram extraídos, depois as árvores chamadas de madeira de lei (madeiras de alto valor), por fim a madeira-branca (madeira de pouco valor no mercado<sup>256</sup>).

<sup>254</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>255</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>256</sup> Madeira de lei e Madeira-branca possuem diversos significados, mas são geralmente usadas em oposição uma da outra. Informações disponíveis em:

Inicialmente não havia interesse na terra sem a vegetação, mas apenas nas árvores de pinheiro. Segundo Amador, a terra era considerada “ruim” para cultivo devido à quantidade de troncos e raízes que haviam ficado após o processo de desmatamento. Apenas após os investimentos do governo, o qual, segundo Amador, “tomou a iniciativa de ‘destocar’”<sup>257</sup>, é que aumentou o interesse econômico pela terra. Desta forma, foi por iniciativa governamental<sup>258</sup> que a terra sofreu o último processo de retirada da vegetação para futuro cultivo.

No acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel há fotografias que apresentam imagens da “destoca” em Cascavel.



FIGURA 11. Fotografia do acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel - MIS. Legenda: “Desmatamento - tronco de árvore arrancada devido à atividade de extração das madeiras”.

Fonte: Acervo do Museu de Imagem e do Som de Cascavel. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>. Acesso em: 02/07/2015.

---

<[http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/duvidas\\_mais\\_freq%C3%BCentes\\_-\\_ibama.html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/duvidas_mais_freq%C3%BCentes_-_ibama.html)>.

Acesso em: 18/07/2014.

<sup>257</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

<sup>258</sup> Amador provavelmente se refere ao processo de “modernização da agricultura”, o qual, segundo Davi Felix Schreiner, foi implantado pelo governo na tentativa de desenvolver as propriedades agrícolas pela eliminação do arcaico. Assim, o governo disponibilizou crédito que propugnou a “modernização agrícola, beneficiando, sobretudo, os grandes proprietários rurais.” SCHREINER, Davi Felix. *Entre a exclusão e a utopia*. Um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. (região sudoeste/oeste do Paraná). São Paulo, 2002. 461 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, p. 70-71.

A fala de Amador Franceis também expõe uma faceta da história local, na qual inúmeros conflitos ocorrem a partir da ação das madeireiras pela posse e direito de derrubar as árvores. Para ele, os conflitos que culminaram em mortes e ação de “jagunços”<sup>259</sup> na região foram motivados não pela posse da terra, mas pela possibilidade de exploração dos pinheiros<sup>260</sup>: “[...] Eles tinham os jagunços, os matadores, pra cuidar os pinheiros, os pinheiros, as araucárias, a terra não, a terra ninguém queria!”<sup>261</sup>. Sobre as terras nas quais a floresta era explorada, os entrevistados foram questionados, ainda, se pertenciam à própria indústria ou a outras pessoas:

**Oneide:** A maioria era do dono dos pinheiros, né?

**Amador Franceis:** Ah, era parceria, a maioria, por exemplo, você, o teu pai tinha aqui 100 alqueires de pinheiro, nós serrava de parceria, quase todos. O pinheiro era de Pedro ou era de Paulo, a serraria era de Bastião e José, serrava em parceria, muitos compravam. Nós passamos a comprar da madeireira, que era dona de todos os pinheiros na região quase, *Industrial Madeireira do Paraná S/A*, então, o Bresolin, esse você ouviu falar. Os Bresolin, os Bresolin serraram, serraram madeira em parceria com a *Industrial Madeireira*. Bom, você coloca uma fita, uma serraria e eu te dou 10 mil pinheiros pra você serrar, por enquanto, serrava aquilo depois dava mais outros, lá em Guaraniaçu mesma coisa. Eu na firma que eu comecei e fui registrado aqui em Cascavel era do Rio Grande do Sul, essa firma, veio como exportadora, *Carimã exportadora*. Montou serraria e nós serrava pinheiro, dos Gomes, de muita gente, tudo em parceria. Nós serrava, por exemplo, pagava pra eles 20% da madeira, pra outro 30%, dessa madeira serrada e eu que fazia as contagens, a divisão da qualidade, do comprimento, do tipo, tudo, fazia a divisão e daí a empresa comprava ou aquela que era dona do pinheiro vendia pra outro. Eu quantas vezes quando ainda, nos anos de [19]80, [19]70 que eu era comprador de madeira, [19]70 e pouco, eu comprava a madeira de uma serraria, que nem essa da Cachoeira, dos Grape, dos Casagrande aqui de Cascavel, existe ainda. Eu comprava a madeira de vários donos daquela madeira, porque um mês ele serrava de um proprietário de pinhal e daqui a pouco, mais dois, três meses de outro proprietário, então eu ia lá olhava a madeira na serraria e acertava com o verdadeiro dono da madeira. Mas sempre procurando a madeira de quarta, quinta [qualidade], madeira de primeira, de segunda e de terceira, nunca esqueça! Sempre exportação, o Brasil consumia muito pouquinho, muito pouco, fazia móvel e tal, mas a cabeça, a ideia, o bom do negócio interessante era a exportação. Que nem a soja de hoje, 70% é tudo exportado, então, de repente havia umas quedas, que nem o soja, por exemplo, quando da a safra fechada nos EUA boa, boa, boa, interfere na nossa aqui, porque eles têm qualidade boa e têm segurança, porque planta 20 anos[...]. Nós também às vezes sofria na exportação.<sup>262</sup>

<sup>259</sup> O termo “jagunços”, usado por Amador Franceis, faz referência às pessoas contratadas para trabalhar expulsando ou matando outras pessoas, em nome das madeireiras.

<sup>260</sup> Sobre a questão de conflito pela posse da terra na região oeste ler: MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no oeste paranaense (1961/66)*. Niterói/RJ, 2002. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense.

<sup>261</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

<sup>262</sup> Id. Ibid., s/p.

Pode-se perceber a fala de Oneide como uma tentativa de ajudar o esposo na resposta. Amador afirma que os pinheiros eram serrados em um sistema de parceria entre os proprietários dos pinheiros e os das serrarias e explicou com detalhes como funcionava este processo. Alega que a maioria dos pinheiros pertencia à *Industrial Madeireira do Paraná (IMAPAR)*, e dá como exemplo a parceria entre a *Bresolin*<sup>263</sup> e esta empresa.

Os historiadores Miguel M. X. de Carvalho e Eunice Sueli Nodari, ao escreverem sobre Lumber Madeireira e Colonizadora, a partir de sua atuação na “área contestada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina”, representada principalmente pela ação da serraria de Três Barras, apresentam um processo semelhante a este executado pela *IMAPAR*, o qual era chamado de “sistema de empreitada”<sup>264</sup>. As pequenas serrarias vendiam a “madeira beneficiada para a companhia a partir da madeira retirada de suas propriedades”<sup>265</sup>. Um motivo para isso, segundo os autores, é que o meio de usar serrarias menores gerava mais lucro para a empresa madeireira em questão<sup>266</sup>.

Amador relatou também sua experiência como comprador de madeira. Afirmou que se dirigia até as serrarias, escolhia a madeira e depois pagava para o dono. Em seguida, o entrevistado falou novamente sobre o processo de exportação de madeira, mas desta vez comparou esse processo com a exportação da soja, que como este, estava sujeito ao mercado internacional.

Na continuidade da entrevista Amador Francis e Oneide foram interrogados sobre acidentes de trabalho. Vejamos um trecho da narrativa:

**Amador Francis:** Ah, sim! Tinha muito acidente, Deus o livre! Eu tenho dois acidentes nas mãos, também de metido [risos].

**Oneide:** O meu irmão também tem, falta um dedo, que ele começou trabalhar com 14 anos, o Romildo, mas quando ele perdeu o dedo não tinha nem 16 anos ainda. Nas serras, eram muito perigosas aquelas serras circular [...]

**Amador Francis:** Ele não tinha 14 anos, ele fez “chucho”, ia fazer 14 anos, ele tinha uma mão assim o Romildo [demonstra com gestos], o irmão dela. O pai dela pior ainda [...] [risos]. Então a serra fica exposta.

<sup>263</sup> Segundo site da própria empresa “desde 1960, a *Bresolin* trabalha com madeiras”. Disponível em: <<http://alysson7.wix.com/bresolin#!quem-somos/c8ui>>. Acesso em: 18/07/2014.

<sup>264</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de; NODARI, Eunice Sueli. *A Lumber, o Contestado e a história do desmatamento da floresta de araucária (1911-1950)*. Disponível no site: *Rede Brasileira de História Ambiental*, <<http://www.historiaambiental.org/?p=443>>. Acesso em: 15/09/2014, p. 12.

<sup>265</sup> Id. Ibid., p. 12.

<sup>266</sup> Id. Ibid., p. 12.

**Oneide:** Muito perigosa, acontecia muitos acidentes, caia da pilha de madeira machucava, quebrava a coluna, a perna, era muito. Negócio de corta era quase toda semana, todo mês tinha um que se cortava.

**Amador Franceis:** Se fosse serrar só madeira comprida, longa como se diz, larga e longa não tinha problema porque tu mantinha uma distância da serra. Mas e o resto? Tinha que aproveitar também, pra fazer móveis, então se aproveitava madeira até esse comprimento [demonstra com gestos] e ali onde facilitava corta as mãos, que perdia a mão, seguidamente, todos dois, três meses perdia dois dedo, um dedo.

**Oneide:** Dava muito acidente, muito perigoso.

**Amador Franceis:** Tora também, facilitava, fazia aqueles monte grande, 200 metros de tora com 20 de altura, as vezes o cara ia tirando assim e desmoronava, pegava às vezes a pessoa por baixo, dentro.

**Entrevistadora:** Chegou a morrer alguma pessoa? [...]

**Amador Franceis:** Já! Morreu muito assim. Morria e ficava por isso mesmo, não é que nem hoje, não.

**Oneide:** [...] No mato também, às vezes no derrubar a árvore, caia em cima de outra árvore e a árvore caia em cima da pessoa, matava.

**Amador Franceis:** É, na maior madeireira do Paraná a mulher dele morreu com um galho na cabeça, dos Festugatto. Aí, ela foi junto com ele: “ah, eu quero ir ver como é que derruba [...]”

**Oneide:** Ela foi ver os corte no mato, e tavam derrubando, foram derrubar o pinheiro e caiu em cima de uma árvore, caiu o galho longe de onde ela tava, o galho de outra árvore caiu nela, morreu ali mesmo.

**Amador Franceis:** Acidente violento tinha, mas, as pessoas, não tem esse negócio de hoje de ficar aposentado por invalidez, e naquele tempo não tinha, não. O cara sem a mãozinha ia trabalhar lá com nós, com os toquinhos [das mãos], não ficava, não, ganhava, ganhava os primeiros 1 mês, 2, 3, 4 conforme, depois tinha que voltar trabalhar, não tem esse negócio.<sup>267</sup>

A fala de ambos os entrevistados apresentou outros aspectos das relações de trabalho no setor madeireiro, para além dos acidentes frequentes e de graves consequências, como, o trabalho infantil em tarefas de risco e a falta de auxílio aos acidentados. Diante disso, cabe mencionar o artigo intitulado *Acidentes de trabalho na indústria madeireira de uma cidade do Paraná*, que apresenta dados que indicam que a maioria dos sujeitos que sofrem os acidentes são homens jovens, sendo que “a parte do corpo mais atingida por acidentes foram os dedos da mão”<sup>268</sup>.

Alexandre Tomporoski, em “O pessoal da *Lumber!*”, aborda alguns casos de acidente no trabalho ocorridos nesta empresa. Tomporoski escreve que, devido à legislação da época (Lei nº. 3.724, de 15 de janeiro de 1919), os trabalhadores eram indenizados “apenas quando

<sup>267</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit.

<sup>268</sup> RIBEIRO, S; AUGUSTO, F. J; KLUTHCOVSKY, A. C. G. C. Acidentes de trabalho na indústria madeireira de uma cidade do Paraná: análise das comunicações de acidentes de trabalho. *Revista Salus*, Guarapuava (PR), 3, 2009, p. 55.

não tivessem ‘culpa’ pelo acidente”<sup>269</sup>, o que significou que poucos receberam auxílio em caso de acidentes, mesmo sendo grande o número de acidentados. As estratégias usadas pela *Lumber* para não pagar as indenizações eram variadas, entre estas estavam suas alianças locais e o direcionamento do motivo do acidente para uma distração do funcionário<sup>270</sup>.

No próximo trecho, Amador relata como era realizado o transporte para exportação em Foz do Iguaçu e cita um dos acidentes mais frequentes neste processo:

**Amador Franceis:** Tudo Foz do Iguaçu, de lá embarcava em barça, barça de madeira mesmo, barca grande de 40, 50 metros enchia, daqui de cima fazia-se uma canaleta, dessa largura e dessa altura [demonstra com gestos], largava uma tábua atrás da outra [reproduz o som da tábua descendo], ela corria mais ou menos 500 metros assim, lá quebrava a perna de muita gente mesmo, e tinha um freio no meio quando a tábua passava aquele outro pau fazia assim [demonstra com gestos], amortecia ela chegava lá na ponta mais mole os paraguaios pegavam ela.<sup>271</sup>

É possível perceber que o trabalho nas madeireiras sujeitava os trabalhadores ao risco de acidentes em todas as etapas. O entrevistado descreve o acidente a que os funcionários que trabalhavam com o carregamento da madeira na balsa estavam sujeitos e como era empregada neste trabalho mão de obra de estrangeiros. Na sequência, ambos os entrevistados falaram sobre os processos burocráticos relacionados à contratação dos trabalhadores:

**Amador Franceis:** Eu que pagava todos, pegava um recibinho, a maioria sem ficha tudo meio [...], fichava muito pouco, algum que vinha do Rio Grande que já era fichado naquela empresa, então eram transferidos para a *Madeira Cascavel*, em Cascavel, no Paraná, com alguma anotação na carteira profissional, mas tudo relaxado que não recolhiam nada. Eu, fazer o que? Eu sabia o que tinha que fazer, mas então. Não tinha, é que não existia [...]. Não existia fiscalização, fazer o que? Tinha aqui um escritório do INSS, do IN como é que chamava? Instituto.

**Oneide:** Acho que é IFE mesmo, o primeiro é IFI, né?

**Amador Franceis:** Não, não. INPS, tinha um escritórinho, para banco comercial, fazia as guias, ia no banco, pagava no banco, mas não existia uma fiscalização, então você. Que nem a vergonha que tem hoje, mas já tão dando um jeito, se trabalha sete meses numa empresa, sai, depois já pede o seguro desemprego, isso é a maior sacanagem, a maior vergonha do Brasil! E vai numa outra, eu construí tudo esse mundo de coisa aqui fichando dois, três empregados só. Porque os caras diziam: “não, mas, eu to no seguro desemprego, eu quero trabalhar, eu não quero ficar.” Pronto, é bom, assim criou um ciclo vicioso aí, que Deus o livre agora! Naquele tempo não, não

<sup>269</sup> TOMPOROSKI, Alexandre Assis. “*O pessoal da Lumber!*” um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929. Florianópolis, 2006. 207 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 86

<sup>270</sup> Id. Ibid., p. 111.

<sup>271</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

tinha fiscalização nenhuma, pra quê registrar? Não registravam quase, muito pouco.<sup>272</sup>

Amador estabelece uma comparação entre os trabalhadores da época e os atuais. Marcou o período passado como diferente, pois não havia fiscalização. A maioria dos trabalhadores trabalhava sem carteira de trabalho assinada e não recebia seguro desemprego. Tais afirmações ajudam a entender porque poucos recebiam auxílio em caso de acidente de trabalho.

Outro aspecto abordado por ambos entrevistados relaciona-se às atividades de lazer dos funcionários: jogo de futebol, bailes e a chamada “surpresa” (festa na casa de alguém); todas estas eram realizadas no domingo, pois com exceção deste dia todos os outros eram dedicados ao trabalho, argumentou Amador<sup>273</sup>. Os jogos de futebol eram realizados entre os times de uma empresa contra os de outra. Os funcionários eram transportados em cima dos caminhões que puxavam as madeiras. Segundo ele, só o dono da empresa possuía carro (o *Jipe*): - “Não existia nem trator, hoje é tudo estaleirado com trator de esteira, fazer estrada, não existia nada naquele tempo, só a madeira, madeira boa, madeira bonita”<sup>274</sup>.

Outro aspecto que caracteriza o período é a violência, elemento que estava presente nestes jogos e nos bailes. Segundo o entrevistado, só era seguro frequentar os bailes por causa de sua autoridade na função que exercia na madeireira<sup>275</sup>.

A entrevista realizada com Oneide e Amador se mostrou muito pertinente e relação às diferentes opiniões em relação à importância da ação das madeiras para o município de Cascavel. Quando questionados sobre isso, respondem:

**Oneide:** Ah! Eu acho que Cascavel não teria crescido se não tivesse a evolução das serrarias na época, porque da onde que esse pessoal ia vir tudo. Gente que veio de fora, do Rio Grande, de Santa Catarina, pra iniciar Cascavel, Cascavel começou crescer, porque os pioneiros daqui são tudo gaúchos e catarinenses.

**Amador Franceis:** 50% das serrarias o dono verdadeiro não vinha, nem vinha pra Cascavel, o dinheiro da madeira ia voltar tudo pra cada um, nas suas cidades, se colocasse aqui, se olhasse pra trás um pouquinho, coloca na cidade, isso aqui em 1950 já taria com 200 mil habitantes. Eles levavam tudo embora pra Curitiba, Porto Alegre, Veranópolis, tudo pra onde eles estavam, muita gente ainda tinha uma [inaudível] de madeira quando vieram pra cá, eles não aplicavam em Cascavel, pouco! Cascavel subiu porque olha, eu dizia em [19]68, [19]66, [19]68 Assis Chateaubriand tinha 130 mil habitantes, por que tinha 130 mil habitantes? Porque Cascavel tinha 30 mil,

<sup>272</sup> Id. Ibid., p/s.

<sup>273</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>274</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>275</sup> Id. Ibid., s/p.

veja bem, porque lá tinha o Café, tinha o Rami, tinha Hortelão e tinha gente assim: [demonstrou com gestos], hoje tem 30 mil lá e aqui tem 300. Então, quando o ciclo da madeira, se tivesse colocado o dinheiro aqui, meu Deus do céu! A turma não deixava e ... que nem muito pessoal de soja, que tem aí, veja onde é que eles tão, com apartamento em Curitiba, moram em Curitiba, mora em Balneário Camboriú, mora em Florianópolis, muitos ainda hoje, não tão, nem aqui não tão. Algum filho dá tocando ou encarregado que ganha bem, que tão por aí, é assim. A maioria hoje merece Cascavel como futuro, tem tudo o que você pensar, tem faculdade, tem colégio, tudo, a infraestrutura de fio a pavio. Mas no começo, tu nunca conhecia, eu não conhecia. Eu conhecia porque vim de lá com ele, mas quantos que não conhecia o verdadeiro patrão: -“Mas de quem é essa serraria?”, -“É dos Gomes”, -“De onde é os Gomes?”, -“É de Curitiba”, -“De quem é essas três serrarias grandes e bonitas, aí que tem caminhão bom novo? ”, -“É dos Benedelle”, -“Mas onde estão? ”, -“Curitiba”. O outro Porto Alegre, a maioria era gaúcho de Porto Alegre da *Industrial Madeireira [Paraná-IMAPAR]* que tinha 50 serrarias, serrou mais de 2 milhões e meio de pinheiro, tudo Porto Alegre e vinham pra cá de vez em quando pra olhar, vinha por Foz do Iguaçu e depois sofria na estrada até aqui.<sup>276</sup>

Há opiniões opostas quanto à ação das madeireiras para o município. Oneide destaca elementos considerados benéficos como o aumento da população, vinda de novos moradores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o que, segundo ela, garantiu o crescimento do município. Já Amador fala da falta de comprometimento dos madeireiros com o “crescimento” de Cascavel. O dinheiro conseguido com a extração da floresta ia para os municípios de origem dos grandes madeireiros, poderia haver mais pessoas morando no município na época, quando comparado com outros da região se o dinheiro da extração das árvores fosse investido no município em questão. O entrevistado compara este processo com a situação atual dos grandes produtores de soja do município, os quais, segundo ele, também não reinvestem o grande capital ganho no município.

Os argumentos apresentados por Amador acabam por desconstruir as afirmações presentes na historiografia local, de que houve um aumento da população devido à atividade madeireira e que esta gerou o desenvolvimento econômico que contribuiu para a constituição do município de Cascavel.

Amador encerra seu argumento observando que muitos funcionários nem conheciam os donos das empresas onde trabalhavam em razão da falta de interesse destes pela região de Cascavel. Mesmo aqueles que possuíam grande capital investido na região, como era o caso do proprietário da *Industrial Madeireira Paraná - IMAPAR*, que tinha “50 serrarias, serrou mais de 2 milhões e meio de pinheiro”, não se interessavam em investir na região seu lucro. Os dados apresentados pelo entrevistado sobre a *IMAPAR*, também possibilitam compreender

---

<sup>276</sup> Id. Ibid., s/p.

o papel majoritário desta empresa na extração da floresta, devido à grande quantidade de árvores derrubadas.

Na sequência, Amador Franceis faz as seguintes considerações acerca da atuação das madeireiras em Cascavel:

**Amador Franceis:** O crescimento de Cascavel deve-se ao ciclo da madeira, não tem nada de soja, não, soja simplesmente tá mantendo. Pode ver tudo esses caras aí com soja, eles não tão fazendo prédio aí, que nem a [nome retirado da entrevista], conhece? É construtora [nome retirado da entrevista] e tem prédio pra tudo lado, o dinheiro que eles pegaram aí numa indenização do, de uma quadra aí do centro da cidade. Aqui eles tão, aqui tá, foi indenizado, pegaram a indenização, tão aproveitando o dinheiro aí, tão colocando o dinheiro aqui e os serrador, os madeireiros não colocavam o dinheiro aqui, pouco, eles levavam pra origem onde eles nasceram, de onde eles vieram, levavam lá. Passo Fundo, Getúlio Vargas, aquela região, porque eram dela, não acreditava: -“Eu não vou acreditar, são tudo matador, Deus o livre Cascavel! Eu não vou morar, vou morar lá, não vou levar meus filhos pra cá.” Trazia, serrava e levava o dinheiro e assim foi tempo, depois de [19]89, [19]85 pra cá aí começou moralizar mais, aí eles não ficavam com muito medo de Cascavel mais. E se eu te contar isso, eu nem vou contar mais, tem tanta coisa aí que, tanto *bang-bang* que deu aí por causa da madeira, por causa da madeira, não da terra, a terra nunca teve valor, nunca teve. [nome retirado da entrevista] tem terra hoje, algum deles já morreram, um tem lá 200 alqueires porque sobrou que não conseguiram vender, daí o governo começou a destocar, mandar e tal limpar a terra, daí opa, opa, trazia soja pra ver a pesquisa, da *Embrapa* e tudo: -“Não, não, isso daí é feijão de porco, isso não presta, isso não dá.” Mas quanto, quanto, que foi embora, serraram 20 anos em serraria, passou na mão deles mais de 20 mil empregados e sobrou a terra foram embora, terminou de serrar, o ciclo da madeira, foram embora e não voltaram mais. Depois que: -“Ah, Cascavel tá assim, tá?” Porque viram, olharam Passo Fundo, começou primeiro naqueles campos, Lagoa Vermelha já era campo nativo. Pensou que nunca dava nada, que a terra, corrigiam a terra onde existia o pinheiro, que aqui a terra também não era boa não, mas tem os produtos que coloca que daí ela fica boa, que daí ela faz. [...] <sup>277</sup>

Todavia, apesar de Amador Franceis argumentar que o “crescimento” do município de Cascavel se deve ao “ciclo da madeira” e não à produção de soja, ele ainda mantém uma visão negativa sobre a ação de alguns madeireiros que teriam explorado intensamente a vegetação local.

Diante disso, cabe mencionar o estudo dos historiadores Gil Karlos Ferri, Eunice Sueli Nodari e Samira Peruchi Moretto sobre os impactos socioambientais no município de Anita Garibaldi/SC relacionados à indústria madeireira. De acordo com eles, as empresas que se

---

<sup>277</sup> Id. Ibid., s/p.

instalaram “na região desencadearam um desenvolvimento econômico superficial”<sup>278</sup>, uma vez que “poucos empresários detinham os ganhos econômicos e a grande maioria da população sobrevivia com pequenos salários”<sup>279</sup>.

Passamos agora para a análise da entrevista de Jerônimo Rodrigues, que se deslocou junto com sua mãe e irmãos do Estado de Santa Catarina. O motivo de sua mudança teria sido dificuldades pelas quais passava sua família. Segundo Rodrigues, o meio de seu transporte fora “em cima de um caminhãozinho [19]48”<sup>280</sup>, com o qual chegou a Mato Queimado, atual município de Campo Bonito, distante cerca de 73 Km de Cascavel. Vejamos um trecho da entrevista:

**Jerônimo Rodrigues:** É, eu vim pra cá e comecei na roça, que a roça naquela época era um movimento bom, que saía bem a colônia, vendia até bem e então nós chegamos aqui e arrendemos as terras, pegamos umas terras arrendadas pra trabalhar. Porque nós não tinha, nós era pobre e não tinha, então nós arrendemos, arrendemos uns pedaços de terra e começamos a trabalhar e naquela época tinha a madeireira e tinha uns pessoal conhecido lá, acharam melhor nós transferir pra lá pra trabalhar, aí nisso foi falado com a gerência da firma e eles mal conheciam nós mas acreditaram em nós e recolheram nós na firma e nós ali entramos. Eu trabalhei uns 6 anos e meio, 7 anos, por aí, e voltei pra roça de novo que daí eu casei, naquela época logo casei e eu peguei e vim pra roça, também um serviço meio pesado, enfrenta, mas era, até que era bom e depois, naquela época tinha muita firma, então as firmas viam que o operário ele era, naquele tempo chamava de operário, que a pessoa era boa de serviço, tinha um pouco de inteligência, eles mudavam, eles pegavam recolhiam a pessoa e transferiam pra um outro serviço, que dava lucro pra firma. Só que o funcionário ganhava uma mixaria, ganhava uma mixaria, eu mesmo trabalhei, até não vou dizer as firmas que trabalhei, mas trabalhei umas par firmas e ganhando mixaria e eles iam me transferindo: -“Não, nós vamos te dar um outro serviço, daí depois você vai ganhar mais, que você vai subir de produção”, ah, eu cheguei trabalhar com plaina, com a seção do almoxarifado, classificação de madeira que é uma coisa que precisa ser um pouco experiente e inteligente pra chegar naquilo ali. E eu com tudo, não ter estudo, eu me engrenei nisso aí, se saí bem, os gerentes me chamavam pra mim trabalhar naquela função ali que eles precisavam, então eu trabalhei muito, trabalhei na *Bresolin*, trabalhei na *Madeve*, trabalhei na *Sarolli*, trabalhei na *Madezan* e na madeireira que foi o começo.<sup>281</sup>

A narrativa de Jerônimo Rodrigues é permeada pelos seus diferentes trabalhos em diversas funções. Ele se identifica como “pobre” por não possuir propriedade da terra, tendo

<sup>278</sup> FERRI. Gil Karlos; NODARI. Eunice Sueli; MORETTO. Samira Peruchi. A indústria madeireira e os impactos socioambientais em Anita Garibaldi SC (Século XX). In 3º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2014, Florianópolis. *Anais* Florianópolis: 2014, p. 70.

<sup>279</sup> Id. Ibid., p. 70.

<sup>280</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência da filha do entrevistado em 13 de setembro de 2013.

<sup>281</sup> Id. Ibid., s/p.

que trabalhar como arrendatário. Em seguida fez questão de dizer que os trabalhadores das madeiras eram chamados de operários e menciona o baixo salário pago por estas empresas. Na sequência há a construção de um relato descrevendo as dificuldades enfrentadas não só no trabalho nas madeiras, mas também na agricultura, na busca por trabalho e os acidentes sofridos. O entrevistado teve de se adaptar às novas condições de serviço que surgiam, falou que quando parou de trabalhar com as madeiras, aprendeu a dirigir o maquinário usado na agricultura. Para ele, o “pior serviço” foi quando trabalhou para a *Sarolli*, derrubando árvore “no mato”<sup>282</sup>.

**Jerônimo Rodrigues:** O mais pesado foi tombo de tora, tombo de tora, nem sei se chegamos falar nesse aí, acho que não falamos. O tombo de tora então vinha aquelas toronas grande, dessa altura assim [demonstra com as mãos], cortava com 5 metros de comprimento e elas às vezes vinham chata, pra você tomba em dois, aí você pegava o cabo de gato, então o cabo de gato era assim, o gato era assim [demonstra com gestos], e aqui tinha uma argola, aí você botava um pau, aqui tinha um pau fixo e esse pau aqui você botava aqui no ombro. Você engatava aqui na tora e forcejava pra ela tombar e numa dessa eu tava trabalhando, eu e um tal de Nego Zuzino, Zuzino Martins, e o gato dele tava ruim de pegar, não tava bem enfiado, não pegava e eu tava esmorecendo, tava indo a tora tava me trazendo e se ela me trás mais um estante ela me arreventa a espinha, porque eu já tava mal colocado, por sorte chegou um sobrinho dele e bateu o gato dele e ajudou segurar e me tiraram, “sai fora que nós tombamos” aí entrou mais dois caras correndo, daí veio todo mundo, porque todo mundo trabalhava meio atento, porque dá um acidente, aí tombaram e tinha uma tora assim e eu quis ir até na tora e não aguentei, desmaiei. Aí viemos embora pro hospital, o doutor Moacir me atendeu, falou: “Ó, se você faz pra mais 15 quilo de peso você não aguentava mais”, fiquei 35 dias desse jeito, quase morri, fiz força demais, porque eu tinha que segurar, porque se não segurar a tora me mata, então tava ali ou eu faço o serviço ou entrego os pontos. Então por sorte eles me acudiram. [...]”<sup>283</sup>

Rodrigues descreve com detalhes um grave acidente que sofreu no trabalho de derrubada de árvores, que o deixou com sequelas. Fala também da atenção que todos os funcionários tinham, devido a ser comum o número de acidentes. Rodrigues narrou com detalhes dois graves acidentes que presenciou, ambos ocorridos no transporte da madeira<sup>284</sup>. Além dos acidentes, Rodrigues relata o cotidiano no trabalho:

<sup>282</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>283</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>284</sup> Id. Ibid., s/p. Os acidentes de trabalho nas madeiras poderiam ocorrer em quase todas as etapas de preparo e venda da madeira. Os riscos a que os trabalhadores estavam sujeitos iam desde alergias, causadas pelo constante contato com a serragem ou acidentes que levavam o trabalhador a óbito. Além disso, em alguns casos os trabalhadores de madeiras vivem condições de trabalho análogas às de escravo.

**Jerônimo Rodrigues:** [...] [uma madeira] eles souberam que eu trabalhava com plaina, trabalhava com qualquer coisa assim, eu não tinha estudo, mas as coisas davam certo pra mim, sabe? Eu entrava, o cara me dava e falava: -“Você tem que fazer assim, assim, assado”, eu trabalhava e ia embora, dava certo, graças a Deus, eu agradeço a Deus por dar certo, porque aquela vontade da gente acho que Deus também ilumina os caminhos da gente e deu certo. Mas a gente sofreu muito, vou te dizer, pra chegar, hoje tô indo, não tenho um grande recurso, mas tenho minha família, também, tá formada, a gente tá lutando aí e se Deus quiser as coisas há de ir pra frente, a gente trabalha pra isso. Mas a gente sofreu muito, muito mesmo, vou te dizer que não foi fácil, que nem quando eu trabalhei na roça, passei por cima disso aí, agora vou voltar a falar, trabalhar na roça, a gente comia aquelas comidinha fria lá, o feijãozinho com arroz, naquele tempo dava aquelas geadas de passar, tinha lugar que passava o gelo de um dia pro outro, então, por exemplo, o sol saía aqui dessa berada aqui [demonstra com a mão, de acordo com a casa], saía aquelas vela de gelo, ela ia derretendo, derretendo e quando ela chegava na metade anoitecia, anoitecia e no outro dia vinha outra geadona, mais geadas, teve um mês deu 14 geadas o meu pai levou contada, 14 geadas uma maior do que a outra e a gente saía de manhã cedo pra ir pro serviço. Uma época eu tava trabalhando para *Madezan*, eu morava lá no Cataratas [bairro de Cascavel], tava, era eu e a mulher e as duas crianças, aí ela falou: -“Não, você não vai no serviço, tá demais, essa geadas é muito grande”, eu falei: -“Mas eu tenho que ir, eu preciso, nós precisamos, nós somos pobres, nós não podemos perder dinheiro”, e eu toda vida fui infernal no serviço, eu gostei de, não é que eu gostei de trabalhar, eu pensava no dia de amanhã, não é que, às vezes o cara fala: -“Não, eu gostei de trabalhar”, não é que o cara gosta, o cara se obriga, o cara vai porque se obriga, é triste. Mas eu tive que ir, eu vim até uma altura caminhei uns 500 metros de casa, empurrando a bicicleta, com um almocinho na garupa, um feijãozinho com arroz, e não consegui subir a subida, tinha uma subidinha ali no Cataratas tem até uma subida pra sair lá de baixo, sair aqui na BR aqui em cima, eu não consegui sair, eu tive que parar joga as mãos aqui em baixo [demonstra com gestos] até ela dá uma esquentadinha e peguei e levei a bicicleta lá embaixo de volta. Pois fui lá peguei o almocinho joguei denovo nas costas e voltei e vim na *Madezan* trabalhar, vim trabalhar. Isso é, não é fácil, não.<sup>285</sup>

O que marca este trecho é o “sofrimento” enfrentado em trabalhos como “boia-fria”, precisando comer sua comida gelada. Ao descrever tal fato o entrevistado ressalta: “passei por cima disso aí, agora vou voltar a falar”<sup>286</sup>. Tal expressão mostra a superação a partir do trabalho e do esforço, mas, também, a recordação de algo de seu passado que não gosta de relembrar. Deste modo, o momento da entrevista pode ser a ocasião de retornar a fala sobre questões traumáticas<sup>287</sup>. Assim, Rodrigues lembra as dificuldades passadas quando trabalhava na madeira *Madezan*, devido ao frio que fazia naquele período. No trecho a seguir, Rodrigues ressalta sua autoimagem como trabalhador:

<sup>285</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit., s/p.

<sup>286</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>287</sup> THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, nº 15, Abril. 1997, p. 59.

[...] Eu trabalhava com um tal de Domingo, um cara, um amigo muito bom, ele era rígido, mas eu não tenho do que me deixar, sei lá se eu fazia as coisas do jeito que ele queria ou fazia as coisas boas, mas eu procurava. Todo o meu serviço que eu encarei, não é pra se gabar, mas todo o serviço que eu encarei, eu encarei com aquela, de coração aberto, pra fazer mesmo pra não deixar furo e toda parte que eu fui, que eu trabalhei fui bem recebido, de onde eu saí as pessoas não queriam que eu saísse e então sei lá. Hoje tô aí, não recorri para se aposentar, que eu tô com 63 anos, 64 anos, até hoje eu tava comentando com o vizinho aí, eu falei: -“Eu vou esperar chegar aos 65 anos depois eu correr atrás”, porque não adianta agora, não tem nada ainda porque tem que ser com 65, mas eu tenho certeza que, pelo o que eu tô vendo hoje na nossa, nossos governador, nossas pessoas que dominam nós, o que a gente tem visto aí é que acho que a gente trabalhou que nem cavalo e que nem cachorro, ganhando as mixarias e a gente não vai ter valor, não vai ter valor nenhum! Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza! Pelo o que a gente tem visto, pelo que a gente tem acompanhado na televisão, muitas pessoas ali que não podem nem levantar da cama e tem gente no poder falando pode trabalhar ainda, onde é que se viu! [...].

**Entrevistador:** Quando o senhor trabalhava na serraria, o senhor tinha carteira assinada?

**Jerônimo Rodrigues:** Tinha.

**Entrevistador:** Na serraria tinha. Em todas elas?

**Jerônimo Rodrigues:** É, quase todas elas, teve umas que eu trabalhei pouco tempo que eu não assinei carteira. Que nem na *Sarolli*, na *Bresolin*, eu trabalhei poucos dias que, porque eu fui lá no Bresolin pra mexer com a plaina e eles me prometeram um salário alto e aí eu cheguei lá trabalhei 08 dias, quando eu fui lá eles queriam que eu assinasse, assinasse aquela prorrogação de 45 dias, que daí se não dá certo mandavam o peão embora, eu falei: -“Não, quando eu fui lá pra trabalhar vocês não falaram nada disso aí, falaram pra mim trabalhar que eu ganhava o dobro do salário que eu ganhava aqui, pra mexer com a plaina, eu tô fazendo o serviço e tô fazendo igual vocês pediram, agora vocês não querem pagar eu também não vou trabalhar”. Peguei e fui embora, fui embora eles foram de atrás, pegaram o carro, eu morava ali no Cataratas, foram lá, eu falei: -“Não, eu não vou voltar não, eu tratei com vocês uma coisa e vocês não cumpriram”<sup>288</sup>.

Nestes trechos são apresentadas as relações de trabalho a partir dos dilemas vividos por um trabalhador que não consegue se aposentar. Rodrigues constrói sua narrativa mostrando que foi um bom trabalhador, mas mesmo assim não tem o direito à aposentadoria. Ele falou, ainda, sobre os motivos que o levaram a parar de trabalhar nas madeiras:

**Jerônimo Rodrigues:** Não, eu parei porque começou surgir esse negócio dos tratores, já começou a aparecer os tratores as destocas [tirar o restante da vegetação após o desmatamento], essas coisas e a gente foi fácil pra aprender, então a gente mudou, e outra coisa também que acabou o material, acabou o pinheiro, se vocês pensarem isso aí acabou, tiraram tudo os pinheiros, a madeira de lei que nós fala, a canela, peroba, essas outras

<sup>288</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit.

madeiras também, os caras limpavam, tiraram tudo. Então a gente também, as serrarias foram acabando, não foi suportando a quantia de gente que precisava de emprego, aquele que teve mais sorte, que aprendeu com o maquinário, então a gente veio pra esse lado, se obrigou a vir pra esse lado, obrigou-se, igual os outros falam, se não se explica de aprender ia começar a passar fome. O que aconteceu, quando começou os tratores, começou entrar aí tinha o tal de “boia-fria”, que vocês sabem muito bem disso aí, aí de repente vem o veneno e acabou com os boias-frias também, primeiro eles acabaram com a agricultura, lá embaixo com a agricultura pequena, que era feijão, milho e arroz, essas coisas, e aí os pinheiros também acabaram e saiu a agricultura com trator, que é o plantio de soja, trigo, essas coisas, e aí o que aconteceu, aí a turma começou vim aí o cara teve que se explicar, aí teve que pular naquele galho aí e segurar firme pra não perder o emprego.<sup>289</sup>

A forma como Jerônimo Rodrigues constrói sua narrativa parece demonstrar consciência das condições que o levaram a mudar diversas vezes de emprego, tendo que se adaptar às novas condições impostas pelo mercado. Ele relata que passou do trabalho nas serrarias para o trabalho como “boia-fria” e, por fim, como operador de trator. Também destaca que muitos ficaram desempregados devido à tais transformações.

As dificuldades enfrentadas na atualidade por Rodrigues para conseguir a aposentadoria possivelmente se devem ao fato de ter trabalhado nestas diferentes funções. Estudos mostram que o trabalhador “boia fria”, normalmente, é um trabalhador “sazonal, sem-terra, sem vínculo empregatício e que geralmente mora nas periferias das cidades próximas à zona rural”, não tendo assegurados os seus direitos trabalhistas<sup>290</sup>.

Os fragmentos das narrativas analisadas aqui possibilitaram pensar questões ligadas à ação das madeireiras que versam sobre a produção destas empresas, as relações de trabalho, propriedade da terra de onde era extraída a floresta, os diversos deslocamentos das madeireiras e as diferentes opiniões sobre esta ação. Estas narrativas apresentam elementos relacionados à função que cada um dos entrevistados ocupou nas madeireiras. Alguns destacaram as questões ligadas à economia gerada pela exploração da floresta e os benefícios que Cascavel teria usufruído, enquanto outros mencionaram as contradições que envolveram a atuação das madeireiras, como casos de violência, do não cumprimento de leis, os danos causados aos trabalhadores, entre outras.

Na sequência, serão analisados outros trechos destas mesmas entrevistas, enfocando as falas destes sujeitos que possibilitam pensar as relações humanos/meio natural.

<sup>289</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>290</sup> GANCHO, Cândida Vilares et al. A posse da terra. São Paulo: Ática, 1991, p. 7. Apud: BROIETTI, Marcos Henrique. *Os assalariados rurais temporários da cana*. São Caetano: King Graf, Francisco Beltrão: Ed. do Autor, 2003, p. 27.

### **CAPÍTULO 3 - PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS SOBRE A AÇÃO DE MADEIREIRAS: NARRATIVAS SOBRE AS INTERAÇÕES HUMANOS/MEIO NATURAL**

#### **3.1 CONCEPÇÕES SOBRE A RELAÇÃO HUMANOS/MEIO NATURAL**

O foco das análises do presente capítulo são as narrativas que expõem percepções sobre o meio natural e suas relações com os seres humanos, tendo em vista as experiências destes sujeitos no processo de desmatamento. Procura-se observar quais são as compreensões destes sujeitos sobre a paisagem com a qual se defrontavam. Segundo Edna F. Alencar, estas relações humanos/meio natural são expressas:

[...] através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente.<sup>291</sup>

As percepções variam conforme as experiências de cada sujeito. Nessa perspectiva, busca-se pensar como pessoas ligadas a um amplo processo de desmatamento o compreendem na atualidade em que a ação humana é entendida, muitas vezes, como prejudicial ao mundo natural.

No tempo presente, em diferentes segmentos da sociedade, há discursos ambientais encontrados dentro das mais variadas correntes de pensamento. Todavia, tais discursos não são exclusividade da atualidade. É a partir do que se chamou de “crise ambiental”<sup>292</sup>, que eles passam a ganhar mais evidência. Para Ely Bergo de Carvalho, as sociedades “pré-industriais tinham a capacidade de degradar seu ambiente”, porém, “em velocidade e volume que não podem ser comparados aos da sociedade industrial”. O que é novo, hoje, “é o efeito global da atual crise”<sup>293</sup>.

Daniel Porciúncula Prado, na introdução de seu livro *A figueira e o machado: uma história das raízes do ambientalismo no sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique*

<sup>291</sup> ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. *TEORIA & PESQUISA*. São Carlos - SP, V, XVI, p. 95-110, nº 02, jul/dez de 2007, p. 97.

<sup>292</sup> CARVALHO, Ely Bergo de. A História Ambiental e a "crise ambiental" contemporânea: um desafio político para o historiador. *Revista Esboços*, Florianópolis, V. 11, nº11, p. 105-116, 2004, p. 109.

<sup>293</sup> Id. Ibid., p. 109.

Roessler, escreve o seguinte sobre o nascimento de movimentos sociais ligados às questões ambientais:

Paulatinamente, o século XX gestou um caldo cultural de ideias e movimentos de cunho preservacionista relacionado a fauna e flora, que aos poucos deu vazio a um pensamento ecológico de cunho social, predecessor e sustentáculo dos atuais movimentos socioambientais.<sup>294</sup>

As ideias de cunho preservacionista não foram exclusivamente adotadas por diversos movimentos socioambientais. O meio empresarial e de comunicação também mudaram seus discursos. Se antes alegavam a preservação ambiental como elemento de prejuízo econômico, agora se utilizam destes discursos para “poder ‘aliar’ o desenvolvimento [econômico] com a tentativa de ‘minimizar’ os danos ao ambiente”<sup>295</sup>. Sobre isso, Carina Cerutti Pereira em seu texto *O discurso ambiental como “marketing verde”: um passeio pelo o que é lido e visto nas mídias*, escreve:

Novas formas discursivas preservacionista, com relação à comercialização, começam a ser utilizadas, incluindo para tanto, a propagação de seus produtos nos mais diferentes meios de comunicação possíveis, propiciando, algumas vezes, um mascaramento das reais intenções dessas empresas. Assim, através de um discurso “preservacionista” o indivíduo é levado a consumir um produto descartável (por exemplo), muitas vezes influenciado pela publicidade enganosa veiculada na mídia por grandes empresas que buscam demonstrar que um determinado produto foi elaborado sem prejuízo ao meio ambiente. É esse o discurso que necessita desvelar, despertando a consciência crítica do indivíduo sobre suas ações ao meio ambiente, passando a consumir de maneira mais consciente.<sup>296</sup>

Estes grupos, além de produzirem um discurso em que se identificam como empresas conscientes em relação ao meio natural, acabam por influenciar os diferentes sujeitos da sociedade a também ter uma “consciência ambiental”.

Nicheli Santos escreve sobre a necessidade de perceber como o ser humano vem modificando “suas ideias, concepções, valores e usos da natureza”. Segundo ela<sup>297</sup>:

<sup>294</sup> PRADO, Daniel Porciúncula. *A figueira e o machado: uma história das raízes do ambientalismo no sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler*. Rio Grande: FURG, 2011, p. 9.

<sup>295</sup> PEREIRA, Carina Cerutti. *O discurso ambiental como “marketing verde”: um passeio pelo o que é lido e visto nas mídias*. Santa Maria/RS, 2008. 50 p. Monografia de Especialização (Educação Ambiental) UFSM. p. 14. Um exemplo deste tipo de discurso é produzido pela madeireira ARAUPEL em seu site como uma empresa sustentável: <<http://www.araupe.com.br/br/sustentabilidade/>>. Acesso em: 02/01/2015.

<sup>296</sup> Id. Ibid., p. 14.

<sup>297</sup> SANTOS, Nicheli Rodrigues. “Meio Ambiente, use mas não abuse”: concepções e práticas em educação ambiental da/na revista *Amigos da Natureza* (2001/2012). Marechal Cândido Rondon/PR, 2013. 192 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), p. 17.

Ao optar por esse caminho se cria a possibilidade de perceber sociedade e natureza para além da destruição. Abre-se a oportunidade de não homogeneizarmos os espaços e temporalidades e, também, de não criarmos naturalizações como, por exemplo, a de que a natureza teria existido sempre da mesma forma, como se nossos conceitos e usos tivessem sido sempre os mesmos. Nesse sentido, é preciso criar condições para perguntas, tais como: Por que estamos enfrentando determinados problemas? Quais foram os caminhos que nos levaram a isso? Quais são as nossas concepções e práticas sobre natureza? Ao escolher esse percurso, temos a possibilidade de perceber alteridades temporais.<sup>298</sup>

Há diversos caminhos que nos conduzem a pensar as relações históricas humanos/meio natural como não estáticas, mas mutáveis conforme o espaço e o tempo. A partir destas considerações pode-se pensar, também, a ação das madeireiras.

### 3.2 UM CAMINHO PARA UMA ANÁLISE DE MEMÓRIAS: A HISTÓRIA AMBIENTAL

Este estudo está vinculado ao campo de estudo da história ambiental, pois visa analisar as narrativas sobre as relações entre seres humanos e o meio natural. A respeito desta área de conhecimento histórico, José Augusto Pádua escreve que:

O aparecimento da história ambiental consciente de si mesma está ligada a uma ausência de dimensão biofísica em boa parte da historiografia contemporânea. Ainda existe, de fato, uma presença muito forte do enfoque que já foi chamado de “flutuante”, no sentido de a humanidade flutuar acima do planeta, como se os seres humanos não fossem animais mamíferos e primatas, seres que respiram e que precisam cotidianamente se alimentar de elementos minerais e biológicos existentes na Terra. Como se não fossem, em verdade, seres que, mais do que estabelecer “contatos” pontuais, vivem por meio do mundo natural, dependendo dos fluxos de matéria e energia que garantem a reprodução da atmosfera, da hidrosfera, da biosfera, e assim por diante.<sup>299</sup>

Procura-se, então, estudar as memórias “junto com outras dimensões econômicas, culturais, sociais e políticas - na busca por uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva de investigação histórica”<sup>300</sup>. Alfredo Ricardo Silva Lopes e Eunice Sueli Nodari, no artigo sobre a percepção da degradação da Lagoa de Sombrio, escrevem sobre a importância das entrevistas “para melhor entendimento do meio ambiente”. Segundo tais autores, “na (da)

<sup>298</sup> Id. Ibid., p. 17.

<sup>299</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*. São Paulo, V. 24, nº 68, fev., 2010, p. 91.

<sup>300</sup> Id. Ibid., p. 94.

oralidade emerge um amálgama de subjetividades que ordenam o universo circundante”<sup>301</sup>. Nesse sentido, ao realizar a análise das entrevistas é preciso ter claro o que José A. Pádua argumenta sobre o trabalho com história ambiental:

É essencial, no entanto, evitar o anacronismo e a pretensão de que os indivíduos do passado possam ser cobrados em razão de categorias tão modernas quanto são ecologia, sustentabilidade, impactos da ação humana etc. É preciso entender cada época no seu contexto geográfico, social, tecnológico e cultural. É evidente, como já foi dito, que a questão ambiental só vai aparecer em um momento bastante recente da trajetória humana. Mas pode-se dizer que as relações ambientais já estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período. Não se trata, portanto, de projetar categorias ambientais e ecológicas do presente no passado, mas sim de utilizar essas categorias, com o devido cuidado, para pensar a existência de sociedades pretéritas.<sup>302</sup>

Diante de tais considerações, deve-se lembrar de que os sujeitos entrevistados aturam nas madeireiras no período de 1950 a 1970, mas as entrevistas foram produzidas no período de 2011 a 2013. Ainda segundo Pádua:

A história ambiental, como ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas. Mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O desafio, repetindo, é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos. Tal postura aberta deve significar, em sentido fundamental, o abandono da visão catastrófica e do “homem devastador” que a voz das ruas costuma exigir.<sup>303</sup>

Ao trabalhar com história ambiental e as relações humana/meio natural, a partir das memórias de sujeitos que aturam no setor madeireiro, tal “leitura aberta” se torna ainda mais desafiadora, já que em tal caso, a visão “homem devastador” parece estar internalizada quando se pensa a ação das indústrias madeireiras. Contudo, é necessário que se entenda estes sujeitos dentro de suas condições históricas.

José Augusto Drummond, em *História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*, escreve que “a história ambiental revela ligação também com a história regional, pois focaliza processos sociais (e naturais) geograficamente circunscritos, embora tipicamente os limites

---

<sup>301</sup> LOPES, Alfredo Ricardo Silva; NODARI, Eunice Sueli. “O que é da natureza não se mexe”: memória e degradação ambiental na Lagoa de Sombrio-SC (1960-2010). *História Oral*, V. 1, nº 15, p. 55-80, jan.-jun. 2012. p. 56.

<sup>302</sup> PÁDUA, op. cit., p. 96.

<sup>303</sup> Id. Ibid., p. 97.

dessas áreas sejam naturais, e não sociais ou políticos”<sup>304</sup>. Nesse sentido, cabe informar que a vegetação da região de Cascavel era formada basicamente pela Floresta Ombrófila Mista, que no planeta é registrada desde a última era glacial. Ocupava uma área equivalente a 200 mil quilômetros quadrados no Brasil e aproximadamente 80 mil quilômetros quadrados no Paraná<sup>305</sup>. Atualmente existem apenas 12,6% da área da Floresta Ombrófila Mista no país<sup>306</sup>.

Francisco A. Gubert Filho, engenheiro agrônomo e servidor do Instituto Ambiental do Paraná, escreve em *O desflorestamento do Paraná em um século* que “somente na década de 1960 o Paraná perdeu cerca de 240 mil ha/ano de florestas à custa da expansão agrícola na região oeste”, tal expansão teria continuado até meados da década de 1970. Tais informações apresentadas por Gubert Filho nos ajudam entender a ligação entre a expansão agrícola e a ação das madeireiras na região estudada<sup>307</sup>.

O autor também exhibe mapas sobre a destruição das florestas paranaenses desde a década 1890 até 1990 e os dados referentes à porcentagem de florestas que existia em cada período. Pode-se observar nos mapas, quando comparados, a redução na vegetação em todo Estado, se acentuando durante as décadas de 1950, 1960 a 1980 na região oeste:

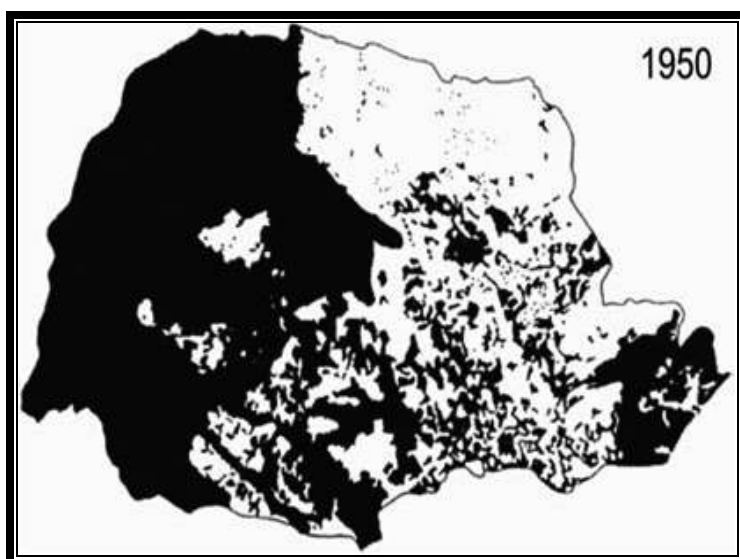


FIGURA 12. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1950. Área florestal - 7 milhões 983 mil 400 ha - 39,67% do Estado.

Fonte: FILHO GUBERT, Francisco A. *O desflorestamento do Paraná em um século*. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=79>>. Acesso em: 13/11/2014, p. 21.

<sup>304</sup> DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991, p. 181.

<sup>305</sup> SCHNELL, Rogério. *O ciclo da madeira no Paraná*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-2.pdf>>. Acesso em: 30/10/2012. p. 03.

<sup>306</sup> RIBEIRO, M. C. et al. The brazilian atlantic forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, V. 142, 2009, p. 1145.

<sup>307</sup> FILHO GUBERT, Francisco A. *O desflorestamento do Paraná em um século*. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=79>>. Acesso em: 13/11/2014. p. 18-19.

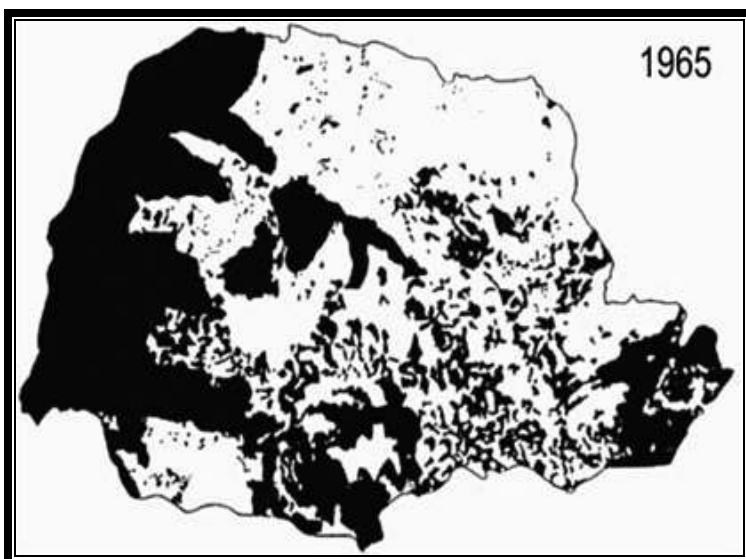


FIGURA 13. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1965. Área florestal - 4 milhões 813 mil 600 ha - 23,92% do Estado.

Fonte: FILHO GUBERT. Francisco A. *O desflorestamento do Paraná em um século*. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=79>>. Acesso em: 13/11/2014, p. 22.

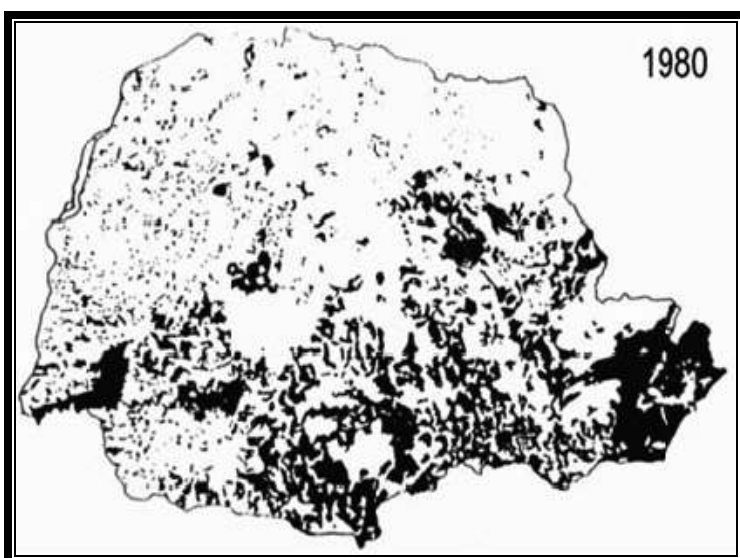


FIGURA 14. Distribuição da cobertura florestal do Paraná em 1980. Área florestal - 1 milhão 997 mil 100 ha - 11,90% do Estado.

Fonte: FILHO GUBERT. Francisco A. *O desflorestamento do Paraná em um século*. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=79>>. Acesso em: 13/11/2014, p. 23.

Gubert Filho representa a cor escura como as florestas. A cor clara, além de representar as regiões de campo natural, como “campos de Curitiba, Campos de Castro, Campos Gerais de Guarapuava e Campos de Palmas,” também demonstra o avanço da

devastação da floresta gerado pela população que se estabelecia no estado<sup>308</sup> (ver Figuras 12, 13 e 14).

O autor conclui ao final do texto que “em apenas um século (1890 a 1990), o Estado do Paraná reduziu sua cobertura florestal de 16 milhões 762 mil e 600 hectares, ou 83,41% de seu território, para cerca de 872 mil e 600 hectares, ou 5,20% de seu território”<sup>309</sup>. Isso teria gerado “a redução drástica de populações naturais da fauna e da flora, [e] impactou irreversivelmente nossa biodiversidade, além de representar altos custos econômicos, pela perda de florestas naturais e de solos”<sup>310</sup>.

Estes elementos mostram a complexidade da devastação da floresta no Estado do Paraná. A análise das entrevistas que será apresentada a seguir foi realizada tendo em conta tal processo.

### 3.3 “... ERA PINHO, PINHEIRO, DO QUAL HOJE NÃO EXISTE QUASE MAIS NADA”<sup>311</sup>

Ao analisar as memórias de alguns dos sujeitos que contribuíram para a transformação da paisagem no oeste de estado do Paraná é necessário atentar para o fato de que diferentes funções foram exercidas por eles, o que interfere na narrativa do processo de desmatamento a partir da ação das madeireiras.

A ordem da análise das entrevistas é a mesma do segundo capítulo. A primeira é a realizada com Fernandes José Liberali e seu filho Gilmar Liberali. Ao serem indagados sobre o processo de derrubada das árvores, Fernandes e Gilmar Liberali narraram com detalhes como era realizada a derrubada e posteriormente seu corte em tábuas. Inicialmente era utilizado o serrote americano, que exigia mais tempo e experiência das pessoas encarregadas. Posteriormente motosserras foram adquiridas, equipamento que tornou o processo mais rápido e menos árduo<sup>312</sup>. Percebe-se que nem toda árvore era utilizada, os galhos que apresentavam muitos nós eram deixados na mata<sup>313</sup>. O entrevistado fala ainda:

---

<sup>308</sup> Id. Ibid., p. 20.

<sup>309</sup> Id. Ibid., p. 24.

<sup>310</sup> Id. Ibid., p. 24.

<sup>311</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência dos entrevistados em 07 de junho de 2013.

<sup>312</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência de Fernandes José Liberali em 02 de abril de 2011.

<sup>313</sup> Id. Ibid., s/p.

**Fernandes José Liberali:** [...] Naquele tempo era desperdiçada muita madeira, a gente jogava fora no fogo, muita madeira boa.

**Entrevistadora:** O que não dava esse tamanho daí era descartado?

**Fernandes José Liberali:** É, eles colocavam tudo no fogo.

**Entrevistadora:** Essa madeira cortada ela era feita, assim, para cobrir casa também, tinha um beneficiamento também ou era só feita as toras?

**Fernandes José Liberali:** Não era, eles ocupavam as tábuas pra casa também, faziam muita, porque naquele tempo não tinha essas casas de alvenaria. Por que hoje tu sai na cidade não tem uma casa de...<sup>314</sup>

Alessandro Portelli, no texto *A filosofia e os fatos*, escreve que “recordar e contar já é interpretar”<sup>315</sup>. O fato de relemburar no presente o que foi vivido e praticado no passado permite que Liberali realize duas reflexões, que são percebidas a partir das seguintes afirmações: “naquele tempo era desperdiçada muita madeira”<sup>316</sup>, “porque naquele tempo não tinha essas casas de alvenaria”<sup>317</sup>. Ambas as reflexões podem ser percebidas como alterações na percepção de Liberali sobre o uso dos recursos florestais.

Na primeira afirmação a alteração ocorreu em perceber o ato realizado no passado enquanto “desperdício”, o não aproveitamento de algo da maneira como deveria<sup>318</sup>. Já na segunda afirmação a mudança é percebida na comparação com o presente. Liberali compara as construções atuais em alvenaria com as construções em madeira daquele tempo e percebeu que estas já não são a maioria.

Liberali também foi indagado sobre a quantidade de hectares de floresta que eram cortados por ano. Junto ao seu filho, argumentou que esta pergunta não poderia ser respondida já que se tratava de árvores nativas, não plantadas de forma uniforme, não existindo uma quantidade igual para todas as áreas. Gilmar Liberali pergunta ao seu pai e depois afirma: - “Então não desmatava totalmente? só tirava o pinheiro”<sup>319</sup>. Tal afirmação pode ser pensada como uma tentativa deste de entender a ação de seu pai.

Em seguida, Fernandes Liberali foi indagado sobre o processo que se seguiu à retirada dos pinheiros, se foi realizada alguma ação de reflorestamento nas terras que pertenciam a ele:

**Fernandes José Liberali:** Não. Foi destocado e feito lavoura, como no geral na nossa região era tudo pinhal. Tudo essas lavouras, essas que às vezes da *Industrial Madeireiras*, do Sarolli. Tudo essas madeireiras que tinha antigamente, hoje tudo lavoura, foi tudo tirado os pinheiros, depois ficou só

<sup>314</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>315</sup> PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos*. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 53-72, dez, 1996, p. 60.

<sup>316</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

<sup>317</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>318</sup> Dados consultados em: <<http://www.dicio.com.br/desperdicio/>>. Acesso em: 20/11/2014.

<sup>319</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

as madeiras, entrou aquele negócio para destocar a madeira, destocar a terra. Então foi com o trator de esteira, então entrava.

**Gilmar Liberali:** Aí removia toda a mata, até então só cortava só o pinheiro, o restante da mata ficava.

**Fernandes José Liberali:** É, depois então, mais adiante quando o pinheiro ficou pouco, daí ficou meio escassa a madeira aí entrou meio parelho, daí tudo que, o que dava uma certa grossura as madeiras de dava daí derrubava tudo; Era Cedro, era Canela, era Amarelinho, era Peroba, Cabreúva, tudo o que tivesse, era tudo feito tora.

**Gilmar Liberali:** Mas isso já na década de 70, já, é?

**Fernandes José Liberali:** É, eu comecei em 1972.

**Gilmar Liberali:** É, na década de 70, na verdade foi por causa da destoca<sup>320</sup>, tirava tudo daí vendia a madeira pra poder limpar a terra.

**Fernandes José Liberali:** É, nós fazia lenha com uma parte da madeira, fazia lenha de metro para caseiro para vender ou pros secador de cereais, fazia lenha de, [falha na gravação] para cereais. E daí nós vendia essa madeira aí, derrubava e cortava, mas já com motosserra, já em 1970. [...] então que tirava essa madeira, então a gente pagava quem tinha, os donos de trator de esteira, então entrava lá para arrancar, que tu arrancava tudo aqueles toco, limpava tudo, enleirava eles. Primeiro arrancava tudo essa madeira, os tocos que ficavam na terra, arrancava tudo eles, amontoava aquelas pontas de galhada de madeira que a gente derrubava e ficava só a parte mais grossa, que aquela parte mais fina, os galhos ficavam. Então depois que estava tudo ali no chão, que tinha destocado, arrancado os tocos, então eles enleiravam. Enleiravam de, no começo de qualquer jeito, depois, então, começou onde era [inaudível] de atravessado assim pra segurar água, para não dá tanta erosão e...

**Gilmar Liberali:** Meio em nível daí?

**Fernandes José Liberali:** Daí tinha às vezes, tinha às vezes vinha nivelando ela, pra quando chovia bastante a água chegava ali ela não escoria e não levava embora a terra, onde a gente preparava a terra, fazia aquela erosão. Então fazia aquelas leiras, depois a gente foi queimando, fazendo, desmanchando as leiras ali, desmanchamos tudo essas leiras.

**Gilmar Liberali:** Apodrecendo, foi apodrecendo esses restos de leira.

**Fernandes José Liberali:** Foi apodrecendo, queimando às vezes de duas fazia uma e foi limpando. A gente pegava o trator, o trator pegava o trator de novo e nós mexia, então de duas ou três fazia uma só, aqui no meio e colocavam fogo. Até acabar, que hoje não tem mais, hoje não tem, nem para fazer lenha para fogão nessas lavouras, essas leiras acabou tudo, foi tudo queimada.<sup>321</sup>

Liberali responde de forma negativa sobre ter realizado algum processo de reflorestamento e se justifica, comparando a sua ação com a de outros madeireiros de maior porte, que também atuaram na região. Novamente o seu filho o questiona sobre o processo de desmatamento. Liberali responde, que com a diminuição da árvore que tinha “mais saída”, o pinheiro (*Araucaria angustifolia*), passou a extrair outras espécies como o cedro (*Cedrela*

<sup>320</sup> Destocar: termo que significa arrancar os tocos que ficam em um terreno depois que se derrubaram as árvores. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/destocar/>>. Acesso em: 25/11/2014.

<sup>321</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

*fissilis*) e a canela (*Ocotea spp.* e *Nectandra spp.*)<sup>322</sup>, entre outras, já que diz: “daí derrubava tudo”<sup>323</sup>.

Gilmar Liberali argumenta que só na década de 1970, que no município é considerado o período que marca o fim do domínio das madeiras e o início do que chamou de “ciclo da soja”, que se tem o processo de “limpeza” da terra, o que significava retirar todo o restante da vegetação que havia permanecido. O entrevistado completou a fala de seu filho, ao dizer que a madeira que era retirada e vendida para ser usada como lenha nos secadores de cereais. Assim, além da terra ser “limpa” para seu futuro uso para agricultura, o restante da vegetação que fora retirada também servia para este fim, se tornando lenha para secar os grãos de soja. Pode-se inferir, a partir desse diálogo, que Gilmar procura, junto ao seu pai, construir um passado no qual o desmatamento total teria ocorrido associado à agricultura.

Liberali apresenta diversas tecnologias que contribuíram para que este processo ocorresse, talvez, de forma mais rápida, entre elas a motosserra e o trator de esteira. Enquanto a motosserra era (e ainda é) usada em um processo de derrubada das árvores de forma isolada o trator de esteira é usado normalmente para se derrubar grande quantidade de árvores de uma só vez. O entrevistado expõe outro uso do restante da vegetação, as chamadas “leiras” (restos das árvores, como os troncos e raízes amontoados) que foram usadas para produzir níveis de forma a conter a erosão da terra causada pela ação da chuva e que poderia danificar a plantação.

Apesar de em alguns casos as erosões ocorrerem de forma natural, é provável que aqui ocorressem pela retirada da cobertura vegetal do solo, já que a “água que antes era absorvida pelas raízes das árvores e plantas, passa a infiltrar no solo”, ocorrendo a perda de terra, pois a água das enxurradas da chuva transporta “a terra solta para os locais mais baixos do terreno, chegando ao fundo dos córregos, lagos, e rios”<sup>324</sup>. Assim, as partes das árvores que não tinham valor comercial, como os galhos, foram abandonadas no meio da floresta e depois utilizadas para conter a erosão da terra - uma das consequências do próprio desmatamento.

No término deste trecho da entrevista, o entrevistado descreve o que parece ser o fim de um processo, no qual o último resquício da vegetação existente em um terreno, as “leiras”, foram eliminadas. É expressiva uma queixa de Liberali: - “Até acabar, que hoje não tem mais, hoje não tem, nem para fazer lenha para fogão [...]”<sup>325</sup>.

<sup>322</sup> Disponível em: <[http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno\\_20.pdf](http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno_20.pdf)>. Acesso em: 25/11/2014.

<sup>323</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

<sup>324</sup> Disponível em: <<http://www.empaer.mt.gov.br/tecnologias/exibir.asp?cod=8>> e <<http://www.suapesquisa.com/geografia/erosao.htm>>. Acesso em: 26/11/2014.

<sup>325</sup> Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali. op. cit., s/p.

Apesar de não haver descrição do processo de ação das madeireiras como agente majoritário do desmatamento na região de Cascavel, são afirmadas questões que denotam mudanças, como no trecho acima, sobre a ausência de algo que não se pode ter mais. No entanto, na percepção apresentada o meio natural é compreendido pelo seu valor utilitário.

A próxima entrevista analisada é de Paulino Denardi. No trecho a seguir o entrevistado foi questionado sobre o funcionamento do guincho:

**Paulino Denardi:** O guincho é pra recolher as toras de dentro da serraria, era com um cabo de aço, tinha cinquenta metros de cabo de aço e daí o guincho recolhia a madeira dentro da serraria, para nós serrar. Para serrar ela, porque era tora! Tora grande! Que você não tem noção das toras! Se aparecesse, mas era tora de 1 metro de grossura, de 5,5 metros de comprimento! Era um monte, era uma coisa! Tem um binóculo que tem as tábuas serrando, aquilo até seria bom até pra você ver, era um binoculozinho, aquilo lá custava até pra mandar revelar, aquilo, pra você ter noção do que era uma serraria! Mas eu vou ver se eu acho aquilo lá, você me deixa o telefone. Passando o tempo ele tem que devolver, que nem você tá fazendo uma coisa boa, que é isso aí, só que, meus filhos, mais ou menos você sabe que nasceram tudo aqui, a mulher. Daí o Sarolli tinha me dado a fábrica de fazer carvão, eu fazia carvão, a mulher e a piaçada fazia carvão, pra mim ganhar um extra, que aonde que eu endireitei a minha vida foi isso aí! Hoje a gente tem alguma coisa porque eles ajudaram, a firma ajudou muito eu, e gostam até hoje de eu, se um dia for lá no escritório da firma, a firma, tão pronto, até esses dias precisei de uma cozinha fizeram até a preço de custo pra mim, eles gostam muito, muito de mim. Quando eles precisam de um funcionário lá pra fazenda deles eles me ligam aqui: -“Paulinho me arruma uma pessoa boa para...” até tem uns Barraba, que estão até hoje lá. O Mineiro veio domingo passado aqui, que saiu daqui comigo e tá na firma até hoje, porque, ele tá na firma, porque era funcionário meu, funcionário do Paulinho, eles não mandam embora, porque: -“O que que vamos fazer com o Mineiro?” -“O que vamos fazer com o Mineiro, pai?”- “Não, o Mineiro vamos deixar, era funcionário do Paulinho”. Então a gente se orgulha, porque eles reconheceram, quando saímos daí eles disseram: -“Não, vamos te dar 13 alqueires de terra, porque você ajudou nós crescer”. Sempre pobre e eles eram pobre também, cresceram, a *Sarolli* cresceu.<sup>326</sup>

Após falar sobre o uso do guincho, Denardi argumenta sobre como eram expressivos os tamanhos das toras das árvores serradas e afirma que a única forma de poder demonstrar isso seria através de uma fotografia que possui em um monóculo, o qual ele não tinha no momento da realização da entrevista. Tais palavras nos lembram das “fotografias de antanho”<sup>327</sup>, como escreve Olga Rodrigues de Moraes von Simson: estas “exercem função importantíssima na transmissão para as gerações mais jovens de informações sobre o passado

<sup>326</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi a Daniele Brocardo. Distrito do Rio do Salto - Cascavel/PR; residência de Paulino Denardi em 04 de dezembro de 2011.

<sup>327</sup> SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, E. *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 23.

familiar”<sup>328</sup>, neste caso sobre o passado de um local. Logo, é através da fotografia que Denardi esperava demonstrar como era aquele período e como eram as árvores.

A fotografia também tem outra função: dar à narrativa “uma segurança muito maior aos processos de rememoração”<sup>329</sup>. Assim, é possível que se Denardi tivesse a fotografia no momento da realização da entrevista não teria a necessidade de frisar tantas vezes quão grande era o tamanho de uma tora de árvore.

Na continuação da narrativa o entrevistado parece refletir sobre o tempo, o passado, o momento da realização da fotografia, e o presente, quando estava sendo entrevistado. Denardi constrói um sentido sobre sua vida junto às madeiras, sobre a importância desta para sua vida e de seus familiares e demonstra ter uma dívida de gratidão para com a empresa. Há o entendimento, também, de que a empresa o valoriza mesmo depois de não trabalhar mais para ela. Sua esposa e filhos trabalharam na produção de carvão vegetal<sup>330</sup>, e foi através dessa atividade que, segundo o entrevistado, teria melhorado sua condição de vida. Na sequência Denardi descreve outra fotografia:

**Paulino Denardi:** Essa aqui era feita dessa minha casa aqui, pro lado de baixo, que eu tinha esse [incompreensível] passou por aqui a minha casa que era, essa aqui vem a ser, tu vê quanta diferença que tinha, que tinha madeira, essa aqui é tudo assim, era um monte! Um monte de madeira que você nem queira saber! A minha casa é essa aqui, aqui onde que aparece ali, a área ali. Tinha uma área pro lado de cá da casa, aqui, os piás, esses aqui. [pergunta para sua esposa] Quem que é mãe? O Marcos, a Rosana, em cima de calção preto? Ah, o tico, Vando e a Andréia, e o cabrito. Esse cabrito aqui, ele pesava acho que uns 35, 40 quilos de carne! Eu não quis nem ver a hora que mataram ele, era muito bonito. Ele andava por tudo no meio dos piás, andava direto, lá na serraria. Esse *Fiat* aqui eu só corria no mato, que era uma caçambinha aqueles 147 naquele tempo, que a *Sarolli* me deu e esse *Corcel 1* aqui é um *Corcel* preto bonito de vê. Primeiro carro que eu tive, o primeiro foi um *golzinho* [engana-se], um *fusca* que a *Sarolli* me deu um *fusca* de presente no tempo, um *fuscazinho* daqueles quadradinhos, nem foto daquilo não tem. [seus familiares lhe lembram que quem lhe deu o cabrito foi um senhor chamado Emílio] É, foi o velho Emílio Favoro, é que eu ia medir madeira lá em Catanduvás no mato de Emílio Favoro, ia medir lá em Corbélia, Santa Rosa a madeira trazia toda aqui, madeira de pinheiro comprava o mato e ia, tinha que ir medir lá e trazia aqui, ia medir na Jangada também pinheiro, também lá no São Roque no Frison, então vinha tudo pro Rio do Salto.<sup>331</sup>

<sup>328</sup> Id. Ibid., p. 23.

<sup>329</sup> Id. Ibid., p. 25.

<sup>330</sup> Pode-se pensar esta ação como mais uma de atuação da indústria madeireira.

<sup>331</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.



FIGURA 15. Cópia da fotografia da família de Denardi e um cabrito.

Fonte: Acervo pessoal de Paulino Denardi.

Denardi utiliza uma fotografia que acaba por “orientar a reconstrução e veiculação”<sup>332</sup> de sua memória. A partir disto são apresentadas várias relações constituídas pelo interlocutor. A primeira é de admiração. Ao observar a fotografia e compará-la ao momento da entrevista, Denardi marca a diferença entre os tempos, exclamando a quantidade de madeira que existia.

O segundo aspecto que pode ser objeto de reflexão é a relação humanos/animais. Neste caso, um animal doméstico, mas que comumente não é tido como um animal de companhia para o homem. Sendo assim, mesmo tendo esta função para a família do entrevistado, o cabrito foi vendido para o abate, embora Denardi tenha demonstrado não ter se sentido bem com isso.

Keith Thomas, ao escrever sobre os ideais do domínio humano sobre os outros seres, observa que se acreditava que “todo animal estava, pois, destinado a servir algum propósito humano, se não prático, pelo menos moral ou estético”<sup>333</sup>. Neste caso, o propósito parece ser de servir como alimento. A terceira relação percebida é o sentimento de gratidão de Denardi

<sup>332</sup> SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. op. cit., p. 22.

<sup>333</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 24.

com a empresa madeireira *Sarolli*, recordando que ela lhe possibilitou ter o primeiro automóvel<sup>334</sup>.

Na próxima parte da entrevista Denardi é questionado sobre os destinos de venda das madeiras que não eram de pinheiro, já que a madeira desta árvore, como já mencionado, era quase em sua totalidade destinada para a Argentina:

**Paulino Denardi:** Ah, essa madeira curta, vendia pra móveis aqui, ia pra Brasília, ia pra Rio de Janeiro, São Paulo, mas toda parte, eles vendiam, todo mundo vinha pegar aqui carretas e carretas de madeira. Nossa! Vinha um caminhão de São Paulo aquele era direto pegar madeira de lei, que daí, nós tinha que serrar a madeira mole, era separado madeira de lei, ela tinha 2, 3 tipos: a canela, pessegueiro, marmeleiro, timburi, era como madeira mole. E daí o angico, cabriúva, peroba, ipê, ipê tinha pouco aqui, amarelinho, tinha mais o que? Tudo madeira dura, daquela nós estocava, cedro não, cedro nós serrava, é, cedro nós serramos muito cedro porque o cedro era de valor. Canafistula, peroba, tora de peroba, tem uma ali dá pra mostrar, tem uma de cabriúva ali também. Hoje tem árvore ali no meio do mato onde é a minha terra, até esses dias falei pro operador da máquina, me desenterrar uns angicos, que angico não apodrece, tá ali a par da estrada, onde que vai pra baixo, tem duas estradas, uma que sobe assim. Tem madeira enterrada ali, de tanto tempo que ficou no meio do mato, que daí vencia o contrato nós era obrigado a tirar, entende? Nós chegava, aqui pra cima de minha terra tinha uns 4 alqueires, 5, que era cheio de madeira, tinha 10 mil cúbicos de madeira estocada, daí nós comprava era tudo da colônia, eles tinham os caminhãozinho deles, os colonos tudo, nós comprava, daí eu ia media, pagava eles e deixava estocada. Madeira mole, só coisa boa também, se era muito fina não queria. Se trazer aquela fotos de Aripuanã [referindo-se a uma cidade do Mato Grosso do Sul], mais ou menos, você tem uma noção o que era tora, traz aquela fotos lá.<sup>335</sup>

É notável o amplo conhecimento que Denardi demonstra sobre a paisagem. Ele explica para quais locais e fins de fabricação eram destinados cada uma das espécies de árvore, de acordo com a classificação que a madeira recebia. O entrevistado pareceu perceber as árvores que formavam a paisagem principalmente pelo seu valor utilitário, mesmo atribuindo a cada árvore seu nome comum, ele ressalta quais eram as funções delas para a indústria madeireira.

O entrevistado observou que até o momento da entrevista existia madeira de angico (*Parapiptadenia rigida*) e de outras árvores enterradas em sua propriedade onde antes funcionava a serraria de Liberali e posteriormente da *Sarolli*. Parece justificar o fato dizendo

<sup>334</sup> Outro detalhe que este trecho traz sobre a ação das madeireiras é que a extração das árvores poderia atingir vários municípios ao mesmo tempo. O entrevistado lembrou que ia marcar as árvores para serem derrubadas em vários locais, como Corbélia/PR e Catanduvas/PR, e depois elas eram levadas para a serraria que funcionava no distrito de Rio do Salto/Cascavel.

<sup>335</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.

que as árvores tinham que ser retiradas e cortadas rápido, devido ao vencimento dos contratos com os donos da propriedade de terra. A fala de Denardi sobre a ação das madeireiras remete à análise de Lavallo, para quem, por vezes, a extração de madeira era maior que a possibilidade de venda<sup>336</sup>. As árvores eram derrubadas mesmo que depois ficassem abandonadas a ponto de serem enterradas pela ação do tempo.

Outro elemento percebido é a relação entre os agricultores e os madeireiros. A madeira comprada pela serraria era vendida pelos “colonos” e eles eram também responsáveis pelo transporte destas árvores até a madeireira. Isso demonstra que os agricultores tinham interesse na extração da vegetação que cobria sua propriedade e impedia o plantio. Portanto, pode-se concluir que o desmatamento da região ocorreu em um sistema de associação entre os agricultores e os madeireiros. No trecho a seguir Denardi é indagado sobre a existência de grande quantidade de árvores denominadas Canela:

**Paulino Denardi:** Canela tinha bastante, canela, marmeleiro, que vem ser mesma, nós considerava assim: pessegueiro, marmeleiro, rabo-de-bugio, canela, o que mais [...], timburi, tudo como madeira mole, daí a peroba era a madeira melhor que tinha, peroba vinha a ser a madeira de lei, a melhor que tinha e nós tinha peroba, peroba dá uma casca grossa, não sei se sabe? A peroba dá uma cascona grossa. Quando foi feito, acho que vocês nem nascido não eram, o primeiro *Show Rural*<sup>337</sup> [evento provido pela empresa *Coopavel*], foi feito aqui perto do *Posto Sabiá* [referindo-se a um posto de combustível], ali que é hoje, era da antiga madeireira, aquilo lá hoje é do Carlos Sbaraini, vocês indo perto da *Vegrande* [empresa da *Mercedes-Benz*] pro lado de cima ali não tem uma firma grande ali? Ali foi, eu vendi toda a madeira de 15 centímetros e de 4 centímetros por 4 metros pra fazer as mangueiras pra cercar, aquele tempo, aonde que nós destruímos todas as perobas, aquele tempo e mais foi feito peroba pra fazer dormente de estrada de ferro, foi vendido muito dormente de estrada de ferro. Vendia, mas não pra aqui só ia pra fora, para São Paulo, Rio, no Paraná onde que precisava, eu sei que vendia de tudo o que era tipo de madeira. E essa madeira mole maior parte foi pra Ribeirão Preto pra fazer, fábrica de porta e janela, que

<sup>336</sup> LAVALLO, A. M. *A madeira na economia paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1981, p. 109.

<sup>337</sup> *Show Rural Coopavel* é um evento produzido pela *Coopavel* para divulgar novas tecnologias para a agricultura. Tal evento inclui-se em um processo que marca a agricultura em todo oeste do Paraná, nas décadas de 1970 a 1980, a modernização conservadora e o aparecimento de empresas agroindustriais. Esse processo teve consequências principalmente para as pequenas propriedades, por inviabilizar a continuidade de sua existência, já que elas não conseguiam concorrer com as propriedades de agricultura mecanizada, o que obrigou os pequenos proprietários a se afiliarem a estas empresas agroindustriais como forma de manterem sua sobrevivência dentro destes novos parâmetros. SCHREINER, Davi Felix. *Entre a exclusão e a utopia*. Um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. (região sudoeste/oeste do Paraná). São Paulo, 2002. 461 p. Tese - (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, p. 52. Durante a defesa da dissertação o professor Dr. Nilceu J. Deitos observou que o local ao qual o entrevistado fez referência se tratava provavelmente da primeira *Expovel - Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Cascavel/Internacional*, antes nomeada de *Expoeste*, e não do *Show Rural*. No entanto, ambos os eventos estão ligados à divulgação de novas tecnologias para a agricultura, as diferenças estão no fato da *Expovel* ser um evento ligado mais à agropecuária e nos últimos anos ter perdido espaço para este outro evento, se acentuando mais como um evento de lazer para o restante da população.

antigamente, não tinha esse negócio de porta de compensado, era tudo porta trabalhada, na madeira de lei, que nem essa aí de cedro no caso [apontando para a porta de sua residência], então a madeira de lei se vendia, porque o cedro era pra móveis, por que móveis era famoso naquele tempo o cedro, era a melhor madeira, é que nem o mogno hoje no Mato Grosso, que não existe mais também, não sei se você escutou uma reportagem hoje de manhã, quem planta mogno africano, não sei em quantos anos aquilo, ele com 30 alqueires acho que era, 30 alqueires não sei quantos milhões ele ganha, 14, 15 milhões, bilhões, [conversando com seu irmão], dez anos, não sei, só sei que é [...]. Hoje não tem mais isso aí!<sup>338</sup>

Denardi apresenta os valores e os significados que percebe na paisagem. Atribui vários usos para cada espécie de árvore, cada uma delas teria uma utilização e um destino diferentes para a indústria madeireira. Além disto, o tom de sua fala sugere um sentimento de perda, que pode ser entendido não somente como uma perda do meio natural, mas também como uma perda econômica<sup>339</sup>.

Ao indicar o destino da madeira, o entrevistado deixa transparecer outra percepção: “hoje não tem mais isso aí!”. Esta fala pode indicar nostalgia, mas, também, a percepção sobre a mudança que ocorreu, segundo a qual, não há mais portas ou móveis fabricados com madeira de lei da região. Esta visão também se apresenta como uma percepção de perda no sentindo utilitário e não em relação aos impactos para o meio ambiente, uma vez que a narrativa retoma o tempo presente em relação a uma reportagem assistida naquele dia sobre o possível lucro com a plantação de Mogno Africano. Na sequência, ao ser questionado sobre sua percepção com relação ao aproveitamento das madeiras, Denardi responde que:

**Paulino Denardi:** Não, nós aproveitava o máximo, até nós comprava até aproveitamento da *Industrial Madeireira* aqui, ponta de pinheiro, foi aproveitado tudo. Então nós não devastemos o mato, nós deixamos o mato de pé, só tiramos a madeira nobre, no caso que era pinheiro, madeira grossa, o resto ficava tudo, daí transformou em lavoura tudo, isso aí o que foi aproveitado no caso, a firma tá rica que é a *Sarolli*, a *Sarolli* tá rica porque aproveitou bem.

**Entrevistadora:** A *Industrial Madeireira* vendia para vocês, como que era?

**Paulino Denardi:** A *Industrial Madeireira* é o seguinte, que tinha uns funcionários que eram antigos na madeireira e a madeireira era muito grande, às vezes ela vendia 20, 30 pinheiros dos mais bonito do meio do mato, vendia pra *Sarolli*, nós comprava. Ponta de pinheiro que eles não tirava, que a madeireira [inaudível], madeira de nó eles não tiravam só tiravam madeira boa e daí aquela ponta de pinheiro, aqueles pinheirão que tem aí no Lago ali [referindo-se ao lago municipal de Cascavel], você vê aqueles pinheirão grosso, lá em cima você pode ver que tem nó de pinho, nó de pinho vem a ser aquilo ali ó, [aponta para alguns nó de pinho que tem em

<sup>338</sup> Entrevista concedida por Paulino Denardi. op. cit., s/p.

<sup>339</sup> Id. Ibid., s/p.

sua casa], nó de pinho, depois apodrece, transforma. Isso aí não apodrece nunca e o nó de pinho na madeira ficava [procura mostrar o que é um nó de pinho], [...] você vê aquelas pinta preta em cima lá?

**Entrevistadora:** Lá em cima?

**Paulino Denardi:** É, é naquelas [inaudível], aquilo é nó de pinho, daí nós comprava da madeireira, aquelas pontas ali que pra nós era lucro, vendia pra fazer caixão de defunto bastante, aquela madeirinha do nó de pinho, bastante caixão de defunto, vendia pra fábrica de móveis, porque caixaria vendia muita lenha, muita lenha era pra caixaria pra construir, que a madeira pra construir caixaria se usa uma vez e joga fora, naquele tempo usava aquilo e jogava fora, então vem a ser isso aí a madeira de pinheiro, era bem aproveitada. No tempo do Liberali, no tempo do Sarolli também, quando começou Brasília foi muita madeira pra Brasília, lá naqueles banhados lá deve ter madeira até hoje, que lá em Brasília essas madeiras de nó, então nós tirava dessa grossura [demonstra com as mãos], 8 centímetros de grossura, quase a grossura disso aqui [mostrou um objeto para comparação], 8 centímetros, 8 centímetros vem a ser isso aqui mais ou menos, por trinta centímetros de largura e 5 metros e meio de comprimento, ia pra Brasília pra quê? Que aquela aguentava pra fazer, naqueles banhados, diz que tem muito banhado em Brasília não conheço lá [...] então eles colocavam aquela madeira embaixo pra soltar o concreto em cima, pra construir aqueles prédios. Então é a tal coisa que ia tudo [...] então era bem aproveitada a madeira aí, tudo, tudo.<sup>340</sup>

Denardi fala a favor de uma ação consciente por parte das madeireiras em que trabalhou. Por mais que em outros trechos de sua entrevista tenha se referido às outras árvores que eram derrubadas, no presente trecho ele argumenta que somente os pinheiros eram derrubados e o restante da vegetação era extraído apenas a partir da ação da agricultura. Ele descreve a ação da *Sarolli* na compra de madeira da *Industrial Madeireira*. Esta empresa realizava um trabalho de aproveitamento de uma parte da árvore que iria para o lixo e o destinava para diversas funções, uma delas é sempre ressaltada: a construção de Brasília, a capital federal brasileira.

Um aspecto que chamou nossa atenção durante a entrevista foi a interpretação de Denardi acerca da responsabilidade sobre as mudanças na paisagem da região. Para ele, tais mudanças não devem ser atribuídas às indústrias madeireiras, pelo menos não para aquelas em que trabalhou. Sua narrativa constrói, assim, uma imagem nostálgica acerca da ação das madeireiras, que pode ser percebida pelo fato de possuir vários objetos utilizados nessas empresas, cujas imagens seguem abaixo:

---

<sup>340</sup> Id. Ibid., s/p.



FIGURA 16. Fotografias tiradas na propriedade de Denardi.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A terceira entrevista foi realizada com Amador Franceis e sua esposa Oneide F. Franceis. Durante a entrevista o casal dialogou, como no momento em que Amador complementa a fala da esposa sobre as funções exercidas no setor:

**Oneide:** Depois com o tempo ele arrumou a nossa madeireira e a gente foi trabalhando nesse ramo.

**Amador Franceis:** Mas, trabalhar como funcionário! Como empregado. Serraria naquele tempo só havia serraria de beneficiamento da própria madeira serrada, 99% era pinho, pinheiro, do qual hoje não existe quase mais nada.<sup>341</sup>

A porcentagem de madeira de pinheiro serrada era maior quando comparada com outras árvores, o que possibilita entender a conclusão do entrevistado sobre a não existência desta árvore hoje. É certo que ainda existem exemplares desta espécie, no entanto, Amador talvez fizesse referência a isso de forma geral, comparando o que existia em número e tamanho no passado com o que observa no presente. Oneide lembra seu esposo sobre sua ação no plantio de *Pinus*:

<sup>341</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência dos entrevistados em 07 de junho de 2013.

**Oneide:** E você foi um dos primeiros a começar serrar *Pinus elliotti* e acabou com a temporada dos *Pinus* também.

**Amador Franceis:** É. Isso tudo com madeira de pinheiro, aí foi em 1985, por aí, começou fraquejar o pinheiro, fraquejar, acabar, acabar [...]. E eu iniciei o corte, raleamento dos *Pinus* plantados, *Pinus elliottii*, *Pinus taeda* e mesmo algum pinheiro, mas de reflorestamento. Toda a madeira de reflorestamento! Plantada pelo próprio homem, que devia ter plantado, hoje nós devia de ter aí, pinheiro de 50, 60 anos e não temos. Por lei, já era já pra ter, mas a turma facilitava, dava um jeito e não plantava. E eu comecei em [19]85, [19]86, [19]88 a fazer esse desbaste que o *Pinus*, tanto o *Pinus* como o pinheiro próprio, plantava num espaçamento de dois em dois metros, dois pra lá e dois pra cá. Depois de 7, 8, 10 anos, 12, 15, a maioria começava depois dos 10 anos a fazer o raleamento para poder, ele engrossa, que assim ele junto só a tendência é subir. Aí não davam valor nenhum! Eu ia para São Paulo, eu enxergava aquelas serrariazinhas pequenas na beira da estrada, porque lá já existia isso, principalmente por aquela BR de Curitiba a São Paulo. Eu vi: -“Mas olha lá eles já estão serrando”, lá já existia, eu vim aqui e copiei e nós mesmo fizemos uma serraria ali na, numa serraria que tinha eu com o meu irmão e começamos ganhar de graça pra ralhar, pra fazer esse desbaste nos pinheiros.<sup>342</sup>

Amador, junto a sua esposa, informa que foi um dos primeiros a fazer o reflorestamento com *Pinus*, espécies de pinheiros originários da América do Norte, a partir da década de 1980, motivado pela diminuição da espécie nativa. Tal atitude teria sido motivada pela sua percepção, a partir das viagens que realizava para outras partes do país. Assim, Amador afirma ter percebido que o mercado da madeira teria que se modificar, quando comparava Cascavel com lugares mais antigos, como São Paulo<sup>343</sup> ou Curitiba.

Sobre o reflorestamento o entrevistado afirma: - “plantada pelo próprio homem”. Tal frase sugere que ele vê esta atividade como algo positivo e que a distingue do que foi explorado antes pelas madeireiras. Também parece perceber que ocorreu uma perda quando não houve o cumprimento da lei<sup>344</sup>, que já exigia o reflorestamento na época. Amador segue descrevendo sua ação no reflorestamento:

<sup>342</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>343</sup> Segundo Carvalho “As espécies do gênero *Pinus*, como *Pinus elliotti* (a mais usada) e *Pinus taeda*, já vinham sendo testadas com sucesso em estações experimentais paulistas pelo menos desde a década de 1950”. CARVALHO, Miguel M. X. de. *O desmatamento das florestas de araucária e o Médio vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Florianópolis, 2006, 202 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, p. 74.

<sup>344</sup> O código florestal brasileiro, em 1965, sofreu alterações, por meio da Lei Federal 4.771, passando a exigir o reflorestamento das áreas devastadas pelos consumidores de matéria-prima florestal. Obrigava-os a reflorestar o equivalente ao que foi consumido. Consultado em: <<http://www.educacao.cc/ambiental/reflorestamento-obrigatorio-legislacao-e-aplicacao>> e <<http://meioambiente.culturamix.com/gestao-ambiental/reflorestamento-obrigatorio-lei-federal>>. Acesso em: 20/03/2015.

**Amador Franceis:** O *Pinus* e o pinheiro também. O pinheiro araucária, [...]. Depois de 10 anos de plantado, 10, 11, 12, 13, fazia-se o raleamento, tirava uma fila sim e a outra não, mas não devia ser assim, eu fiz assim uns anos, mas é errado, tem que tirar, fazer o desbaste ao acaso, onde via que era mais fraco, onde tinha muita [...]. Nós ia, tirava uma sim e uma não, [...], tudo errado, depois de alguns anos veio os fiscais do IBDF [*Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal*], do *Instituto Nacional do Pinho* na ocasião. Aí então nós deixava, tirava uma e deixava duas, tirava outra e deixava mais duas, cada três carreiras tirava uma e o certo seria depois os mais feinhos, mas nós não fazia, passava direto fazia bastante ralo aquele lá, não existia fiscalização, não tinha um engenheiro florestal, na época não tinha, quem fazia tá vivo até ainda, o seu [...] [tentar lembrar o nome]. Assim, eu fui serrando essa madeira, madeira fina com um diâmetro de 15, 20, 25, nessa época já era do pinheiro, do pinheiro araucária [...], daí eu serrei até 1988. Que eu consorciava com outras madeiras também, que ainda existia algumas serrarias. Então eu comprava, quando eu podia, porque era muito competitivo, era muito caro e a procura era grande e eu um pouco fraco, não tinha assim uma instabilidade grande. Mas por minha conta com empresa minha de madeira, comecei registrado em 1969, com madeireira aqui tudo, trabalhando no aproveitamento daquelas madeiras que não existia um comércio tão bom. Nós fazíamos pré-cortado, mais ou menos, a gente tinha as medidas de como fazia uma cadeira, fazia um sofá de dois lugares, sofá de três, um guarda roupa de um metro e oitenta, de duas portas, de três portas. Então nós pegávamos a madeira e deixava mais ou menos no tamanho ideal pra aquilo, e aplainava as quatro faces dessa madeira estreita, chamava-se “ripa” [...]. Aí eu já tinha, em [19]70 eu já tinha um caminhão, [19]71 dois, [19]73 quatro e foi indo assim até que eu tinha meia dúzia de caminhãozinho que ia pra Foz, caminhão de sete, oito mil quilos, sete, oito toneladas. Mas o ciclo da madeira de Cascavel, ele foi rápido pra terminar de pinheiro, por causa que, tinha a *Industrial Madeireira do Paraná Ltda.*, que eles tinham só eles umas dez, doze serrarias. Daí já na ocasião em 1961, [19]62, já tinha serra fita, porque existia um tipo de serra, “*Tissot*” chamava, serra de serrar grossa, serrava a madeira, a tora, ia entrando assim a serra e ia serrando assim [demonstra com as mãos]. Depois veio a serra fita, fita que serrava, enquanto eu serrava 500 dúzias a serra fita serrava 5 mil dúzias, então por isso que foi rápido pra depois acabar também o pinheiro, mas foi por causa da exportação [...]. Então essa *Industrial Madeireira* colocou fita praticamente automática, hoje tem outras bem mais automatizadas, então em 25, 30 anos foi toda a madeira. Quase toda de pinheiro! A araucária, depois então começaram catar as outras espécies que pouco tinha também, a peroba, o cedro, a guajuvira, o ipê, o amarelinho, o marfim, então tinha tudo essas madeira de folha como se chamava, madeira branca, que o pinheiro araucária era o pinheiro, pinheiro, pinheiro, não se sabia outro nome, e as outras tinham vários nomes,[...]. O pinheiro fino, grosso, o baixinho, o meio diferente era sempre pinheiro, foram serrando assim.<sup>345</sup>

Amador construiu sua narrativa a partir dos diferentes processos que marcaram a atuação das madeireiras em Cascavel. Sobre o reflorestamento, ainda, argumentou que devido à falta de instruções apropriadas, eliminava árvores que poderiam ser utilizadas. As instruções que recebia não eram de um especialista, como de um engenheiro florestal, o que prejudicava

<sup>345</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

a qualidade do que seria cortado. Tais instruções eram realizadas por fiscais do *Instituto Nacional do Pinho* [INP], órgão que foi fundado na década de 1940 com o objetivo de proteger os interesses dos madeireiros, para tanto era responsável por controlar as “condições de produção, transporte e comercialização da madeira”<sup>346</sup>. Para Miguel M. X. de Carvalho, a criação de tal instituto simbolizou “a ascensão econômica e política definitiva da classe madeireira sulina junto ao governo federal”<sup>347</sup>. Segundo Lavallo, a criação do INP trouxe algumas modificações no que tange ao transporte da madeira. No entanto, o órgão “não teve uma atuação positiva no controle e planejamento da produção” da madeira<sup>348</sup>. Assim, o instituto não conseguiu agradar nem mesmo os madeireiros<sup>349</sup>.

Diante disso, em 1967 foi criado por decreto de lei nº 289, o *Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal* - IBDF, vinculado ao *Ministério da Agricultura*, que tinha como objetivo substituir o *Instituto Nacional do Pinho* (INP)<sup>350</sup>. Segundo M. M. X. de Carvalho:

Juntamente com a criação do novo órgão, e reconhecendo as fracassadas tentativas de reflorestamento do INP com a *Araucaria angustifolia*, o governo militar de Castello Branco instituiu em 1966, bem ao modo dos governos militares, um generoso programa de incentivos fiscais aos reflorestamentos com espécies do gênero *Pinus*, principalmente.<sup>351</sup>

É provável que Amador tenha sido um dos beneficiados pelo incentivo fiscal de reflorestamento, já que foi um dos primeiros a plantar *Pinus* na região de Cascavel. Segundo Carvalho, o incentivo previa o “abatimento do imposto de renda das pessoas físicas e jurídicas que realizassem o reflorestamento”, até mesmo com “árvores frutíferas exóticas”<sup>352</sup>. Carvalho escreve, ainda, quais foram as consequências do incentivo ao “reflorestamento” de *pinus* em áreas que eram originalmente cobertas pela floresta com araucária. Para ele, o que se formou na “verdade foram monoculturas de árvore”<sup>353</sup>, apesar do plantio do *pinus* parecer ser útil para suprir a necessidade de demanda da madeira, não se sabe certo quais são os impactos para os recursos hídricos, na fauna e flora dos ecossistemas nativos causados por este cultivo<sup>354</sup>. Além disso:

<sup>346</sup> LAVALLO, A. M. op. cit., p. 78.

<sup>347</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. op. cit., p. 161.

<sup>348</sup> LAVALLO, A. M. op. cit., p. 78.

<sup>349</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. op. cit., p. 80.

<sup>350</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0289.htm)>. Acesso em: 20/03/2015.

<sup>351</sup> CARVALHO, Miguel M. X. de. op. cit., p. 73-74.

<sup>352</sup> Id. Ibid., p. 74.

<sup>353</sup> Id. Ibid., p. 74.

<sup>354</sup> Id. Ibid., p. 74.

[...] como qualquer planta comercial, a exemplo da soja, o avanço dos “reflorestamentos” de pinus representa uma ameaça a integridade dos remanescentes da floresta de araucária, assim como da possibilidade das áreas devastadas serem regeneradas pelo processo natural da sucessão ecológica. Os bosques de pinus, mesmo aqueles que hoje em dia crescem quase ao acaso na beira das estradas, impedem a regeneração natural da mata nativa, pois a luz não chega ao solo e a espessa camada de suas folhas secas no chão dificulta muito a germinação e crescimento de qualquer árvore ou arbusto. Também existe a questão dos “reflorestamentos” de pinus estarem ocupando áreas valiosas que poderiam estar sendo utilizadas para a produção de alimentos, para a reforma agrária, ou para o próprio repovoamento da araucária.<sup>355</sup>

Amador narrou como conseguiu, no ano de 1969, constituir sua própria empresa madeireira. Descreveu que atuava produzindo móveis a partir das madeiras que não tinham uma comercialização “tão boa”. No entanto, afirmou que com o tempo adquiriu caminhos que levavam madeira para Foz do Iguaçu, o que indica que também atuou vendendo madeira para exportação.

Para o entrevistado, o fato da exploração madeireira ter ocorrido de forma intensa em Cascavel deve-se à ação das grandes madeireiras, pois estas empresas possuíam mais tecnologia e unidades de serrarias. O entrevistado também descreve quais foram as espécies usadas pelas madeireiras, como elas eram nomeadas e classificadas. Observou que a única espécie que não recebia nenhuma outra nomeação que pudesse classificá-la junto às outras árvores era o pinheiro, provavelmente pelo valor que tinha para esta indústria. Assim, tal árvore adquire um significado distinto, não pela representação que tem de um valor simbólico para o estado do Paraná<sup>356</sup>, mas por causa de seu valor econômico para indústria madeireira.

Amador Franceis foi questionado sobre se as árvores menores que não tinham serventia para as madeireiras eram também derrubadas:

---

<sup>355</sup> Id. Ibid., p. 75. No Estado do Paraná, próximo ao município de Cascavel, no município de Quedas do Iguaçu, há dois casos de plantio de pinus. O primeiro é o reflorestamento realizado na *Usina Hidrelétrica de Salto Osório*, com *Pinus* substituindo a Floresta Ombrófila Mista. O segundo caso é o da fazenda da Araupel, grupo de madeireiros que trabalha com reflorestamento *Pinus taeda* e *Eucalyptus grandis*, que teve uma de suas propriedades ocupada pelo *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra* (MST) no mês de setembro de 2014, com a alegação de que as terras são produtivas e deveriam ser usadas para agricultura na produção de alimento. Somam-se a isto as suspeitas de irregularidade na forma com que empresa conseguia o direito de propriedade das terras. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/245960-8>>. Acesso em: 09/12/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/07/familias-de-sem-terra-fazem-nova-ocupacao-de-terras-da-araupel-no-pr.html>>. Acesso em: 05/08/2015.

<sup>356</sup> Já no início do século XIX, a partir do movimento paranaense, o pinheiro-do-paraná era idealizado como um símbolo da identidade que se queria construir para o estado do Paraná. Fonte: <<http://www.jornaldecolombo.com.br/index.php/opiniaio/item/3626-o-paranismo>>. Acesso em: 24/03/2015.

**Amador Franceis:** Não, derrubava também, mas a maioria deixava pra trás porque não compensava, dava só trabalho. Hoje “Deus o livre”, pega com as quatro mãos, mas naquele tempo, pinheirão assim [demonstra com as mãos] rendia mais, se você vai pegar um fino assim é [...].<sup>357</sup>

O entrevistado expressa a diferença entre o tempo que passou e o atual, quando atuava nas madeireiras e o tempo presente. Tal diferença corre a partir da dimensão das árvores de pinheiros que teriam utilidade para as madeireiras em cada época.

No próximo trecho da entrevista a pergunta foi dirigida à Oneide, com objetivo de saber se depois de casada havia trabalhado junto ao seu marido na empresa que ele adquiriu:

**Oneide:** É, nós casamos em [19]62 e mudamos em [19]63 pra cidade, mas o nosso comércio e serraria era aqui na cidade, serraria era aqui no São Cristóvão [bairro de Cascavel] com o beneficiamento de madeira, depois fábrica de móveis, que daí foi crescendo, mas era aqui dentro da cidade, ali mesmo no São Cristóvão, naquela época não tinha casa, não tinha nada. Era tudo serraria, daqui até lá no terminal, lá tinha sete, oito serrarias naquela época.

**Amador Franceis:** Era mato, tinha pinheiro. Aqui era pinheiro, era tudo pinheiro aqui na Avenida Brasil, cheio de pinheiro.

**Oneide:** Tinha pinheiro na frente da minha casa tinha um pinhal, só.<sup>358</sup>

Para os entrevistados, a paisagem composta tanto pelas serrarias como pelos pinheiros parece se confundir ou se justificar. Ambos caracterizam tal paisagem a partir da ausência – “não tinha casa, não tinha nada” –, o que é feito a partir da comparação entre o presente, quando o local é constituído por um bairro na região central do município, onde no passado havia floresta com pinheiros.

O uso do termo “mato” para caracterizar a paisagem implica também em pensar essa vegetação para além de seu valor como fonte de madeiras, como algo a ser superado, retirado. Para Ely Bergo de Carvalho e Eunice Sueli Nodari a floresta é lembrada pelos agricultores que entrevistaram no município de Engenheiro Beltrão/PR de várias formas, uma delas é a floresta como “nada”. Segundo tais autores, quando perguntaram “a um agricultor como era a região quando ele chegou, ele afirma: ‘não tinha nada ..., só mato’<sup>359</sup>. A fala de Oneide e Amador pareceu expressar percepção semelhante a esta:

<sup>357</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

<sup>358</sup> Id. Ibid., s/p.

<sup>359</sup> CARVALHO, Ely Bergo de; NODARI, Eunice Sueli. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007, p. 283.

A floresta é “mato” e “mato” é um “nada”. A floresta era o antônimo de “tudo” o que era conhecido para eles, era a não-estrada, a não-casa, a não-lavoura. A floresta era um obstáculo a ser superado, um “nada”, um marco zero a partir do qual se constrói a história da realização do sonho geral de se tornar ou manter-se proprietário rural – ou simplesmente de “ficar rico”.<sup>360</sup>

Faz-se plausível que por este motivo exista a necessidade das serrarias mecanismos para transformar aquilo que era percebido como o “nada” em algo “desenvolvido”. A paisagem que se compreendia como “pinhal só” deveria dar lugar ao urbano, com as estradas, as casas e os comércios.

Em seguida Amador foi questionado sobre o que fazia com as sobras das serrarias, ou seja, a madeira que não era utilizada pelo seu tamanho e com a serragem:

**Amador Franceis:** Fogo e pelo rio abaixo 99%, pegava: -“Vamos montar aonde?”, -“Vamos montar aqui, porque depois aquele rio lá, nós fizemos uma valeta aqui passa dentro da serraria e leva embora toda a sujeira.” Que pecado! Barbaridade, isso é uma coisa de louco. E eu não sei, eu olhava quando ia em Foz, depois que trabalhei na ponte, olhava lá se, se passava uma serragem, não se via serragem. Mas as serrarias, ou queimava, aquela que não tinha rio perto ou o rio era fraco não passava água, mas tem que montar ali, porque ali era bom, era perto da saída, perto da Estratégia, a BR-277 se mostra estratégica. Então ali perto é bom pra sair, senão tem morro, vou botar lá, tem aquele morro, -“Lá tem uma água boa, mas tem um morrão e quando chove não sai o caminhão”, então queimava, cada pouco colocava fogo naquelas serragens ou ficava por lá.

**Oneide:** Ficava dias queimando a serragem, dias e dias de fogo.

**Amador Franceis:** Ficava ano inteiro, anos e anos [rindo].

**Entrevistadora:** Aconteceu de pegar fogo, assim, em outras partes por causa dessa ...?

**Amador Franceis:** Serraria? Claro, pegava.

**Oneide:** Pegava, primeiro pegava nas madeiras, o vento às vezes levava fâisca assim.

**Amador Franceis:** Quando tava, quando tava quase pra terminar os pinhais, os pinheiros e o cara não conseguia acertar outros, então ele pegava, botava no seguro, daí quando faltava um pouquinho pra terminar os pinheiros, tacava fogo na serraria! Queimava tudo.<sup>361</sup>

As ações das madeireiras agora são interpretadas como desperdícios, já que o restante do material, como a serragem, poderia ser utilizada para outras finalidades. Podemos concluir que o desmatamento, além de ter sido intenso, nem sempre planejado, trouxe consequências muito graves para o meio ambiente<sup>362</sup>.

<sup>360</sup> Id. Ibid. p. 283.

<sup>361</sup> Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis. op. cit., s/p.

<sup>362</sup> O que ocorre hoje com o desmatamento na floresta Amazônica parece ser semelhante ao que Amador descreveu, já que 70% do que é cortado, segundo a reportagem da Folha de São Paulo, vira lixo e só 30% das árvores é aproveitada. Apesar de existirem estudos que apontam que o despejo de serragem nos rios pode ajudar

Amador parece dispor de uma opinião negativa sobre estas ações, o que é percebido nas afirmações empregadas em sua narrativa. Esta concepção deve ser observada como recente, pois sendo ele um agente também do desmatamento, provavelmente contribuía para tais ações.

Por fim, o entrevistado argumentou que muitas pessoas se aproveitavam do fogo nas serrarias para também incendiar a sua empresa e receber o seguro quando a madeira já estava escassa. Nesta última frase, assim como no restante da entrevista, o entrevistado pareceu ter uma visão crítica sobre a ação de alguns madeireiros. No entanto, mesmo com tal visão, a ação das madeireiras não é encarada como algo sempre negativo. Oneide apresenta uma concepção diferente do processo. Ao contrário de seu marido ela procura dar ênfase em seu relato aos elementos considerados positivos gerados pela a ação das madeireiras.

Na sequência está a análise da entrevista realizada com Jerônimo Rodrigues. A partir dos vários momentos de sua narrativa podemos pensar a relação humanos/meio natural:

**Entrevistador:** Quando o senhor trabalhava na serraria, também tiravam pinheiro?

**Jerônimo Rodrigues:** Tiravam! Naquela época tiravam, logo que eu entrei tiravam, depois aí uns 15 anos de serviço, aí parou, parou, porque bem dizer acabou, que a madeireira puxou muito aqui do lado de Aparecidinha [Boa Vista da Aparecida], ali tinha muito pinhal, nós ia, nós chegava ir no sábado para ir caçar, nós ia caçar, jogava os cachorros em cima do caminhão, as cobertas e as comida e nós ia lá e carregava aquelas cargonas de tora, 2, 3 caminhões, carregava de tora e tirava na estrada e nós ficava lá pra caçar de noite, passava e outro dia, domingo de tarde nós vinha embora. Mas tora, lá nós seremos tora, nós seremos tora lá, que uma tora dá uma carga de um caminhão, quatro homem, nós escolhemos os homens mais fortes, quatro homens não chegaram abraçar ela! Tiveram que fazer “três barrigas” [técnica usada para a derrubada do pinheiro] pra poder derrubar ela.<sup>363</sup>

Jerônimo Rodrigues lembra a quantidade de árvores de pinheiros que existiam por causa do ato de caçar, quase que estabelecendo uma relação entre eles. O entrevistado expressa o tamanho das árvores que existiam pela quantidade de homens que eram necessários para abraçá-la.

A relação estabelecida entre a caça e os pinheiros possibilita pensar algumas questões. Estudos recentes demonstram que a quantidade de animais silvestres existentes em uma área

---

a reduzir o número de lixos industriais, é provável que o despejo nos rios de grande quantidade de serragem pode ter ajudado no processo de erosão, na morte de peixes e de outros organismos, e as queimadas provavelmente contribuem para provocar a poluição do ar. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2008/09/20/serragem-ajuda-a-despoluir-rios/> e <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/824134-mais-de-70-do-desmatamento-amazonico-vira-lixo.shtml>. Acesso em: 29/12/2014.

<sup>363</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência da filha do entrevistado em 13 de setembro de 2013.

está relacionada diretamente à quantidade de pinheiros. A caça de alguns animais como as cutias (*Dasyprocta azarae*), por exemplo, tem ligação direta com a diminuição das árvores de pinheiro, já que tal espécie animal é um importante dispersor da semente desta árvore (o pinhão)<sup>364</sup>.

No próximo trecho Rodrigues foi questionado sobre onde era a localização geográfica de algumas serrarias:

**Jerônimo Rodrigues:** [...] teve aqui na estrada de Corbélia, numa certa altura aí que hoje é o São Francisco, conjunto São Francisco, então ali era puro mato quando tinha ali, tinha até tigre, eu andei correndo de tigre ali, que eu gostava de caçada então andei correndo de tigre. Tinha uma outra serraria aqui no, pra diante de São Salvador um pouco, ali perto do Rio do Salto, tinha mais uma ali, logo ali nos guardas já entrava, antes dos guardas pra você ir pra Curitiba, você entrava pra São Salvador aí você descia ali, acho que uns 10, 12 quilômetros, você entrava pra direita tinha uma serraria ali. E tinha a Central Santa Cruz aqui na saída pra Foz [do Iguaçu].

**Entrevistadora:** Tinha bastante bicho? O senhor falou que caçava, tinha bastante bicho?

**Jerônimo Rodrigues:** Tinha! Naquela época tinha bastante, aqui do lado, nós descia aqui pro lado do [rio] Tormenta aí, aí tinha que se cuidar, tinha bastante porco, pardo e onça, onça tinha bastante, só que a onça nós nunca demos um tiro numa onça, nunca, nunca. Nós ia atrás do pardo, que tinha bastante pardo, a onça matou muito cachorro nosso, descia na corrida e não voltava mais, ela matava.

**Entrevistadora:** Pardo o senhor falou?

**Jerônimo Rodrigues:** Pardo! O pardo é um cabrito, é um veado, é um veado, mas ele dá dessa altura assim [demonstra com gestos] e ele é bem azulento e no rabo, na ponta do rabo por baixo e branca, mas é lindo, o bicho mais lindo do mundo é o pardo, até a gente fazia a malvadeza.

**Entrevistadora:** O senhor, vocês comiam?

**Jerônimo Rodrigues:** Comia, só matava aquele que fosse pra comer, senão não, e tinha uma, quando começamos, que a firma começou trabalhar tirar tora dali, nós se reunimos os caçadores entre nós, nem com a firma não se tocou naquilo lá, nós se reunimos os caçador e falemos: -“Nós vamos lá, se nós carnear um se é grande, fica naquele, vamos almoçar lá, fazer uma festinha, tomar nossa cerveja e de tarde carregamos o caminhão e vamos embora, se for pequeno nós vamos tentar pegar outro, mas se for mais ou menos bom, deu pra almoçar chega”. Nós viemos aqui mais pra diversão, não pra, pra..., era o que nós fazia.<sup>365</sup>

Rodrigues descreve a fauna na região de Cascavel, “tigre”, “porco” e “pardo”, também falou de sua prática de caçar. Quando menciona “tigre” faz referência à onça-pintada (*Panthera onca*); em “porco” no queixada (*Tayassu pecari*) ou no cateto (*Pecari tajacu*); e em

<sup>364</sup> BROCARD, Carlos Rodrigo; GALETTI, Mauro. Defaunação na mata dos Pinhais e consequências para a regeneração de *Araucaria angustifolia*. In: 7º CBMz Congresso Brasileiro de Mastozoologia. *Caderno de Resumos*, Gramado/RS, 2014, p. 152-153.

<sup>365</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit., s/p.

“pardo” no veado-pardo (*Mazama americana*). Podemos estudar a fala de Rodrigues sobre o “pardo” como um pensamento recente, pois possivelmente, se na época, a caça fosse entendida como uma “malvadeza”, que pode significar perversidade ou crueldade,<sup>366</sup> não participaria da prática. Mesmo que após o questionamento Rodrigues tenha afirmando que caçava para comer, pode-se perceber ao final do trecho que a motivação para caça era também a “diversão”, como uma forma de lazer dos trabalhadores das madeireiras.

Na próxima parte da entrevista, Rodrigues é questionado sobre a existência de pinheiros em Cascavel. Ele responde de maneira entusiasmada:

**Jerônimo Rodrigues:** Tinha, nossa, rapaz! Aqui na *Industrial Madeireira* ali o cara que trabalhava de ajudante de motosserra, então ele jogava o machado daqui ali no portão [referindo-se ao portão da residência] e caía no pé do outro pinheiro, se eu te contar uma vez que nós viemos, eu e o meu concunhado e o meu irmão, nós viemos juntar pinhão, chegemos aqui na estrada que ia pra Corbélia, aquele mato que tinha ali, no que eu te falei da São Francisco, aquele conjunto, ali era puro pinheiro. Nós viemos ali, embaixo de um pinheiro enchemos, não enchemos, mas passou de meia bolsa de pinhão cada um de nós, que cada um junto de um pinheiro só, mas pinhão desse tamanho assim [demonstra com a mão], aqueles pinhão [inaudível] coisa mais linda do mundo. Mas dava pinhão ali, homem, meu Deus do céu! Ali vinha turma, você vê a turma que tinha de madeireiro era grande, que chegava sábado de manhã, que nós trabalhava só até sexta às 06:45, daí nós fazia limpeza, que ficava sábado e domingo de folga. Aí nós ia sábado, ia aquele bando de gente, parece até que tinha morrido alguém, aquela procissão assim, entrava naqueles matos subia assim, daqui a pouco era um atrás do outro com mais de mil sacos de pinhão nas costas, hoje onde é que foi? Ainda falam que foi os agricultores, os pequenos que acabaram com os pinheiros, os grandões, banco, banco é um dos começante porque se o banco não larga dinheiro pra destocar esses terrenos aí, tinha terra, tinha bicho até hoje, hoje falam, não dá pra matar uma sábia, se você matar um sábia com o teu estilingue vai preso, mas quem acabou com isso aí? Quem acabou com isso aí foi o grande, o produtor grande, aquele fazendeiro grande que destocou até na beira da água, acabou com os matos, os bichos não tinham pra onde ir, o tatu não tinha onde se esconder, os macacos não tinham pra onde ir, não tinham o que comer os macacos, porque que os macacos vivem avançando nas casas, porque não tem o que comer, porque o que aconteceu?<sup>367</sup>

Rodrigues apresenta sua compreensão sobre as mudanças na paisagem. Se no início a paisagem que descreve era composta por milhares de árvores de pinheiro, que possibilitavam procissões de homens à procura de suas sementes, isso se alterou quando começou o processo de destocar a terra (tirar o restante da vegetação, como as raízes). Os animais foram afetados no processo, perdendo seu habitat e sua alimentação.

<sup>366</sup> Consultado em: <<http://www.dicio.com.br/malvadeza/>>. Acesso em: 10/02/2015.

<sup>367</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit., s/p.

Rodrigues, do mesmo modo que um dos entrevistados do artigo de Lopes e Nodari, construiu seu “relato atentando para a magnificência da natureza em épocas passadas”, destacando um “passado vivido, um passado perdido; mas não perdido no tempo, [...]. Esse passado está perdido porque o meio ambiente se transformou, foi degradado”<sup>368</sup>.

Os responsáveis por essas mudanças, por não haver mais pinheiros ou tantos animais, para Rodrigues, não são as madeiras e nem os caçadores, mas sim os bancos, os agricultores com maior poder econômico e os governantes. Assim, o entrevistado segue seu relato:

**Jerônimo Rodrigues:** Vai lá, primeira coisa, vai atrás do presidente que desossou o dinheiro pra turma destocar pra comprar trator e tudo, o culpado foi eles, não foi os pequenos, porque o pequeno agricultor não tinha condição, como que ele ia roçar um mato aí, não tinha nem condição, então tinha, poderia ter os animais até hoje aí, paca, veado, cateto, mas quem, quem que acabou com isso aí? Foi a destoca. Porque ó, o que aconteceu? Destocaram pra tudo o que é canto, agora os bichos não tem pra onde ir, eles se fincam pro meio dos asfaltos pra morrer, porque os coitados não tem onde ir, e hoje a corda sempre arrebenta no lugar mais fraco mesmo, não adianta, a gente reclama porque o brasileiro, [inaudível] o brasileiro, ele ficou só pra reclamar, só pra reclamar ele tinha que reclamar uma coisa mais de sucesso [...]<sup>369</sup>

Rodrigues indica que se tratava de um processo atrelado às políticas governamentais para a agricultura, vinculadas à denominada modernização agrícola, ou revolução verde, levada a cabo, na região oeste do Paraná, a partir da década de 1960. De acordo com Davi Felix Schreiner:

O modelo agroquímico, também chamado “Plano da Revolução Verde”, que foi idealizado e patrocinado pelo grupo Rockefeller, com sede em Nova Iorque, contribuiu para a chamada modernização da agricultura em nosso País, a partir dos anos [19]60, momento de expansão das fronteiras agrícolas, e intensificada pelos sucessivos governos militares. Alguns fatores foram determinantes para o seu estabelecimento, com linha de crédito concedido sob exigências do uso de um pacote tecnológico completo e criação de instituição de pesquisa e extensão rural (Embrapa, Emater e centros regionais de pesquisa) com o intuito de fornecer tecnologia para o sistema de produção deste modelo. Sua expansão tem levado a uma degradação do meio ambiente e contribuiu para transformar os pequenos agricultores em bóias-frias, agravou os conflitos entre grileiros e posseiros, fazendeiros e índios, e concentrou ainda mais a propriedade da terra.<sup>370</sup>

<sup>368</sup> LOPES; NODARI. op. cit., p. 66.

<sup>369</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit., s/p.

<sup>370</sup> SCHREINER, Davi Felix. *Entre a Exclusão e a Utopia*: um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. São Paulo, 2002, 461 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, p. 276.

A “modernização da agricultura” aumentou, também, a degradação do meio natural, devido ao uso de agrotóxicos e o desmatamento de novas áreas para plantação, sobretudo de monoculturas, como soja e o milho.

Rodrigues foi questionado sobre como entende a ação das madeireiras para o município de Cascavel, o que respondeu:

**Jerônimo Rodrigues:** Olha, minha filha, se eu te falar a pura verdade, eu não sei se eu to mentindo ou falando errado, mas eu acho que se essas madeireiras, esses caras, esses “tubarão”, se essas pessoas pensar um pouco mais nós vamos morrer tudo queimado! Nós vamos acabar morrendo tudo queimado! Porque você tá vendo o tipo que tá vindo os calor, por que tá vindo esses calor? Porque não temos árvore pra suportar, pra resfriar o chão, que o calor tá vindo do chão, você não nota, você anda descalço aí na [inaudível] te cozinha toda a sola do pé, por que? Porque não tem sombra! Você vê, tem uma árvore aqui, mas lá por roda não tem nada, daí o que acontece? Resseca aquela terra lá e vem ressecando até no pé da árvore, a árvore chega a morrer, então se os “tubarões” não tiverem um pouco mais de piedade e no lugar de [inaudível] planta umas árvores, eu não sei! Não sei, sei lá se a gente às vezes pode, é que a gente não tem estudo, então a gente não pode se aprofundar muito de querer falar muita coisa, que às vezes tá falando coisa errada, mas eu acho que no meu ver, porque no tempo, do tipo que eu entrei naquele tempo aí, chovia na hora certa, dava mantimento nossa senhora e foi acabando, acabando e tá no que tá. Então não tá faltando água? Não tá faltando água? Naquele tempo tinha água em abundância onde é que você ia, nos matos lá onde nós morava onde é a terra do meu sogro onde quer tinha uma mina de água, hoje não tem mais! Desmataram tudo, tiraram tudo, a sombra então. Os animais que nem nós acabemos de falar há pouca hora, morreram, morreram e vão acabar morrendo, vão morrer mais porque não tem, não tem onde comer, daqui a tempo o cara fazia roça, nós fazia roça, nós deixava uma beira de milho lá, se deixasse lá no outro dia não tinha mais, os tatus comiam, os graxaim, passarinho, tudo o que é bichinho.<sup>371</sup>

Ao contrário dos outros entrevistados, que quando questionados sobre ação das madeireiras para o município de Cascavel destacaram elementos da contribuição delas para o desenvolvimento econômico do município ou acentuaram o descaso dos madeireiros para com este, Rodrigues discute as mudanças ocorridas em seu redor, que consegue observar através de sua experiência de vida: o calor que sente hoje parece ser maior, o clima não segue uma “lógica” e os animais já não são observados como antes. Diante disso, cabe citar as seguintes considerações de Thomson:

A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências

<sup>371</sup> Entrevista concedida por Jerônimo Rodrigues. op. cit., s/p.

relembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos, sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.<sup>372</sup>

Considerando, portanto, o caráter dinâmico da memória, deve-se compreender a narrativa de Rodrigues como uma elaboração sobre o passado permeada pelas concepções que a sociedade atual apresenta sobre a exploração do meio natural.

Por fim, deve-se levar em consideração que a narrativa de cada sujeito analisada aqui, a respeito da relação humanos/meio natural, diz muito sobre a posição atual destes e sobre suas experiências neste processo, como proprietários ou empregados do setor madeireiro. Alguns entrevistados apresentaram em suas narrativas questões problemáticas desta relação, que teriam causado impactos para todos. Outros preferiram narrar questões de mudanças sobre a possibilidade de uso do meio natural como fonte de matéria-prima para a espécie humana. No entanto, todos os relatos aqui analisados estão pautados na reconstrução do passado a partir do presente, em uma relação dinâmica da memória.

---

<sup>372</sup> THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. *Proj. História*, São Paulo, 15, p. 51-84, abr., 1997. p. 57.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou problematizar algumas das narrativas existentes sobre a atuação das indústrias madeireiras no município de Cascavel/PR, entre as décadas de 1950 a 1970. No primeiro capítulo foram analisadas duas obras da historiografia local, com objetivo de compreender como esta historiografia constrói uma história do município de Cascavel, ligada à ação das madeireiras.

Percebe-se que esta historiografia, ora aliada ao governo municipal, ora vinculada à própria estrutura acadêmica, constrói um sentido histórico em que a violência, os conflitos pela posse da terra e a destruição do meio natural ocorridos em Cascavel são apresentados como episódios e etapas de um processo que resultou no progresso econômico do município.

Alceu Sperança escreveu uma história para o município ligada à ação das madeireiras, em que todos os habitantes seriam contemplados pelas benesses dessas empresas. Vander Piaia, assim como Sperança, destaca a ação das madeireiras como um elemento que possibilitou o “progresso” ou “desenvolvimento” do município de Cascavel. Apesar de distinguir alguns elementos que vão além da simples ação econômica destas empresas, Piaia caracteriza o município antes da ação das madeireiras como o “sertão” violento e atrasado e após esta ação como a “cidade”: desenvolvida, civilizada.

No segundo capítulo procurou-se problematizar as narrativas sobre a ação das madeireiras a partir das entrevistas realizadas com sujeitos que estiveram envolvidos neste processo. Foram selecionados os trechos das narrativas que possibilitaram analisar questões referentes à atividade destas empresas, à propriedade da terra – de onde eram retiradas as árvores, as relações de trabalho, entre outros elementos.

Cabe destacar que quando os historiadores escolhem trabalhar com a memória, sobretudo a partir do método da história oral, eles abrem espaço para a atuação da experiência humana na construção do conhecimento histórico, possibilitando que os sujeitos discorram sobre suas próprias percepções sobre sua atuação no processo histórico<sup>373</sup>.

A seleção de sujeitos com diferentes atuações no processo de desmatamento no município de Cascavel possibilitou investigar distintas percepções sobre a atuação do setor madeireiro. Enquanto alguns entrevistados destacaram aspectos considerados positivos, tanto para sua vida, como para o restante da população, como a geração de empregos, outros deram ênfase a aspectos como os acidentes de trabalho.

---

<sup>373</sup> KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In FENELON, D. R. et al. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 125.

A entrevista de Fernandes José Liberali e de seu filho Gilmar Liberali permitiu perceber como um antigo proprietário do setor madeireiro narra sua ação. Para tais entrevistados a ação das madeireiras é percebida como um processo econômico, que posteriormente foi substituído por outro.

Nas entrevistas realizadas com Paulino Denardi e Jerônimo Rodrigues é possível entender como os sujeitos que atuaram como trabalhadores das madeireiras eram de origens diversas, podendo ser, em sua maioria, pessoas que antes atuavam como pequenos agricultores e que possuíam ou não propriedade da terra. Entretanto, estes entrevistados apresentaram em suas narrativas diferentes elementos, considerados a partir da posição atual que cada um ocupa. Denardi destacou sua ação junto à empresa *Sarolli* e sua história de vida entrelaçada a esta ação. Rodrigues abordou de forma mais detalhada aspectos ligados ao trabalho, esforço e ao sofrimento dos trabalhadores.

A entrevista realizada com Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis apresentou outros aspectos da ação das madeireiras, em especial a autoimagem que Amador constitui sobre si como um sujeito que soube aproveitar as oportunidades do mercado. Oneide narrou os elementos de sua vivência interligados ao setor madeireiro. Ambos apresentam percepções distintas sobre a ação das madeireiras, Oneide destacou elementos positivos desta ação para o município, enquanto o esposo construiu algumas críticas sobre isso.

No terceiro capítulo foram privilegiadas as narrativas que abordavam as percepções sobre as relações humanos/meio natural. O uso da história oral permitiu perceber que as concepções sobre o meio natural devem ser compreendidas levando-se em consideração o tempo e o espaço em que o sujeito está inserido e que a ação das madeireiras é relatada conforme a experiência de cada indivíduo, mas não como algo isolado do restante da sociedade.

Na narrativa de Fernandes José Liberali e seu filho Gilmar Liberali a percepção é que ocorreram mudanças, o que ocasionou que não se tenha mais a mesma quantidade de recursos gerados a partir da exploração da floresta como no passado. No entanto, estas mudanças ocorreram principalmente a partir da ação da agricultura.

Paulino Denardi também apresentou em sua narrativa elementos que denotam mudanças, pensadas no sentido econômico e utilitário a partir da exploração do meio natural. Para ele a culpa destas mudanças também não recai sobre as indústrias madeireiras, o desmatamento teria ocorrido a partir da agricultura. A paisagem que forma a região é descrita por Denardi a partir de seu envolvimento com o setor madeireiro, assim cada espécie de árvore é percebida a partir de sua função para as indústrias madeireiras.

Amador Franceis e Oneide F. Franceis narraram suas contribuições na ação de reflorestamento. Amador pareceu dispor de uma opinião negativa sobre as atuações de algumas madeireiras, que deixaram de cumprir com algumas obrigações, como a lei de reflorestamento.

Jerônimo Rodrigues apresenta vários elementos que formavam a paisagem da região e também sua percepção sobre as mudanças ocorridas. A partir do presente ele apresenta a ação das madeireiras, ressaltando questões negativas sobre a exploração do meio natural.

Gostaríamos de registrar que há possibilidade de continuidade da pesquisa sobre o tema. Um viés possível é a análise das fotografias digitalizadas pelo projeto de extensão *Ações para a higienização, catalogação e digitalização do acervo do Museu da Imagem e Som (MIS) do município de Cascavel*, em especial as que apresentam imagens sobre a ação de madeireiras e as interpretações que estão sendo elaboradas pela equipe do MIS sobre esse processo – visualizadas nas descrições das imagens. Outra possibilidade seria investigar os jornais impressos disponíveis na biblioteca pública municipal de Cascavel. O acervo possui periódicos publicados desde 1962 que noticiaram o processo de declínio da indústria madeireira no município.

Cabe informar que das seis entrevistas realizadas, em função das múltiplas possibilidades que tais narrativas apresentam, optamos por analisar só as quatro que avaliamos serem mais adequadas para os propósitos dessa dissertação. Assim sendo, entendemos que as fontes orais, por sua especificidade, constituem-se em um rico manancial para a realização de pesquisas relacionadas à história ambiental da região oeste do Paraná.

É preciso lembrar que quando se fala em desmatamento não se está apenas citando a perda de espécies de árvores que levaram centenas de anos para crescer, mas também se trata da morte de espécies de animais, insetos, fontes de água, bem como a perda da qualidade de vida dos seres humanos e da biodiversidade.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir para a reflexão acerca das formas como o meio natural foi e continua sendo transformado e narrado, pois como escreveu Keith Thomas “[...] é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas”<sup>374</sup>.

Acredita-se que, embora esta pesquisa não esgote todo o tema, ela possibilita uma nova compreensão sobre a ação das madeireiras no município de Cascavel/PR, focalizada não apenas nas questões econômicas desta ação.

---

<sup>374</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 20.

## FONTES

### a) Impressas:

Anúncios de jornal produzido pela prefeitura de Cascavel para divulgar as empresas, os comércios e profissões existentes na cidade. Disponível no Museu de Imagem e do Som de Cascavel (MIS): <<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>>.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social- IPARDES. *Áreas de indústrias no Paraná: situação atual e algumas orientações a municípios*. Curitiba, 1975.

CORDEIRO, Anselmo. *Os Pioneiros: a epopéia dos heróis que constroem a metrópole do oeste*. Cascavel: Casa da Letra, 2009.

FAUTH, Willy. *Tudo Sobre Cascavel: história, comercio, indústria, poder publico, entidades, informações, estatísticas*. Toledo: Grafo - set, V. 1, nº 2, 1973.

FRONTEIRA DO IGUAÇU, Cascavel terça-feira 27 maio de 1975, Ano V, nº 598. Acervo de jornais da biblioteca publica municipal de Cascavel.

JORNAL DO SINTRACOM, Londrina, maio 2007. Disponível em: <[www.fetraconspar.org.br\\_jornais\\_londrina\\_maio\\_madeira\\_07](http://www.fetraconspar.org.br_jornais_londrina_maio_madeira_07)> Acesso em: 02/07/2014.

PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O. da C. P.; IWAKE, S. *Criação dos Municípios e Processos Emancipatórios*. Disponível em: [http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo\\_03.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo_03.pdf). Acesso dia 20/05/2013.

SPERANÇA, Alceu. A. *Cascavel: a história*. Curitiba: lagarto, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cascavel: a história*. Cascavel: Positiva, 2011.

\_\_\_\_\_; SPERANÇA, C. *Pequena história de Cascavel e do oeste*. Cascavel: J.S. Impressora LTDA., 1980.

\_\_\_\_\_; SPERANÇA, R. *Cascavel: uma santa na encruzilhada*. Cascavel: ACL- Reprograf, 2012.

VIANA, Eugênio de Souza. *Máquinas e métodos de desmatamento*. Anápolis/GO, 2012. 17 p. Trabalho acadêmico (Seminário)- Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/eugenioviana9/mquinas-e-mtodos-de-desmatamento>>. Acesso em: 26/11/2014.

### b) Oraís:

Entrevista concedida por Fernandes José Liberali e Gilmar Liberali a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência de Fernandes José Liberali em 02 de abril de 2011.

Entrevista concedida por Paulino Denardi a Daniele Brocardo. Distrito do Rio do Salto - Cascavel/PR; residência de Paulino Denardi em 04 de dezembro de 2011.

Entrevista concedida por Amador Franceis e Oneide Frizzo Franceis a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência dos entrevistados em 07 de junho de 2013.

Entrevista concedida por Jeronimo Rodrigues a Daniele Brocardo. Cascavel/PR, residência da filha do entrevistado em 13 de setembro de 2013.

c) Sites consultados:

ARAUPEL, sustentabilidade. Disponível em: <<http://www.araupel.com.br/br/sustentabilidade/>>. Acesso em: 02/01/2015.

ARIPUANÃ município do Estado do Mato Grosso. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aripuan%C3%A3>>. Acesso em: 09/07/2014.

BAIRROS de Cascavel a partir das madeiras. Formação do Bairro Brasmadeira. Disponível em: <<http://www.psinacio.com.br/parquia/comunidades/brasmadeira/>>. Acesso em: 09/09/2014.

BITOLEIRO. Sobre a função na indústria madeira. Consultado Poder Judiciário Federal Justiça do Trabalho da 8ª região. Disponível em: <[www2.trt8.jus.br/std/Download.aspx?id=170803&nome](http://www2.trt8.jus.br/std/Download.aspx?id=170803&nome)>. Acesso em: 02/07/2014.

BRESOLIN. Disponível em: <<http://alysson7.wix.com/bresolin#!quem-somos/c8ui>>. Acesso em: 18/07/2014.

CEREJEIRA-DA-AMAZÔNIA (*Amburana acreana*) Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/313872/1/Circular134.pdf>>. Acesso em: 02/04/2015.

DICIONÁRIO online de português, palavras consultadas: “desperdício”, “destocar”, “malvadeza”. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 20/11/2014; 25/11/2014; 10/02/2015.

ECODEBATE: cidadania e meio ambiente. Pesquisa sobre *Serragem ajuda a despoluir rios*. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2008/09/20/serragem-ajuda-a-despoluir-rios/>>. Acesso em: 29/12/2014.

EMPAER-MT. Erosão. Disponível em: <<http://www.empaer.mt.gov.br/tecnologias/exibir.asp?cod=8>>. Acesso em: 26/11/2014.

EROSÃO. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/geografia/erosao.htm>>. Acesso em: 26/11/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Reportagem sobre desmatamento amazônico. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/824134-mais-de-70-do-desmatamento-amazonico-vira-lixo.shtml>>. Acesso em: 29/12/2014.

FUNDO das Nações Unidas: *Convention on biological diversity*. Nações Unidas: Nova Iorque, 1992, p. 28; MMA 2006. Pesquisa mostra crescimento da consciência ambiental no Brasil. IN: <<http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm>>. Acesso em: 15/11/2011.

GLOBO- famílias de Sem-Terra fazem nova ocupação de terras da Araupel. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/07/familias-de-sem-terra-fazem-nova-ocupacao-de-terras-da-araupel-no-pr.html>>. Acesso em: 05/08/2015.

GREGÓRIO DOTTO, durante anos de 1960 a 1968 foi um dos vereadores da prefeitura de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.cmfi.pr.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 13/05/2014.

IBAMA, histórico. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/acesso-a-informacao/historico>>. Acesso em: 07/10/2014.

INSTITUTO Brasileiro do Desenvolvimento Florestal e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0289.htm)>. Acesso em: 20/03/2015.

JORNAL DE COLOMBO: a notícia na hora certa. O Paranismo. Disponível em: <<http://www.jornaldecolombo.com.br/index.php/opiniaio/item/3626-o-paranismo>>. Acesso em: 24/03/2015.

LUPION, Moyses. Disponível em: <<http://cascavel.dihitt.com/n/artecultura/2009/03/06/lupion-o-homem-estado>>. Acesso em: 04/07/2014.

MADEIRA de lei e Madeira-branca. Disponível em: <[http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/duvidas\\_mais\\_freq%C3%BCentes\\_ibama.html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/natural/artigos/duvidas_mais_freq%C3%BCentes_ibama.html)>. Acesso em: 18/07/2014.

MUSEU de Imagem e do Som de Cascavel (MIS). Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/acervo.php>>. Acesso em: 08/09/2014.

PARQUE Nacional do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/36-patrimonio-natural-da-humanidade.aspx>>. Acesso em: 10/06/2014.

PROGRAMA de desenvolvimento integrado do município de Cascavel. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/seplan/pagina.php?id=527>> e <http://www.cascavel.pr.gov.br/plano-governo.php>. Acesso em: 18/06/2014.

REFLORESTAMENTO OBRIGATÓRIO: Legislação e aplicação. Disponível em: <<http://www.educacao.cc/ambiental/reflorestamento-obrigatorio-legislacao-e-aplicacao>>. Acesso em: 20/03/2015.

REFLORESTAMENTO OBRIGATÓRIO: Lei Federal. Disponível em: <<http://meioambiente.culturamix.com/gestao-ambiental/reflorestamento-obrigatorio-lei-federal>>. Acesso em: 20/03/2015.

RESERVA da biosfera da mata atlântica. MAB. UNESCO. Disponível em: <[http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno\\_20.pdf](http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/caderno_20.pdf)>. Acesso em: 25/11/2014.

THE IUNC Red List of Threatened Species. *Araucaria angustifolia*. Disponível em: <[www.iucnredlist.org](http://www.iucnredlist.org)>. Acesso em: 10/01/2013.

TÍTULO de cidadão honorário de Cascavel à Alceu Sperança: Disponível <<http://www.camaracascavel.pr.gov.br/leis/Main.php?idlei=1964>>. Acesso em: 10/04/2013.

VERMELHO portal. Cerca de 3 mil famílias Sem Terra ocuparam área da Araupel no Paraná. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/245960-8>>. Acesso em: 09/12/2014.

*WEBSITE* da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) lançamento livro *Terra, sangue e ambição*: a gênese de Cascavel, escrito por Vander Piaia. Disponível em: <<http://cac-php.unioeste.br/cnu/node/1570>>. Acesso em: 22/01/2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMY, Irene Spies. *Formação e organização política da classe dominante agrária: A sociedade Rural do Oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon, 2010. 173 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

\_\_\_\_\_. A formação e organização política de uma fração agrária de classe dominante na região Oeste. *Espaço Plural*. Ano XII, nº 25 2º semestre 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. *TEORIA & PESQUISA*. São Carlos-SP. V. XVI, p. 95-110. nº 02 JUL/DEZ DE 2007.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre e história e a memória*. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

BARTHELMESS, Artur. Estado do Paraná: Aspectos geo-econômicos. In: Boletim do instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, p.39 e 40, vol. VII, fasc. 3-4, Curitiba, 1958, apud: BALHANA, A. P; MACHADO, B. P; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Editôra Paraná Cultural Ltda. 1969.

BOURDIEU, Pierre. A força da representação. In:\_\_\_\_\_. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRAND, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. *História Unisinos*, São Leopoldo/RS, V.15, nº1, p. 80-90, jan.-abril. 2011.

BRANNSTROM, Christian. The timber trade in Southeastern Brazil, 1920-1960. *Bulletin of American Research*, Malden/MA/USA, vol. 24, nº 3, 2005.

BRITEZ, Ricardo Mirando de. Aspectos ambientais a serem considerados na restauração da floresta com Araucária no Estado do Paraná. *Pesq. Flor. Bras*, Colombo, n 55, jul/dez, 2007, p. 39.

BROCARD, Carlos Rodrigo; GALETTI, Mauro. Defaunação na mata dos Pinhais e consequências para a regeneração de *Araucaria angustifolia*. In: 7º CBMZ Congresso Brasileiro de Mastozoologia. *Caderno de Resumos*, Gramado/RS 2014.

BROIETTI, Marcos Henrique. *Os assalariados rurais temporários da cana*. São Caetano: King Graf, Francisco Beltrão: Ed. do Autor, 2003.

CARVALHO, Ely Berço de. A História Ambiental e a "crise ambiental" contemporânea: um desafio político para o historiador. *Revista Esboços*, Florianópolis, v11, nº11, p.105-116, 2004.

\_\_\_\_\_; NODARI, Eunice Sueli. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007.

CARVALHO, Miguel M. X. de. *O desmatamento das florestas de araucária e o Médio vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Florianópolis, 2006, 202 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

\_\_\_\_\_. *Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com Araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)*. Florianópolis, 2010. 313 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

\_\_\_\_\_; NODARI, Eunice Sueli. *A Lumber, o Contestado e a história do desmatamento da floresta de araucária (1911-1950)*. Disponível site: Rede Brasileira de História Ambiental <http://www.historiaambiental.org/?p=443>. Acesso 15/09/2014. p.12.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *As Origens da Indústria Madeireira e do Desmatamento da Floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu (1884-1920)*. *Cadernos do CEOM*, Ano 21, nº 29 – Bens Culturais e ambientais. 2008.

CASTELLA, P. R.; BRITEZ, R. M. *A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CESCO, Susana. *Desmatamento e migração no Alto Vale do Rio do Peixe: discussões sobre “progresso” e transformação ambiental*. Florianópolis/SC, 2005, 135 p. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

DRUMMOND, José Augusto. *A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, nº8, 1991.

DUMKE, Ediane Teresinha. *A importância do ciclo madeireiro nos primórdios da colonização da região oeste do Paraná: 1930-1970*. Cascavel, 2004. Trabalho acadêmico (TCC) - Curso de Ciência Econômica, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

FELIPPI, Eduardo Ernesto. *Reforma agrária: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

FENELON, D. R. et al. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERRI, Gil Karlos; NODARI, Eunice Sueli; MORETTO, Samira Peruchi. *A indústria madeireira e os impactos socioambientais em Anita Garibaldi SC (Século XX)*. In: 3º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2014, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: 2014.

FILHO GUBERT, Francisco A. *O desflorestamento do Paraná em um século*. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=79>. Acesso em: 13/11/2014.

FREITAG, Liliane. *Região Editada: história territorial em narrativas de Paraná*. In: SALES, J. R.; FREITAG, L.; FILHO, M. (orgs.) *Região: espaço, linguagem e poder*. São Paulo: Alameda, 2010.

GANCHO, Cândida Vilares et al. A posse da terra. São Paulo: Ática, 1991.p.7. Apud. BROIETTI, Marcos Henrique. *Os assalariados rurais temporários da cana*. São Caetano: King Graf, Francisco Beltrão: Ed. do Autor, 2003.

GREGORY, Valdir. Colono. In: MOTTA. Márcia (Org.) *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAWSNICKER, Claudia. Produção jornalística impressa em Cascavel na década de 70: dilema entre independência editorial e interesses político-econômicos. *Ciências Sociais em Perspectiva*, Toledo/PR, V. 7, nº12, 1º semestre de 2008.

\_\_\_\_\_. *Correio D' Oeste, A Verdade e Diário do Oeste*. Jornalismo político-partidário em Cascavel (PR) na década 50. *Revista Pj: Br jornalismo Brasileiro*, São Paulo, Ed:07, 2º semestre de 2006. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia7\\_c.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia7_c.htm)>. Acesso em: 10/04/2013.

KARPINSKI, Cezar. Paisagem, meio ambiente e História: cataratas do Iguaçu e recursos florestais na história do Paraná (1905-1914). *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon. V. 15, p. 45-81. 2º semestre de 2011.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In FENELON, D. R. et al. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

KOLING, P. J. Terra e Poder: possibilidades e perspectivas. *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon, V. 13, 1º semestre, 2009.

LAVALLE, A. M. *A madeira na economia paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1981.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento - extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, nº 18, 1º semestre 2008.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva; NODARI, Eunice Sueli. “O que é da natureza não se mexe”: memória e degradação ambiental na Lagoa de Sombrio-SC (1960-2010). *História Oral*, V. 1, nº 15, p.55-80, jan.-jun. 2012.

MARIANO, Maicon. Sociedade e Meio Ambiente: discursos sobre a “Era da madeira” In: 2º Simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2012, Florianópolis. *Anais*: Florianópolis, 2012.

MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957)*. Porto Alegre, 2007. 257 p. Tese (Doutorado em História) – PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no oeste paranaense (1961/66)*. Niterói/RJ, 2002. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense.

OLIVEIRA, Dennison de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançado*, São Paulo, V. 24, nº 68, Fevereiro, 2010.

PEREIRA, Carina Cerutti. *O discurso ambiental como “marketing verde”*: um passeio pelo o que é lido e visto nas mídias. Santa Maria/RS, 2008. 50 p. Monografia de Especialização (Educação Ambiental) UFSM.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, V. 5. N 10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, V. 2, N 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz história oral diferente. *Proj. História*, São Paulo, vol. 14, 1997.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, nº 15, Abrir. 1997.

\_\_\_\_\_. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.2, p.53-72, dez.1996.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teoria da etnicidade*: seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

PRADO, Daniel Porciúncula. *A figueira e o machado*: uma história das raízes do ambientalismo no sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler. Rio Grande: FURG, 2011.

RIBEIRO, M. C. et al. The brazilian atlantic forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, V. 142, 2009.

RIBEIRO, S.; AUGUSTO, F. J.; KLUTHCOVSKY, A. C. G. C. Acidentes de trabalho na indústria madeireira de uma cidade do Paraná: análise das comunicações de acidentes de trabalho. *Revista Salus*, Guarapuava(PR), 2009.

RONCAYOLO, Marcel. “Região”. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

SALLES, Jefferson de Oliveira; LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. A Floresta como negócio: histórias do setor industrial madeireiro do Paraná. In: Encontro da Rede de Estudos Rurais, 5, 2012, Belém. *Anais Desenvolvimento ruralidades e ambientalização*: paradigmas e atores em conflito. Belém 2012.

SANTOS, Nicheli Rodrigues. “Meio Ambiente, use mas não abuse”: concepções e práticas em educação ambiental da/na revista *Amigos da Natureza* (2001/2012). Marechal Cândido Rondon/PR. 2013. 192 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHLACHTA, Marcelo Hansen. *O MST e a questão ambiental: uma cultura política em movimento*. Marechal Cândido Rondon, 2008, 179 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

SCHNELL, Rogério. *O ciclo da madeira no Paraná*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-2.pdf>. Acesso em: 30/10/2012.

SCHREINER, Davi Felix. *Entre a exclusão e a utopia*. Um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. (região sudoeste/oeste do Paraná). São Paulo, 2002. 461p. Tese- (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo.

SIMSON, O.R.M. Imagem e Memória In: SAMAIN, E. *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. Um rancho, uma espelunca, um lar! o aparato institucional da *Lumber Company* e o caso de sua fábrica na vila operária, Três Barras de 1911-1940. In: SOCHODOLAK, H; KLANOVICZ, J; NETO, J. M.A. (Orgs.) *Regiões, imigrações, identidades*. Ponta Grossa, PR: ANPUH-PR, 2011.

\_\_\_\_\_. “O pessoal da Lumber!” um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929. Florianópolis, 2006. 207p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconpondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, nº 15, Abrir. 1997.

\_\_\_\_\_; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre a memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T.(org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.